

FACULDADE CANÇÃO NOVA

Larissy Vieira da Costa

The Chosen: Análise fílmica com ênfase na direção de arte

Cachoeira Paulista

2024

Faculdade Canção Nova

Larissy Vieira Da Costa

The Chosen: Análise fílmica com ênfase na direção de arte

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de bacharelado em Comunicação Social - Rádio e TV pela Faculdade Canção Nova, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Alckmin Prudente.

**CACHOEIRA PAULISTA
2024**

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus pais, minha família, cuja sabedoria, amor incondicional e apoio constante me inspiraram a seguir em frente. Vocês são os alicerces da minha jornada e os maiores incentivadores dos meus sonhos.

Aos futuros profissionais de Rádio e TV que, como eu se apaixonam pelo mundo da direção de arte, dedico este trabalho como uma forma de incentivar a criatividade, a busca pela excelência e a importância de contar histórias visuais que emocionem e transformem vidas. Que este trabalho inspire vocês a explorar as infinitas possibilidades dessa arte tão rica e desafiadora.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder força, perseverança e sabedoria ao longo de toda essa jornada. Sem Sua presença e graça em minha vida, nada disso teria sido possível. A Nossa Senhora de Lourdes, a quem confiei este trabalho, por sua intercessão, proteção e por me guiar com amor e fé nos momentos de dificuldade. Sinto-me abençoada por tê-la como inspiração e amparo.

Aos meus pais, Aliéte e João Roque, que sempre foram minha base e sustentação. Vocês me ensinaram o valor do esforço, da ética e do amor, me incentivaram a seguir meus sonhos e me apoiaram incondicionalmente em cada decisão. Todo meu amor e gratidão a vocês, que estão presentes em cada conquista. Ao meu irmão Lemeul Joan, minha cunhada Maria Costa e aos meus sobrinhos, Maria Elisa e José Lucas, por serem uma fonte constante de alegria e inspiração, obrigada pelas orações.

Aos amigos que trilharam essa caminhada comigo, seja nos momentos de descontração, nas conversas de incentivo, cada conversas em ligações em vídeo chamadas. Cada um de vocês teve um papel fundamental e me ajudou a continuar mesmo quando o cansaço e saudade parecia maior que a vontade.

Aos professores que me guiaram academicamente, sou grata pelo conhecimento transmitido e por cada lição que contribuiu para meu desenvolvimento. Em especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Henrique Alckmin, por sua paciência, dedicação e apoio ao longo do processo, por acreditar em meu potencial e me encorajar a ir além. Este trabalho é resultado de todos que estiveram ao meu lado, seja com palavras de incentivo, exemplos de superação ou simplesmente pela presença em minha vida. A cada um de vocês, meu mais sincero agradecimento.

Tu, que alcançastes as mais altas ciências, não pela via intelectual, mas sim pelas vias místicas, ajudai-nos nos nossos estudos e no desejo mais sincero de conhecer a Deus. Ensinai-nos a descobrir em Jesus o caminho da sabedoria. Amém!

São José de Cupertino, rogai por nós!

Resumo

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo discutir os principais elementos que compõem a direção de arte no campo audiovisual, como cenografia, figurinos, iluminação, paleta de cores, e como cada um desses componentes se relaciona com os personagens. Essa abordagem teórica - prática une o aprendizado. Foi realizada uma revisão de literatura sobre a evolução do cinema e as teorias relacionadas à sua linguagem visual e narrativa, pesquisa bibliográfica, leituras, fichamentos, levantamento da fundamentação teórica. A série tem a difícil tarefa de retratar eventos bíblicos, exigindo uma representação visual que seja tanto historicamente precisa quanto culturalmente ressonante. Para essa análise, foi escolhida a série *The Chosen*, dirigida por Dallas Jenkins, como objeto de estudo. Através da aplicação de uma análise fílmica, será investigado como a série utiliza elementos visuais para dialogar com o público, transmitindo mensagens e reforçando a narrativa. O trabalho visa compreender como a imagem, por meio da direção de arte, constrói significados e impacta a experiência do espectador.

Palavras-chave: Análise fílmica; Cenário; Dallas Jenkins; Figurino; Paleta de cores; Série.

Abstract

The purpose of this Final Course Project is to discuss the main elements that comprise art direction in the audiovisual field, such as set design, costumes, lighting, and color palette, and how each of these components relates to the characters. This theoretical-practical approach bridges learning and application. A literature review was conducted on the evolution of cinema and theories related to its visual and narrative language, involving bibliographic research, readings, note-taking, and theoretical foundation gathering. The series faces the challenging task of portraying biblical events, requiring a visual representation that is both historically accurate and culturally resonant. For this analysis, the series *The Chosen*, directed by Dallas Jenkins, was selected as the object of study. Through the application of film analysis, the study will investigate how the series utilizes visual elements to engage the audience, convey messages, and reinforce the narrative. The project aims to understand how image, through art direction, builds meaning and impacts the viewer's experience.

Keywords. film analysis; set design; Dallas Jenkins; costumes; color palette; series.

Lista de Figuras

Figura 1 - Aplicativo The Chosen para acesso.....	28
Figura 2 - Cartaz do cinema, natal com The Chosen.....	29
Figura 3 - Cartaz da série no cinema 4ª temporada.....	30
Figura 4 - Cartas Filme paixão de Cristo.....	48
Figura 5 - Jack Sully, aprendendo a montar no cavalo Pa'l.....	49
Figura 6 - Resumo das cores e significados.....	50
Figura 7 - A Rocha Sobre a Qual é Construída I.....	62
Figura 8 - A Rocha Sobre a Qual é Construída II.....	66
Figura 9 - A Rocha Sobre a Qual é Construída III.....	67
Figura 10 - A Rocha Sobre a Qual É Construída IV.....	69
Figura 11 - A Rocha Sobre a Qual É Construída V.....	70
Figura 12 - A Oportunidade Perfeita I.....	71
Figura 13 - A Oportunidade Perfeita II.....	73
Figura 14 - A Oportunidade Perfeita III.....	73
Figura 15 - A Oportunidade Perfeita IV.....	76
Figura 16 - A Oportunidade Perfeita V.....	77
Figura 17 - Limpo, parte II / I.....	80
Figura 18 - Limpo II.....	82
Figura 19 - Limpo, parte II III.....	83
Figura 20 - Limpo, parte II IV.....	86
Figura 21 - Limpo, parte II V.....	87
Figura 22 - Humilde I.....	88
Figura 23 - Humilde II.....	90
Figura 24 - Humilde III.....	92
Figura 25 - Humilde IV.....	92
Figura 26 - Humilde V.....	95

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – CINEMA: A GRANDE TELA	16
1.1. Cinema e Aspectos Técnicos	20
1.2. O Gênero Épico.....	22
1.3. As Representações de Jesus Cristo no Cinema: Breve Histórico	24
1.4 <i>The Chosen</i> no Cinema e em Outras Telas.....	26
CAPÍTULO 2 – DIREÇÃO DE ARTE.....	31
2.1. Elementos da Direção de Arte Aplicados na Análise Realizada	39
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE ELEMENTOS DE DIREÇÃO DE ARTE EM <i>THE CHOSEN</i>	51
3.1. Aspectos Gerais dos Elementos da Direção de Arte.....	53
3.2. Análise das Cenas com Foco na Direção de Arte.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	100

INTRODUÇÃO

A arte cinematográfica é uma considerável ferramenta para contar histórias e a direção de arte desempenha um papel central na criação do universo visual que dá vida a essas narrativas. Em produções que exploram temas profundamente enraizados na história e na cultura, como a série *The Chosen*, a direção de arte se torna ainda mais crucial. *The Chosen*, dirigida por Dallas Jenkins, não é apenas mais uma representação da vida de Jesus Cristo, é uma obra que se distingue pela sua abordagem inovadora, focada em humanizar Jesus Cristo e seus seguidores, e em explorar as histórias de maneira íntima e relacional. Neste contexto, a direção de arte não se limita a recriar o mundo antigo; este fator busca transportar o espectador para a Palestina do primeiro século, oferecendo uma experiência visual que é, ao mesmo tempo, autêntica e emocionalmente envolvente.

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa investigar como a direção de arte em *The Chosen*, contribui para a análise dos elementos visuais que compõem a série, mostrando como são utilizados para construir um cenário que vai além da simples recriação histórica. Estes elementos visuais, como a direção de arte, a fotografia os objetos de produção, criam uma atmosfera imersiva que transmite as emoções e a espiritualidade dos personagens, enriquecendo a experiência do espectador. Através do uso cuidadoso da iluminação, cores e composição de cena, a série não apenas reflete a realidade da época, mas também destaca aspectos simbólicos e temáticos que fortalecem a narrativa. Com uma abordagem que combina rigor histórico e criatividade artística, a direção de arte em *The Chosen* emerge como um componente vital na construção de uma narrativa que é tão visualmente cativante quanto espiritualmente significativa. Este estudo visa explorar as várias camadas dessa construção visual, investigando como a direção de arte não apenas apoia a narrativa, mas também a eleva, criando um ambiente onde o passado e o presente se encontram em uma experiência cinematográfica única.

A direção de arte, responsável por conceber a linguagem visual de um filme, desempenha um papel crucial na criação de uma compreensão mais profunda da imagem em movimento. Cada elemento na direção de arte é essencial para a interpretação psicológica e emocional dos personagens.

O objetivo desta pesquisa é realizar uma análise detalhada nas cenas selecionadas da direção de arte em *The Chosen*, com foco em como os elementos visuais contribuem para a autenticidade histórica e a construção narrativa da série. A pesquisa visa avaliar a precisão dos cenários e adereços, analisar o uso de paletas de

cores e iluminação, e compreender como a direção de arte ajuda a criar uma experiência visualmente coesa e emocionalmente ressonante, conectando os espectadores tanto com a história de Jesus Cristo quanto com os temas universais da série.

Diante do interesse desta Pesquisa pelos conceitos visuais e plásticos da direção de arte, foram observados e analisados, cuidadosamente, os componentes visuais e seus detalhes em cenas selecionadas da série *The Chosen*, dirigida por Dallas Jenkins. Essa série, ao explorar a vida de Jesus Cristo de maneira inovadora e acessível, foca nas histórias dos personagens ao redor de Jesus Cristo, como: Pedro, Mateus, Maria Madalena e Nicodemos, oferecendo uma visão mais humana e relacional da figura de Jesus Cristo.

Na série *The Chosen*, que aborda a vida de Jesus Cristo através de uma lente mais humana e relacional, a direção de arte assume uma função essencial, conferindo uma interpretação mais íntima e tangível da figura de Jesus Cristo.

Essa a bordagem diferenciada exigiu um trabalho de direção de arte que fosse capaz de recriar com autenticidade o mundo da Palestina do primeiro século, ao mesmo tempo em que se conecta emocionalmente com o público contemporâneo.

A análise fílmica permite identificar aspectos notáveis que contribuem para a construção narrativa, estética e emocional de uma obra audiovisual. No caso de *The Chosen*, uma das séries mais inovadoras sobre a vida de Jesus Cristo, a direção de arte desempenha um papel essencial na criação de uma experiência imersiva e autêntica para os espectadores. Essa análise busca entender como os elementos de direção de arte, como cenografia, figurino, iluminação e paleta de cores, são utilizados para recriar a Terra Santa de dois mil anos atrás. Mais do que uma reconstituição histórica, a direção de arte em *The Chosen* também estabelece um diálogo visual com as sensibilidades do público contemporâneo, que espera autenticidade, emoção e relevância cultural em obras desse gênero. A problemática central da pesquisa está em investigar como esses elementos artísticos não apenas ajudam a construir um mundo visualmente crível, mas também contribuem para aprofundar a narrativa bíblica e a conexão emocional com os espectadores. A direção de arte em *The Chosen* contribui para a construção da narrativa? Como os elementos de direção de arte transportam os espectadores para a Terra Santa de dois mil anos atrás? Os elementos visuais reforçam a profundidade da narrativa bíblica?

Analisar a direção de arte em *The Chosen* é relevante por diversas razões. Primeiro, a série tem a difícil tarefa de retratar eventos bíblicos, exigindo uma representação visual que seja tanto historicamente precisa quanto culturalmente

ressonante. A fidelidade na recriação do período e do contexto geográfico é crucial para que a narrativa alcance sua profundidade e autenticidade. Além disso, a série utiliza essa precisão histórica para criar uma conexão mais forte e imersiva com os espectadores, tornando a experiência de assistir a *The Chosen* mais envolvente e realista. A direção de arte em *The Chosen* molda a narrativa através de uma cuidadosa escolha de elementos visuais: adereços, cenários, figurinos, e paletas de cores, que não apenas refletem a época histórica, mas também reforçam os temas e emoções da série. Cada cenário é projetado para enriquecer a trama, criando ambientes que não só parecem autênticos, mas que também servem como extensões dos personagens. O uso de cores e iluminação é particularmente importante para estabelecer o tom emocional de cada cena, guiando o público através das complexidades da narrativa de maneira quase imperceptível.

A recriação da Terra Santa em *The Chosen* é feita com uma atenção minuciosa aos detalhes históricos e culturais. A direção de arte busca precisão na representação dos locais e paisagens, utilizando a geografia da região como um pano de fundo autêntico para a narrativa. Além disso, a diversidade cultural e social do período é destacada através da interação entre diferentes grupos étnicos, costumes e tradições, proporcionando uma visão rica e multifacetada da vida na época de Jesus Cristo. Elementos como a paleta de cores e a iluminação em *The Chosen* são fundamentais, por exemplo, para criar a atmosfera emocional da série. As cores são escolhidas cuidadosamente para simbolizar emoções e estados de espírito, enquanto a iluminação define o clima de cada cena, seja para evocar serenidade, tensão, esperança ou desespero. Essas escolhas visuais são essenciais para envolver o espectador e para transmitir de maneira eficaz os subtextos emocionais da narrativa.

A produção audiovisual de *The Chosen* tem se destacado não apenas pelo conteúdo envolvente, mas também pela forma inovadora como foi distribuída para o público. Disponível gratuitamente por meio do aplicativo denominado *Angel Studios*, a série representa um marco no acesso ao entretenimento religioso, utilizando os meios digitais para alcançar uma audiência global.

A série *The Chosen* foi lançada por meio de um aplicativo gratuito desenvolvido pela *Angel Studios*, permitindo que qualquer pessoa com acesso à internet possa assistir à série sem custos. Essa estratégia de distribuição é uma inovação significativa no mercado audiovisual que, tradicionalmente, depende de assinaturas ou de aquisição para o acesso a conteúdo de qualidade. Ao utilizar o modelo de *pague o que puder*, a série democratiza o acesso a narrativas bíblicas, permitindo que uma audiência

diversificada, independentemente de sua condição econômica, possa consumir o conteúdo.

Nas plataformas de streaming *The Chosen* se diferencia por uma abordagem centrada no espectador. A série foi desenvolvida com base no financiamento coletivo, o que não só viabilizou a produção, mas também criou uma comunidade engajada em torno do projeto. O formato de distribuição digital também facilita o compartilhamento e a recomendação, expandindo o alcance globalmente. Em um mercado saturado por conteúdos variados *The Chosen* se destaca por oferecer uma experiência narrativa imersiva e acessível, com alta qualidade técnica e profundidade histórica.

Os meios digitais transformaram as formas como o público consome conteúdo audiovisual. Plataformas de streaming têm se tornado a principal forma de acesso a filmes e séries, influenciando hábitos culturais e moldando novas formas de interação com produtos culturais. A série *The Chosen* aproveita esse cenário para alcançar um público que, de outra forma, poderia não se interessar por narrativas religiosas tradicionais. Além disso, a série usa as redes sociais e outras ferramentas digitais para fomentar discussões e reflexões entre os espectadores, promovendo uma forma de engajamento cultural e de sustentação do próprio produto, que vai além da simples visualização. Outro aspecto notável da série *The Chosen* é a fidelidade aos hábitos, aos costumes e ao idioma da época de Jesus Cristo. A série apresenta um retrato autêntico da vida no primeiro século da Era Cristã, incluindo elementos culturais e sociais que muitas vezes são negligenciados em outras produções. Essa atenção ao detalhe histórico não só enriquece a experiência narrativa, mas também educa o público sobre as realidades do período bíblico. Ao mergulhar os espectadores na cultura e nos desafios da época, a série *The Chosen* oferece uma compreensão mais profunda dos eventos e personagens retratados, contribuindo para uma apreciação mais informada das histórias bíblicas.

Através da formação na Faculdade Canção Nova, enquanto discente do Curso de Comunicação Social, Rádio e Televisão, quando teve a oportunidade de explorar a direção de arte em disciplinas práticas e em projetos audiovisuais. Uma experiência particularmente significativa foi sua viagem à Terra Santa, onde visitou locais sagrados e históricos que ampliaram seu entendimento sobre a representação visual desses espaços em *The Chosen*. Essa vivência, combinada com sua trajetória acadêmica e prática, inspirou uma investigação profunda sobre como a série *The Chosen* recria esses cenários e sobre a importância da direção de arte na construção do universo fílmico.

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca, portanto, proporcionar uma compreensão mais profunda de como os elementos visuais da direção de arte são fundamentais para a construção da narrativa fílmica e para a comunicação eficaz com o espectador.

A escolha do tema surgiu a partir de uma conexão entre o interesse pela direção de arte e experiências acadêmicas anteriores realizadas em âmbito da disciplina História da Comunicação¹. Durante o curso desta disciplina houve um estudo aprofundado sobre filmes históricos como *Cruzada (Kingdom of Heaven, Estados Unidos, Ridley Scott, 2005)*, que retratam cenários religiosos e espirituais, reforçando o interesse pelas narrativas visuais em produções épicas. Além disso, uma viagem à Terra Santa² foi uma experiência significativa, proporcionando um olhar mais profundo sobre os cenários e a ambientação histórica que influenciam tanto a narrativa quanto a representação visual em filmes e séries.

A opção pela modalidade monografia permitiu uma análise mais detalhada e focada, com a possibilidade de explorar em profundidade a série *The Chosen* e como a direção de arte contribui para o impacto emocional e simbólico da narrativa. Essa abordagem teórica-prática une o aprendizado da disciplina História da Comunicação e as experiências reais vivenciadas, culminando em um trabalho que busca entender o papel essencial da direção de arte na construção de significados no campo audiovisual. Foi realizada uma revisão de literatura sobre a evolução do cinema e as teorias relacionadas à sua linguagem visual e narrativa. Obras de autores como Carlos Gerbase, Jacques Aumont, Michel Marie, Vera Hamburger são centrais para entender o desenvolvimento do cinema, sua base técnica e estética, bem como a evolução da direção de arte no cinema épico. A revisão bibliográfica também explora como a direção de arte, por meio da composição de cenários, figurinos, iluminação e elementos simbólicos, influencia a construção de significados nos filmes e detalhes de filmes do gênero épico e de produções que retratam a vida de Jesus Cristo, com ênfase na direção de arte quanto pela cuidadosa construção visual.

Este trabalho acadêmico consiste em uma análise fílmica detalhada de episódios selecionados da série *The Chosen*. A escolha dos episódios é baseada em sua relevância para a compreensão dos elementos de direção de arte que compõem a narrativa e o impacto emocional e simbólico sobre o espectador. São analisados cenas

¹ Disciplina cursada no segundo semestre de 2022.

² Viagem realizada em maio de 2023.

específicas dentro desses episódios que melhor exemplificam o uso de cenografia, figurinos, paleta de cores, iluminação, fotografia e objetos de cena.

Cada episódio e cena são examinados com o objetivo de identificar como as escolhas visuais dialogam com a história e os personagens, focando em como a direção de arte contribui para a construção simbólica e emocional da série. Além disso, é utilizado um quadro comparativo para observar como esses elementos evoluem ao longo da trama, destacando o papel da direção de arte na criação de uma experiência imersiva para o espectador. Essa análise é realizada por meio da observação direta das imagens, fazendo uso de ferramentas de análise fílmica e referências teóricas sobre direção de arte. Este procedimento visa proporcionar uma leitura crítica dos elementos visuais, demonstrando seu papel na narrativa e na construção de significados dentro da série.

Este trabalho também explora como a direção de arte impacta a construção simbólica e emocional de uma produção audiovisual. Isso significa analisar como as escolhas visuais como cenários, cores, figurinos e objetos de cena, ajudam a transmitir sentimentos e significados mais profundos. Em *The Chosen* as escolhas visuais não apenas criam uma ambientação histórica, mas também ajudam a conectar o espectador com a emoção e a espiritualidade da narrativa, reforçando temas como fé, sacrifício e redenção com o intuito de mostrar como essas decisões artísticas enriquecem a experiência do público ao dar camadas simbólicas à história.

CAPÍTULO 1 – CINEMA: A GRANDE TELA

O cinema é marcado por inovações tecnológicas, transformações estéticas e mudanças culturais que refletem e, por vezes, moldam as sociedades ao longo do século XX e além. Desde as primeiras exhibições de filmes mudos até a era do cinema digital, o desenvolvimento dessa forma de arte e mídia de massa tem sido objeto de estudo e debate entre teóricos e críticos. Desde a sua origem no final do século XIX, tem se consolidado como uma das formas mais impactantes de expressão artística e comunicação de massa. A evolução dessa arte reflete as mudanças sociais, tecnológicas e culturais, que são fundamentais para a compreensão das diversas teorias do cinema que surgiram ao longo do tempo.

O cinema surge ao final do século XIX, com a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière em 1895. Inicialmente, os filmes eram curtas-metragens documentais, muitas vezes chamados de *vistas*, que mostravam cenas do cotidiano.

O cinema, ou cinematografia, tem suas raízes etimológicas no grego, onde *kinos* significa movimento e *grafos* refere-se a escrever ou gravar. Essa arte consiste na técnica de projetar uma sequência rápida de fotogramas, criando assim a ilusão de movimento. A fase inicial do cinema ocorreu entre as décadas de 1890 e 1900, quando os primeiros cineastas começaram a experimentar dispositivos que revolucionariam essa forma de arte desde sua invenção.

Em 1891, William-Kennedy Laurie Dickson, sob a supervisão de Thomas Edison, desenvolveu o cinetoscópio, uma máquina que permitia assistir a filmes curtos, graças à invenção de uma película de celulose que armazenava imagens. Paralelamente, os irmãos Auguste e Louis Lumière criaram o cinematógrafo, um aparelho capaz de filmar e projetar películas fotográficas. Embora a invenção seja amplamente atribuída aos irmãos Lumière, há registros que indicam que o cinematógrafo foi originalmente inventado pelo francês Léon Bouly em 1892, que posteriormente perdeu o registro de patente.

Os irmãos Lumière começaram a produzir curtas-metragens que capturavam cenas do cotidiano, sendo pioneiros ao projetar um filme de 45 segundos intitulado *Sortie de l'Usine Lumière à Lyon* (Empregados Deixando a Fábrica Lumière) no Grand Café em Paris, no final de dezembro de 1895, marcando assim um momento histórico na trajetória do cinema.

Entre 1894 e 1930, o cinema foi caracterizado pelas produções mudas, período conhecido como a Era do Cinema Mudo. Esse tipo de cinema era visto como uma forma

de entretenimento popular, onde a narrativa dependia exclusivamente de imagens em movimento. Essas produções muitas vezes eram acompanhadas por música ao vivo ou por narradores que contavam a história durante a exibição do filme.

Nesse período, alguns diretores se destacaram, como Charles Chaplin (1977), que, além de ser um renomado diretor, era também um famoso ator do cinema mudo, conhecido por suas expressivas mímicas. Outros nomes importantes incluem Georges Méliès (1938) e Buster Keaton (1966), ambos contribuindo significativamente para a evolução dessa arte:

O cinema mudo é, antes de tudo, uma época do cinema, que acabou por volta de 1930; de um ponto de vista estético e crítico, é uma forma de arte diferente do cinema falado. Já que a ausência de falas audíveis caminhava junto com o desenvolvimento de procedimentos visuais que o cinema falado utiliza pouco ou nunca (AUMONT & MARIE, 2003, p. 48).

O fato de o cinema mudo não ter som influenciou diretamente a estética e o estilo desse período. Como não havia diálogo sonoro, o foco estava nas expressões faciais dos atores e nas imagens com textos que ajudavam a contar a história de forma visual.

No final dos anos 1920, surgiu a Era do Cinema Sonoro, marcada pela introdução do som no cinema, especialmente com o filme *The Jazz Singer* (O Cantor de Jazz). Esse filme utilizou um sistema de som sincronizado, onde som e imagem eram reproduzidos em sincronia. Apesar dessa inovação, alguns elementos do cinema mudo ainda permaneciam, como o uso de textos em tela, embora agora os diálogos falados também fizessem parte das produções.

Essa evolução teve um grande impacto no público, destacando a importância do som no cinema, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de trilhas sonoras e diálogos.

Bignotto comenta que o som no cinema tem o papel de guiar a atenção do público e provocar emoções, deixando os espectadores encantados. No entanto, embora muitos vissem o som como um avanço, ele foi alvo de críticas por parte de cineastas influentes, como Charles Chaplin e Sergei Eisenstein, que temiam que o cinema perdesse sua arte e fantasia.

Chaplin, por exemplo, resistiu a incorporar o som em seus filmes até a década de 1930. Mesmo assim, as tentativas de sincronizar som e imagem continuaram representando um grande desafio nas filmagens, devido à necessidade de um cuidado especial com os detalhes.

A conexão entre som e imagem no cinema tornou-se fundamental ao ponto de esses elementos serem considerados inseparáveis. Juntos, eles desempenham um papel crucial na criação da experiência cinematográfica, sendo essenciais para a construção do imaginário do espectador. A sincronização entre som e imagem não apenas enriquece a narrativa, mas também influencia diretamente as emoções e sensações do público, permitindo uma imersão profunda que mistura o real com o imaginário.

O marco inicial dessa transformação ocorreu em 1927, com o lançamento de um filme que revolucionou a forma como as histórias eram contadas no cinema. O principal objetivo dessa nova abordagem era envolver o espectador em uma narrativa ficcional que não apenas fosse visualmente convincente, mas que também utilizasse o som para criar uma ilusão ainda mais poderosa.

Conforme afirmado por estudiosos, a introdução do som no cinema representou um avanço significativo, refinando o sistema cinematográfico para aumentar o ilusionismo e a identificação do público com a narrativa. Tornar audível o que já estava sendo visto na tela ajudou a tornar as histórias mais críveis e a intensificar o envolvimento emocional do espectador. Dessa forma, o cinema sonoro não só aprimorou a experiência cinematográfica, mas também redefiniu a maneira como as histórias são contadas, tornando o ato de assistir a um filme uma experiência mais completa e envolvente.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, o mercado europeu de cinema enfraqueceu, o que permitiu que a indústria cinematográfica dos Estados Unidos se fortalecesse. Durante as décadas de 1920 a 1950, os EUA experimentaram um período de grande prosperidade, impulsionado pelo surgimento do cinema falado, o que marcou o início da Era de Ouro de Hollywood.

Nessa época, a produção de filmes se concentrou na Califórnia, onde grandes estúdios dominaram a indústria, formando o grupo conhecido como *Big Five*. Esse grupo era composto por estúdios como: *Paramount*, *20th Century Fox*, *Universal Studios*, *RKO* e *MGM (Metro-Goldwyn-Mayer)*. Esses estúdios estabeleceram um monopólio no cinema, transformando-o em uma significativa indústria, que continua a ser uma força dominante até os dias de hoje, com uma produção anual de cerca de 600 a 800 filmes.

Na década de 1950, na França, surgiu um movimento importante para a história do cinema moderno chamado *Nouvelle Vague* ou *Nova Onda*. Esse movimento foi liderado por cineastas como Jean-Luc Godard e François Truffaut, que trouxeram uma nova perspectiva à narrativa cinematográfica. Tais cineastas rejeitavam as abordagens

tradicionais de Hollywood, que consideravam ultrapassadas e sem inovação, e buscavam uma maior liberdade artística, promovendo um cinema mais autoral e experimental.

A valorização do cinema autoral, que deu origem ao termo *cinema de autor*, aconteceu devido a várias inovações. Essas incluíram a ruptura com a narrativa tradicional linear, a preferência por filmagens em locais externos, o foco em temas do cotidiano, e a ênfase no improvisado. Além disso, novas técnicas de filmagem foram introduzidas, como o uso de movimentos dinâmicos de câmera, edição mais rápida e o emprego de câmeras portáteis, todas essas características definem o movimento da *Nouvelle Vague*.

Os cineastas dessa época também incorporaram elementos da cultura pop em suas produções, trazendo um frescor e originalidade ao cinema. Embora o movimento tenha enfrentado críticas e resistência, os filmes da *Nouvelle Vague* alcançaram grande reconhecimento mundial e exerceram uma influência duradoura no cinema, moldando-o de maneiras significativas desde então:

No rastro, notadamente, da "Nouvelle Vague" francesa de 1959-1962 e de seu sucesso internacional, designaram-se por essa expressão, na década seguinte, muitos movimentos de renovação mais ou menos profunda de cinematografias nacionais, principalmente europeias ("cinema novo" tcheco, polonês) e sul-americanas (Brasil, Chile) [...] (AUMONT ET.AL, 2003, p. 49- 50).

Desde a década de 1970 até os dias atuais, o cinema entrou na era contemporânea, marcada por uma evolução constante e sofisticada. Com o avanço tecnológico, o cinema passou a incorporar uma ampla gama de efeitos visuais e sonoros, gráficos inovadores, cores vibrantes e formatos diversos. Esses desenvolvimentos tecnológicos não só enriqueceram a estética dos filmes, mas também abriram portas para a criação de novos gêneros e estilos narrativos. A evolução dos efeitos especiais e das técnicas de som permitiu que os cineastas explorassem novas formas de contar histórias, proporcionando experiências visuais e auditivas mais imersivas para o público. Além disso, a tecnologia também influenciou a maneira como os filmes são distribuídos e consumidos. Com o surgimento de novas plataformas e métodos de distribuição, como streaming e exibições digitais, o acesso aos filmes se tornou mais diversificado e acessível. Essas inovações transformaram o cinema contemporâneo em um meio dinâmico e em constante mudança, refletindo as tendências culturais e tecnológicas da era atual. A narrativa cinematográfica agora pode

explorar uma gama mais ampla de temas e estilos, oferecendo ao público experiências cada vez mais complexas e envolventes:

Sobre o cinema podemos dizer muitas coisas: que é técnica, indústria, arte, espetáculo, divertimento, cultura. Depende do ponto de vista do qual o consideramos. Cada um deles é igualmente fundamentado e não pode ser negligenciado (COSTA, 2003, p. 28).

O cinema é uma forma de arte que encanta e cativa pessoas de todas as idades. Ele oferece experiências emocionantes e memoráveis, impactando cada espectador de maneira pessoal e única. Através de histórias e imagens, o cinema cria mundos imaginários e fantasias que ajudam a moldar a imaginação do público.

O final do século XX e o início do século XXI marcaram a transição para o cinema digital. A introdução de efeitos especiais avançados e a mudança para a produção digital transformaram a maneira como os filmes são feitos e consumidos. Filmes como *Matrix* (1999), de Lana e Lilly Wachowski, e *Avatar* (2009), de James Cameron, exemplificam essa nova era de inovação tecnológica e narrativa.

O cinema além de proporcionar entretenimento, o cinema desempenha um papel vital na cultura de uma região. Ele reflete e influencia as emoções, valores e experiências da sociedade, contribuindo para a formação de identidades culturais e para a expressão de ideias e sentimentos coletivos. Assim, a sétima arte não apenas diverte, mas também enriquece a cultura local e global, tornando-se um meio poderoso para a comunicação e a conexão entre as pessoas.

1.1. Cinema e Aspectos Técnicos

O cinema é compreendido como uma linguagem que se utiliza de outras linguagens, apresentando-se como um mecanismo de intervenção social. Gerbase (2012) define cinema como qualquer sequência de imagens em movimento com ou sem som sincronizado, contando ou não uma estória/história, utilizando diversas tecnologias, como os instrumentos necessários para a filmagem, a sonorização e a iluminação. Ainda segundo Gerbase (2012) aos poucos vem surgindo no Brasil uma preocupação com o uso do cinema. O autor salienta que, muito mais do que teórica, a aprendizagem do cinema, no contexto de produção de cinema precisa ser prática, vivida e experimentada. Para aprender cinema “só tem um jeito: fazendo filmes, errando e aprendendo com os erros”. (GERBASE, 2012. p. 120).

Carlos Gerbase argumenta que o cinema é uma arte eminentemente técnica, construída a partir da manipulação de dispositivos tecnológicos para capturar e projetar imagens em movimento. No entanto, o autor ressalta que o cinema vai muito além de

sua base técnica: trata-se de uma arte complexa que envolve a construção de uma linguagem visual e narrativa. O cinema, segundo o autor (GERBASE, 2012) é a combinação de várias artes como: fotografia, teatro, música e literatura sintetizadas para contar uma história através de imagens dinâmicas. Esse caráter interdisciplinar é o que permite ao cinema explorar as emoções humanas de maneiras inovadoras, utilizando enquadramentos, montagem e som para criar experiências sensoriais e emocionais profundas. O cinema possui uma linguagem própria, com códigos visuais que evoluíram desde os primeiros filmes. Esses códigos, como a montagem e o uso da câmera, permitem ao cinema contar histórias de maneira única, sem a necessidade de diálogo ou textos explicativos. O autor explica que a montagem, por exemplo, é uma técnica fundamental que permite ao cineasta manipular o tempo e o espaço, construindo significados que vão além do que é capturado em cada tomada isoladamente. Para Gerbase (2012) o cinema é uma forma de comunicação que fala diretamente aos sentidos e à mente, usando imagens em movimento para construir narrativas complexas e suscitar interpretações variadas. Um ponto central para Gerbase (2012) o cinema desde suas origens, esteve relacionado à ideia de capturar a realidade de forma fiel, especialmente com as primeiras experiências dos irmãos Lumière. No entanto, Gerbase (2012) ressalta que o cinema não se limita a uma simples reprodução do real. Ao contrário, argumenta que o cinema tem o poder de reconfigurar a realidade, que é apresentada de forma representativa, interpretativa ou imaginária. Assim, o cinema se torna uma arte que não apenas retrata o mundo, mas o transforma, oferecendo novas maneiras de enxergá-lo:

Você não tem o direito, nem a capacidade, de dizer que seu primeiro (ou último) filme é uma obra de arte. Quem decide é o espectador, depois de assisti-lo. Sua mãe não é o espectador mais importante e poderoso que o cinema, mas ele pode estar errado. (Gerbase, 2012, p. 34.).

De acordo com o Gerbase (2012) o cinema explora o impacto social e cultural do cinema, destacando seu papel como uma das formas mais influentes de comunicação de massa no século XX. O cinema, na visão do autor, molda comportamentos, influencia modos de pensar e reflete as dinâmicas de poder e mudança social de cada época. Ao mesmo tempo, o cinema também se adapta às demandas da sociedade, espelhando suas inquietações e aspirações. Segundo Gerbase (2012) o cinema é um fenômeno cultural capaz de transcender fronteiras geográficas e linguísticas, alcançando uma audiência global e criando diálogos interculturais:

Vou chamar genericamente de 'filme' qualquer sequência de imagens em movimento com som sincronizado que conta uma história. Não importa a duração, o suporte ou a forma de veiculação. Não importa se é um longa produzido e exibido em 35mm, ou um curta em vídeo de um minuto gravado e editado num celular. O desafio é o mesmo: contar uma história e encantar o espectador. (GERBASE,2012. p. 23.)

Diante disso Gerbase (2012) afirma que o cinema é uma forma de arte complexa e multifacetada, que une técnica, narrativa e linguagem visual para criar experiências emocionais e intelectuais. Mais do que um meio de registrar a realidade, o cinema é um espaço de reinvenção, onde a narrativa audiovisual tem o poder de moldar percepções e provocar reflexões profundas. O cinema como uma arte em constante evolução, capaz de dialogar com o mundo e com as transformações culturais, sociais e tecnológicas, permanecendo relevante e impactante ao longo do tempo.

1.2. O Gênero Épico

O gênero épico no cinema remonta às primeiras décadas do século XX, especialmente com o advento das produções em larga escala e orçamentos elevados. O épico é caracterizado por contar histórias grandiosas, muitas vezes baseadas em acontecimentos históricos, mitológicos ou lendários, envolvendo grandes conflitos, conquistas ou jornadas heróicas. Filmes desse gênero são conhecidos por sua magnitude visual, locações extensas, cenários imponentes e elencos numerosos, geralmente abordando temas universais como coragem, sacrifício, fé e a luta entre o bem e mal.

A obra pioneira *Cabiria* (1914), de Giovanni Pastrone, é frequentemente citada como um dos primeiros exemplos de cinema épico. No final dos anos 1950 e início dos anos 1960 o gênero épico alcançou o auge com produções como: *Os Dez Mandamentos* (1956), *Ben-Hur* (1959) e *Lawrence da Arábia* (1962).

No contexto acadêmico autores como José Carlos Aronchi de Souza e Silvana Goltino têm se debruçado sobre a classificação de gêneros e formatos no campo audiovisual com uma ênfase especial na televisão:

Os gêneros no cinema, na televisão e na literatura não se expressam de forma pura, sem alterações. Pelo contrário, alguns autores, entre os quais Jane Feuer, afirmam que os gêneros se encontram em constante mudança e redefinição. histórico da sua produção, para reconhecer os gêneros da sua época. (ARONCHI,2004. p. 51)

Os autores explicam como a categorização dos gêneros, incluindo o épico, muitas vezes segue princípios estruturais e narrativos que transcendem plataformas,

sendo aplicados tanto no cinema quanto na televisão. Embora Arlindo Machado, José Carlos Aronchi e a Silvana Goltino concentrem suas pesquisas na televisão, eles apontam que o cinema épico se destaca pelo seu grande tamanho e pela capacidade de incluir cenários grandiosos, muitos personagens, e histórias complexas, geralmente sobre grandes eventos históricos ou aventuras épicas. Na televisão, essas características são menos exploradas devido às limitações de orçamento, que restringem a criação de grandes cenários e efeitos especiais, e ao tempo reduzido para desenvolver histórias tão amplas e detalhadas como as do cinema épico:

É preciso (também) pensar a televisão como o conjunto dos trabalhos audiovisuais (variados, desiguais, contraditórios) que a constituem, assim como o cinema é o conjunto de todos os filmes produzidos e a literatura o conjunto de todas as obras literárias escritas ou oralizadas, mas sobretudo daquelas obras que a discussão pública qualificada destacou para fora da massa amorfa d trivialidade. O contexto, a estrutura externa, a base tecnológica também contam, é claro, mas eles não explicam nada se não estiverem referidos àquilo que mobiliza tanto produtores quanto telespectadores: as imagens e os sons que constituem a mensagem televisual. (MACHADO, 2008, p. 26).

O gênero épico é usado para criar experiências cinematográficas profundamente envolventes, onde o público é convidado a participar emocionalmente das lutas e triunfos dos protagonistas. É comum que filmes épicos utilizem uma narrativa não linear ou em grande escala temporal. A grandiosidade do gênero se manifesta não apenas no enredo, mas também na produção, com uso extensivo de efeitos especiais, cenários majestosos e trilhas sonoras impactantes. Essa capacidade de mesclar narrativa, visual e som para criar um impacto emocional torna o gênero épico um dos mais significativos no cinema. O gênero épico não apenas entretém, mas também desafia o espectador a refletir sobre questões humanas universais, utilizando a grandiosidade de suas histórias para explorar o íntimo do espírito humano. Assim, o gênero épico continua a fascinar audiências ao redor do mundo, seja em grandes produções cinematográficas ou em séries televisivas que adotam esta essência para as narrativas. Essas obras, como *The Chosen*, desempenham um papel crucial na formação da identidade cultural, especialmente em uma sociedade multicultural como a do Brasil, onde diferentes histórias e perspectivas se entrelaçam, proporcionando uma reflexão profunda sobre fé, valores e pertencimento.

O cinema é uma forma de arte que encanta e cativa público de todas as idades, oferecendo experiências emocionantes e memoráveis, impactando cada espectador de maneira pessoal e única. Através de histórias e imagens, o cinema cria mundos imaginários e fantasias que ajudam a moldar a imaginação do público.

Além de entreter, o cinema tem um papel importante em refletir e influenciar a cultura de uma região. Reflete e influencia as emoções, valores e experiências da sociedade, contribuindo para a formação de identidades culturais e para a expressão de ideias e sentimentos coletivos. Assim, a sétima arte não apenas diverte, mas também enriquece a cultura local e global, tornando-se um meio eficaz para a comunicação e a conexão entre o público:

Os gêneros têm história. Essa história está ligada ao desenvolvimento de determinada região ou país. Por isso um programa ou show de televisão devem ser identificados de acordo com o período. (ARONCHI, 2004. p. 50.)

1.3. As Representações de Jesus Cristo no Cinema: Breve Histórico

As representações de Jesus Cristo no cinema e nas telas refletem uma diversidade de abordagens que variam conforme o contexto histórico, cultural e teológico de cada produção. Desde os primeiros filmes mudos até as grandes superproduções contemporâneas, a figura de Jesus Cristo tem sido retratada de maneiras que vão desde o mais estrito respeito ao texto bíblico até interpretações mais livres e alegóricas.

As primeiras representações de Jesus Cristo no cinema surgiram no início do século XX, durante a era do cinema mudo. Filmes como *La Vie et la Passion de Jésus Christ* (1903), dirigido por Ferdinand Zecca e Lucien Nonguet, e *From the Manger to the Cross* (1912), dirigido por Sidney Olcott, buscaram retratar a vida de Jesus Cristo de maneira reverente e devocional. Nessas produções a figura de Jesus Cristo era frequentemente idealizada, com foco em sua divindade, e os recursos técnicos limitados da época resultaram em uma narrativa simples e direta, destinada a um público predominantemente cristão.

Com o a evolução do cinema sonoro e o auge da Era de Ouro de Hollywood, as representações de Jesus Cristo tornaram-se mais grandiosas e espetaculares. Filmes como *The King of Kings* (1927), dirigido por Cecil B. DeMille, e *Ben-Hur* (1959), dirigido por William Wyler, destacaram-se por suas produções épicas e elaboradas. Nesses filmes Jesus Cristo é frequentemente retratado de forma distante e quase etérea, enfatizando sua divindade e seu papel como salvador. A grandiosidade das produções, com cenários imponentes e trilhas sonoras emocionantes, buscava inspirar reverência e admiração.

Somente na década de 1960 as representações de Jesus Cristo começaram a refletir uma visão mais humanizada e contestadora. Filmes como *King of Kings* (1961), dirigido por Nicholas Ray, *The Gospel According to St. Matthew* (1964), dirigido por Pier

Paolo Pasolini, e *Jesus Christ Superstar* (1973), dirigido por Norman Jewison, apresentaram Jesus Cristo como uma figura revolucionária, engajada socialmente e próxima dos marginalizados. As interpretações de Jesus Cristo no cinema continuaram com uma tendência crescente em retratá-lo de forma realista e introspectiva. É o caso de filmes como *The Last Temptation of Christ* (1988), dirigido por Martin Scorsese, e *The Passion of the Christ* (2004), dirigido por Mel Gibson, que exploraram não apenas a divindade de Jesus Cristo, mas também suas dúvidas, sofrimentos e dilemas humanos.

Na maioria das produções, a vida de Jesus Cristo é abordada a partir de seu ministério público, muitas vezes começando com seu batismo por João Batista no Rio Jordão. *A Paixão de Cristo* (2004), que se concentra nos últimos anos de sua vida, tem foco na crucificação e ressurreição. Essas obras frequentemente enfatizam o sofrimento de Jesus Cristo, destacando sua natureza divina e seu papel redentor.

Por outro lado, filmes como *Jesus de Nazaré* (1977), dirigido por Franco Zeffirelli, optam por uma abordagem mais abrangente, começando a história desde a natividade e retratando eventos da infância e da juventude. Essa obra, em particular, se destaca pela atenção aos detalhes culturais e históricos da época, ao mesmo tempo em que constrói um retrato de Jesus Cristo que equilibra suas características humanas e divinas.

As representações de Jesus Cristo também variam em termos de aparência física e caracterização. Tradicionalmente é representado com traços que remetem às representações artísticas ocidentais: cabelos longos, barba, pele clara, e uma expressão serena e compassiva. Essa imagem é visível em produções como *A Maior História de Todos os Tempos* (1965) e na performance icônica de Robert Powell em *Jesus de Nazaré* (1977). No entanto, adaptações mais recentes têm buscado retratar Jesus Cristo com características mais próximas do contexto geográfico e étnico em que ele viveu, como é visto na série *The Chosen*. Essas variações refletem não apenas a pluralidade de visões sobre Jesus Cristo, mas também como o cinema tem servido como um espelho das preocupações espirituais e culturais de cada época, explorando o impacto de sua figura tanto como líder religioso quanto como símbolo universal de fé e redenção. Além disso, alguns filmes e séries oferecem interpretações mais simbólicas ou filosóficas da figura de Jesus Cristo.

A figura de Jesus Cristo tem sido uma presença constante no cinema e nas telas ao longo dos anos, refletindo não apenas interpretações teológicas, mas também as transformações sociais e culturais de cada época. A cronologia dessas representações

de Jesus Cristo revela como as mudanças estéticas, narrativas e tecnológicas influenciaram a forma como Jesus Cristo é retratado, culminando na abordagem inovadora apresentada em *The Chosen*.

Em 2019 a série *The Chosen* dirigida por Dallas Jenkins, trouxe uma evolução significativa na forma como Jesus Cristo é retratado nas telas. A série adota uma abordagem mais relacional e acessível, apresentando Jesus Cristo como uma figura profundamente humana, envolvida em interações cotidianas com seus discípulos e a comunidade ao seu redor. A direção de arte, o roteiro e a atuação colaboram para criar uma representação de Jesus Cristo que é ao mesmo tempo fiel ao contexto histórico e ressonante para o público moderno. *The Chosen* destaca-se por seu compromisso em explorar a vida e o ministério de Jesus Cristo de maneira íntima, permitindo que os espectadores se conectem emocionalmente com a narrativa.

As interpretações de Jesus Cristo no cinema e nas telas têm evoluído significativamente ao longo do tempo, refletindo as mudanças culturais, sociais e tecnológicas de cada época. Desde as primeiras representações devocionais no cinema mudo até as abordagens grandiosas de Hollywood, passando pela humanização nas décadas de 1960 e 1970, e chegando à perspectiva relacional da série *The Chosen*, cada fase dessa evolução contribuiu para uma compreensão mais rica e diversificada da figura de Jesus Cristo. Ao compreender essa evolução cronológica, é possível observar como o cinema e as produções televisivas têm moldado e sido moldados pela percepção cultural de uma das figuras mais influentes da história.

1.4 *The Chosen* no cinema e em outras telas

The Chosen é uma série de televisão Cristã estadunidense de drama histórico baseada na vida de Jesus Cristo. Foi criada, dirigida e co-escrita por Dallas Jenkins. É a primeira série com múltiplas temporadas sobre a vida de Jesus Cristo. Ambientada principalmente na Judeia e na Galileia no Século I, a série centra-se em Jesus Cristo pela perspectiva das diferentes pessoas que o conheceram, seguiram ou interagiram de alguma forma com ele. A série é estrelada por Jonathan Roumie como Jesus Cristo, ao lado de Shahar Isaac, Elizabeth Tabish, Paras Patel, Noah James e George H. Xanthis.

The Chosen é um drama histórico baseado na vida de Jesus Cristo, através dos olhos de quem O conheceu. *The Chosen* surgiu de um episódio criado por Dallas Jenkins em 2017. O surgimento da série *The Chosen* marca um ponto significativo na história das produções audiovisuais de conteúdo religioso. Desde o início, a série destacou-se não apenas pela abordagem inovadora da vida de Jesus Cristo, mas também pela maneira como foi financiada e produzida. Com sua proposta de explorar

as histórias bíblicas sob uma nova perspectiva, *The Chosen* se consolidou como um projeto independente que chegou às telas com um modelo transformador, desafiando os padrões tradicionais de produção e distribuição de conteúdo audiovisual, quebrando paradigmas. A série foi idealizada para mostrar um lado mais íntimo e realista dos eventos bíblicos, diferenciando-se das grandes produções épicas anteriores que frequentemente colocavam ênfase na grandiosidade dos milagres e na divindade de Jesus. O diretor Dallas Jenkins queria que *The Chosen* fosse mais que uma produção religiosa tradicional com o intuito de capturar o impacto pessoal de Jesus sobre as pessoas que Ele encontrou.

A série começou como um projeto de baixo orçamento, lançado a partir de um curta-metragem produzido por Dallas Jenkins chamado *The Shepherd* (O Pastor) lançado em 2017. Esse curta-metragem foi criado como parte de uma apresentação para a igreja local de Dallas Jenkins, situada no estado do Texas, Estados Unidos, durante o Natal e acabou viralizando após ser compartilhada no ambiente digital. O sucesso inesperado de *The Shepherd* gerou o interesse de diversas pessoas, levando ao embrião do que viria a ser *The Chosen*. Uma das inovações mais notáveis de *The Chosen* foi a maneira como o projeto foi financiado. Dallas Jenkins e sua equipe optaram por um modelo de financiamento coletivo (crowdfunding), que permitiu que a série fosse produzida sem depender de grandes estúdios ou investidores tradicionais. Esse método de financiamento demonstrou um alto grau de engajamento por parte do público, alcançando mais de 10 milhões de dólares na primeira fase, tornando-se o maior projeto de mídia financiado por crowdfunding da história.³ Esse financiamento direto do público deu aos criadores a liberdade criativa necessária para desenvolver a série de acordo com sua visão, sem as pressões típicas de estúdios ou redes televisivas.

No início a série foi apoiada por empresas como *Angel Studios*, uma produtora independente especializada em conteúdo de temática Cristã. A *Angel Studios* ajudou a distribuir a série por meio de um aplicativo próprio, o que permitiu um acesso gratuito, mas com uma proposta de *pague se puder* (*pay-it-forward*), em que os espectadores poderiam contribuir financeiramente para permitir que outras pessoas assistissem gratuitamente.

³ Fonte: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9e8x0rjn1go>>. Acesso em: 15 abr. 2024.



Figura 1 - Aplicativo The Chosen para ter acesso.

Fonte: <https://www.thechosen.tv/en-us/explore/how-to-watch-the-chosen-season-4-app> Acesso em: 15 set. 2024.

Com o sucesso das primeiras temporadas, *The Chosen* cresceu exponencialmente alcançando uma audiência global. A série, que inicialmente foi distribuída através do aplicativo dedicado, expandiu a presença para outras plataformas, como YouTube e serviços de *streaming*, garantindo uma disseminação ainda maior. Além disso, a série foi traduzida para vários idiomas, ampliando o alcance em diferentes culturas.

O sucesso crescente de *The Chosen* culminou em parcerias mais ambiciosas e na sua transição para as telas do cinema. Um exemplo notável foi o lançamento do especial natalino *The Messengers*, em 2021, que retratou o nascimento de Jesus Cristo e foi exibido nos cinemas dos Estados Unidos. O filme alcançou um sucesso impressionante, entrando nas listas de bilheteria ao lado de grandes produções de Hollywood, o que foi uma conquista notável para uma série inicialmente independente. A exibição cinematográfica de *The Chosen* provou a relevância da série como uma obra que transcende a televisão, atraindo um público diversificado que vai além dos espectadores cristãos. O especial de Natal da série cristã *The Chosen* alcançou um novo recorde de bilheteria nos cinemas dos Estados Unidos. Intitulado *Natal com The Chosen: O Mensageiro*, o filme se tornou o mais lucrativo da distribuidora Fathom Events com 8 milhões de dólares⁴ arrecadados até o momento.

Inicialmente, a Fathom Events planejou exibir o filme por apenas dois dias, mas devido ao sucesso, a exibição foi estendida até 10 de dezembro. A venda dos ingressos, que começou no início de novembro, bateu recorde logo nas primeiras 12 horas,

⁴Fonte: <https://www.thechosen.tv/en-us/explore/how-to-watch-the-chosen-season-4-app>. Acesso em: 15 set. 2024

arrecadando 1,5 milhões de dólares após uma transmissão ao vivo com o diretor da série, Dallas Jenkins.

Derral Eves, produtor executivo de *The Chosen*, afirmou que o filme promete oferecer uma experiência incrível, retratando o nascimento de Jesus através da perspectiva de Maria e José e destacando os desafios que eles enfrentaram.



Figura 2 - Cartaz do cinema, natal com The Chosen

Fonte: <https://ecbpublishing.com/the-chosen-christmas-special-for-theaters-breaks-record/>

Acesso em: 15 set. 2024.

Atualmente, *The Chosen* continua a explorar novos caminhos de distribuição, com exibições nos cinemas, plataformas de streaming e através de parcerias com redes de televisão. Esse crescimento reflete a evolução das produções audiovisuais contemporâneas, que não se limitam mais a um único meio de distribuição, mas abraçam a convergência de mídias para alcançar o maior número possível de espectadores.

The Chosen destaca-se não apenas pela temática, mas pela maneira como inovou em um setor que frequentemente depende de grandes orçamentos e das grandes corporações da indústria. O modelo de financiamento coletivo demonstrou a força do engajamento comunitário e o sucesso nas bilheteiras de cinema prova que há uma demanda crescente por conteúdo que traga uma abordagem reflexiva e humanizada da religião.

A série oferece um exemplo relevante para os estudos de produção audiovisual, especialmente no que diz respeito à estratégia que explora o poder das redes sociais e do *crowdfunding* para viabilizar produções. Além disso, o formato de distribuição híbrido, que combina um aplicativo proprietário com plataformas convencionais e o cinema, revela uma nova forma de distribuição de conteúdo que pode ser explorada por futuras produções.

Por fim, a proposta de Dallas Jenkins de representar Jesus Cristo de forma mais humana e acessível tem ressoado com o público, diferenciando *The Chosen* de outras produções. Ao focar nas histórias pessoais dos seguidores de Jesus Cristo, Dallas Jenkins trouxe uma nova dimensão à narrativa bíblica, permitindo que o público se conecte de forma mais profunda com as figuras do Novo Testamento.

The Chosen é um exemplo marcante de como a criatividade, inovação e envolvimento comunitário podem reconfigurar o panorama das produções audiovisuais religiosas. A trajetória da série, desde o financiamento coletivo até o lançamento nos cinemas, exemplifica como é possível inovar em um setor altamente competitivo, mantendo-se fiel a uma visão criativa singular. A série não só abriu novas portas para o conteúdo Cristão, mas também mostrou como a independência financeira e criativa pode ser um fator crucial para o sucesso em escala global.

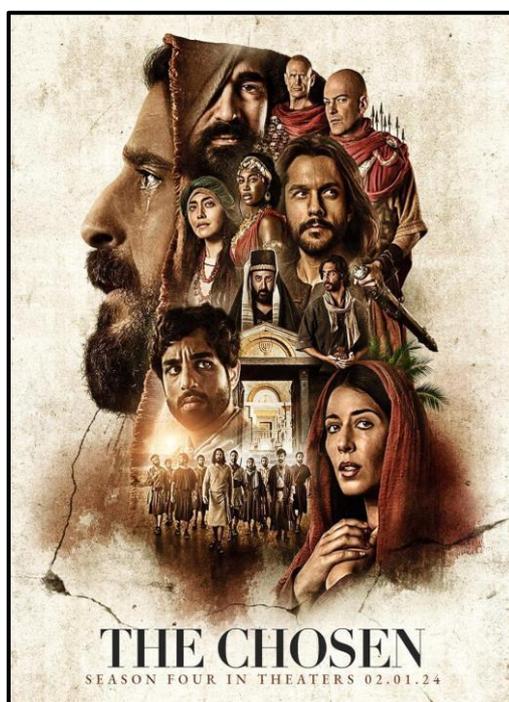


Figura 3 - Cartaz da série no cinema 4ª temporada

Fonte: <https://www.cinemark.com.br/filme/the-chosen-os-escolhidos>
Acesso em: 15 set. 2024

CAPÍTULO 2 – DIREÇÃO DE ARTE

A direção de arte no cinema refere-se à concepção e criação do ambiente visual que compõe um filme ou série. O diretor de arte é o profissional responsável pela coordenação estética do projeto, trabalhando em conjunto com o diretor e o diretor de fotografia para construir um espaço visual que traduza, de forma concreta, a narrativa proposta. Essa construção inclui a criação de formas, texturas, cores e profundidades, todas elaboradas de acordo com o roteiro e as demandas da obra audiovisual. Em suma, a direção de arte não se limita apenas à decoração de cenários, mas envolve a transformação da narrativa e dos personagens em imagens coerentes, oferecendo ao espectador uma experiência visual rica e detalhada. Segundo Hamburger (2014, p. 19), o diretor de arte também é responsável pela pesquisa do contexto no qual a história se passa, buscando garantir um senso de autenticidade e verdade. Isso implica que o diretor de arte deve interpretar e adaptar os temas narrativos, personagens e a própria história em elementos visuais que englobam a arquitetura, decoração, tonalidade e textura do cenário. Cada detalhe é meticulosamente pensado para colaborar na imersão do espectador, permitindo uma percepção completa do ambiente narrativo.

Além da criatividade e visão artística, o trabalho da direção de arte exige conhecimento técnico e familiaridade com os processos de produção audiovisual. A criação dos cenários e elementos visuais é baseada em técnicas precisas, que, em conjunto com o trabalho dos outros membros da equipe, dão sentido à história contada na tela:

Extrapolando o chamado “padrão de beleza”, o “belo” cinematográfico está ligado à criação de conflitos visuais que tornem a imagem instigante, a ponto de envolver o espectador naquilo que vê, fazendo-o acreditar na autenticidade do mundo ficcional que lhe é apresentado (HAMBURGER, 2014, p.19).

O termo direção de arte foi cunhado em 1939, quando o produtor David O. Selznick atribuiu esse título a William Cameron Menzies, em reconhecimento ao trabalho no filme *E o Vento Levou*⁵. Diferentemente de outros profissionais da época, Menzies desempenhou um papel muito mais abrangente do que simplesmente projetar locações e cenários. Foi responsável pela visualização detalhada de cada cena por meio de storyboards, integrando cor, estilo, enquadramento, composição e movimentos de câmera. Sua abordagem inovadora transformou a maneira como a imagem cinematográfica era concebida. William Cameron Menzies não apenas decorou

⁵ Victor Fleming, Estados Unidos, 1939.

cenários; ele criou um modelo visual completo para guiar a narrativa do filme. Sua visão incluiu a incorporação da cor e do movimento, o que permitiu que a estética do filme fosse estruturada de maneira a reforçar a história. Essa contribuição expandiu a função do diretor de arte, que passou a ser visto como uma peça-chave na visualização global do filme, participando ativamente da criação da imagem e do movimento dentro da narrativa audiovisual. Por sua significativa contribuição, William Cameron Menzies é amplamente considerado o *pai* da direção de arte. O trabalho deste profissional em *E o Vento Levou* redefiniu o papel do diretor de arte no cinema, dando origem ao conceito moderno dessa função, que passou a englobar não só a criação de cenários, mas também a visualização completa do filme.

Em termos históricos, a direção de arte se consolidou como uma função vital dentro da produção cinematográfica, evoluindo ao longo das décadas para se tornar um dos pilares essenciais na construção da narrativa visual de um filme ou série. Hoje, o diretor de arte colabora diretamente com a equipe de produção para garantir que todos os elementos visuais estejam alinhados com o conceito estético e a intenção narrativa do projeto audiovisual:

Agora, a maioria dos filmes - tanto de orçamento grande quanto de orçamento baixo e produções independentes - assumem o cargo de designer de produção, seguido por diretores de arte e uma equipe de artesãos do departamento de arte (LOBRUTTO, 2002, p. 2).

A terminologia relacionada às funções da direção de arte no cinema, como *production designer* e *art director*, é originária de contextos estrangeiros, o que por vezes gera confusão ao ser aplicada ao cinema brasileiro. No entanto, essas funções têm definições específicas e responsabilidades claras, que evoluíram ao longo do tempo, tanto no cenário internacional quanto no Brasil. De acordo com Moura (2015, p. 39), o que antes era conhecido como *art director* passou a ser chamado de *production designer*. Essa mudança de nomenclatura reflete uma ampliação das responsabilidades desse profissional, que agora assume uma visão mais abrangente da concepção estética do filme. O *production designer* é o responsável por definir a identidade visual do projeto, articulando elementos como cenografia, figurino, maquiagem e paleta de cores de maneira coesa. Com isso, o *art director* passou a atuar como uma função de assistência, apoiando a execução das ideias propostas pelo *production designer*, em vez de ser o principal responsável pela concepção artística do filme.

No Brasil, essa diferenciação de funções só foi oficialmente reconhecida algumas décadas depois, em 1985, com o filme *O Beijo da Mulher Aranha*, dirigido por Hector Babenco. A direção de arte foi assinada por Clóvis Bueno, com Felipe Crescentti na

cenografia e Patrício Bisso responsável pelos figurinos. Esse foi um marco para o cinema brasileiro, destacando a importância da colaboração entre os diferentes profissionais envolvidos na construção do visual do filme. A direção de arte no cinema pode ser entendida como uma extensão das artes plásticas, pois envolve a criação de formas, texturas e ambientes que comunicam visualmente os temas e emoções da narrativa. Nesse sentido, a função do *production designer* vai além da simples decoração de cenários; ele é o responsável por criar a atmosfera e o tom que guiam o espectador pela história, utilizando elementos visuais como uma linguagem narrativa.

Essa evolução conceitual da direção de arte no cinema mostra como o campo se tornou mais complexo e especializado. O *production designer* precisa ter um entendimento profundo das várias áreas envolvidas na criação do filme, desde a arquitetura dos cenários até a iluminação e o figurino, para garantir que todos os aspectos visuais estejam integrados de forma harmoniosa e coerente com a narrativa e a visão do diretor. Assim, ao pensar em direção de arte no cinema contemporâneo, é essencial entender que se trata de um trabalho que combina habilidades técnicas e criativas, envolvendo a coordenação de equipes e a integração de diferentes elementos visuais para criar uma obra cinematográfica coesa e esteticamente impactante. A mudança de terminologia e a adaptação dessas funções ao contexto brasileiro refletem o reconhecimento da complexidade e importância desse papel no processo de produção audiovisual:

O cara está pintando aquele quadro que vai ser filmado. O figurino e o cenário, assim como o ator, fazem parte dessa pintura. A escolha do elenco é uma coisa que interfere no quadro que você está pintando. Não é função do diretor de arte, mas provavelmente ele tem o que dizer a respeito disso (BUENO apud HAMBURGER, 2014, p. 141).

A direção de arte é um dos pilares essenciais na construção visual de um filme ou série, englobando uma série de fases e funções que, em conjunto, moldam a estética e a narrativa audiovisual. O trabalho da direção de arte envolve desde a concepção inicial até a execução dos detalhes visuais, com a participação de uma equipe multidisciplinar. Neste contexto, será abordado o papel de cada função dentro desse processo e como a colaboração entre os profissionais garante a coesão do resultado final. O audiovisual é composto por diversos elementos visuais que, somados, constroem a narrativa. Cada componente visual, desde o cenário até os figurinos, tem um papel crucial na maneira como a história é contada.

Esses elementos são trabalhados pelo departamento de arte, que é cuidadosamente estruturado para garantir que cada detalhe contribua para a imersão

do espectador. O departamento de arte é composto por profissionais especializados em áreas distintas, como cenografia, figurino, maquiagem e adereços, todos sob a liderança do diretor de arte. As funções incluem o coordenador de arte, assistentes de arte, cenógrafos, produtores de objetos, figurinistas e maquiadores. O tamanho da equipe pode variar de acordo com o orçamento da produção, e em casos de restrições financeiras, o diretor de arte pode assumir várias dessas funções. Este departamento é o centro criativo e técnico responsável por desenvolver a identidade visual do projeto.

O diretor de arte é o responsável por criar o conceito visual e estético da obra audiovisual. Esse profissional trabalha em estreita colaboração com o diretor do filme para traduzir a visão narrativa em elementos visuais. Após realizar uma pesquisa extensa sobre o universo do filme, o diretor de arte elabora um plano detalhado, que inclui referências visuais, paletas de cores, texturas e conceitos estéticos. Segundo Moura (2015, p. 20), o diretor de arte é indispensável, pois é ele quem traduz conceitualmente e imageticamente as propostas do diretor.

Essa figura precisa ser multidisciplinar, com conhecimentos que abrangem cenografia, figurino, maquiagem e design, garantindo que todos os aspectos visuais estejam alinhados. Rizzo (2005, p. 35) complementa, destacando que o diretor de arte combina criatividade com praticidade, equilibrando a liberdade artística com as demandas técnicas e orçamentárias da produção.

O diretor de arte também supervisiona todos os detalhes práticos da produção, como a escolha de locações, a construção e desmontagem de cenários, a aprovação de objetos de cena e o alinhamento com o diretor de fotografia. É o elo entre a equipe técnica e a visão artística, garantindo que todos os componentes visuais estejam integrados de maneira coesa e que o cronograma e o orçamento sejam respeitados. O coordenador de arte é responsável pela administração do orçamento do departamento de arte, além de gerenciar a compra e o transporte de materiais necessários para a construção dos cenários. Hamburger (2014, p.44) aponta que esse profissional precisa ter habilidades de negociação e organização, garantindo que a logística seja eficiente e que os recursos sejam utilizados de forma otimizada. Trabalha em conjunto com o cenógrafo e o produtor de objetos, e suas decisões impactam diretamente na execução prática das ideias visuais do filme.

O assistente de arte atua como um elo entre o diretor de arte e o restante da equipe, garantindo que as instruções sejam seguidas e que os detalhes do projeto fluam corretamente. Trata diretamente com fornecedores, coordena a logística dos materiais e pode até assumir funções práticas, como a cenografia. Sua principal função é resolver

problemas e garantir que a produção visual siga sem interrupções. A cenografia é a criação e a adaptação dos cenários onde as cenas serão filmadas. Segundo Hamburger (2014, p.44) *o cenário é mais que geometria, ele é pintura*, ou seja, a cenografia vai além da construção física dos cenários, sendo crucial para transmitir a atmosfera e as emoções desejadas. O cenógrafo projeta os espaços físicos onde a ação ocorre, utilizando conhecimentos em arquitetura e design para criar ambientes verossímeis ou fantásticos, dependendo da proposta narrativa.

Atualmente a cenografia virtual tem se tornado cada vez mais comum, utilizando computação gráfica para criar cenários interativos e imaginários que complementam a narrativa. Hamburger (2014, p.44) ressalta que: *alguns roteiros constroem suas narrativas de tal maneira que os cenários atuam como personagens*, destacando a importância da cenografia na construção do significado dentro da história. A produção de objetos é uma função central dentro da cenografia, focada na seleção e preparação dos itens que compõem o cenário. O produtor de objetos é responsável tanto pelos aspectos criativos quanto pelos logísticos, encontrando e adquirindo peças que correspondam à estética do filme. Segundo Hamburger (2014), o conhecimento em áreas como história da arquitetura, design e decoração é fundamental para o sucesso dessa função, uma vez que esses elementos visuais desempenham um papel importante na contextualização e na construção da verdade da obra:

Cada peça que compõe um cenário é cuidadosamente escolhida ou especialmente desenhada e construída. Sua expressividade conta com significados utilitários, formais, simbólicos e, mais uma vez, subjetivos. Sua estrutura construtiva comunica ainda pensamentos e interpretações sobre o equilíbrio e o conforto, jogando com o peso e o volume em sua presença no espaço. (HAMBURGER, 2014, p. 44).

Dentro da cenografia, a equipe de produção de objetos desempenha um papel fundamental, pois são eles os responsáveis por adquirir ou alugar cada peça que será utilizada em cena. Esses objetos não são apenas elementos decorativos, mas ajudam a construir a identidade visual dos personagens e dos cenários. Como ressalta Moura (2015, p. 58): *o trabalho do produtor de objetos começa quando ele lê o roteiro, constrói suas impressões sobre a história, sobre os personagens, e faz sua decupagem*. Durante a decupagem, o produtor de objetos identifica todas as cenas em que serão utilizados objetos, sejam eles mencionados no roteiro ou não, buscando dar mais vida e personalidade às cenas e personagens. Para que os objetos desempenhem seu papel na narrativa, é essencial que o espaço seja organizado de forma harmoniosa e equilibrada. A disposição cuidadosa dos itens em cena permite que eles sejam

devidamente destacados, tornando-se elementos importantes para o desenvolvimento da narrativa e para a compreensão do espectador sobre o universo e os personagens da obra:

Após elencar todos os elementos que podem figurar em cada um dos ambientes de todos os cenários, e todos os propôs de cada um dos personagens, coloca-se tudo isso em uma planilha, separando por cenário e por ambiente. Sugere-se que se faça isso, pois este procedimento facilita a organização das buscas na fase de pesquisa e também na organização de um "orçamento aberto" (MOURA, 2015. p. 59).

Os efeitos especiais desempenham um papel crucial no cinema atual, especialmente com os avanços da tecnologia digital. Como destaca Hamburger (2014, p. 51), a tecnologia permite misturar modelagem virtual com filmagens tradicionais, criando ou complementando cenários, além de inserir objetos ou até mesmo seres vivos de forma realista, interagindo com os atores e ambientes reais. Além disso, em muitas produções, é necessário o uso de efeitos especiais mecânicos, como simulação de chuva, incêndios, tiros e explosões. Esses efeitos são criados por especialistas, como técnicos e visagistas, com o objetivo de dar mais realismo às cenas. O uso desses recursos contribui para intensificar a experiência cinematográfica, sempre considerando o alinhamento com o orçamento da produção:

Efeitos especiais mecânicos, óticos e digitais se alternam e se complementam na realização cinematográfica. Cada roteiro solicita efeitos especiais distintos e deve ser estudado pela equipe até que as soluções surjam (HAMBURGER, 2014, p. 51).

A fase de pesquisa é um momento crucial no processo de direção de arte, onde o diretor de arte busca explorar novas ideias e pensar de maneira criativa. Depois de receber o roteiro e participar de várias reuniões com o diretor, o diretor de arte começa a fase de pesquisa para entender melhor os conceitos e ideias centrais do filme. Conforme destaca Hamburger (2014), a primeira etapa da pesquisa é focada na definição do "partido visual" do filme. Isso significa criar uma base comum de referências entre toda a equipe sobre o universo da história. Esse processo envolve reunir imagens, textos, depoimentos e até fazer pesquisas de campo, o que pode trazer novos significados e interpretações ao projeto. Essa fase exige muita atenção e uma mente aberta para novas possibilidades. As fontes de inspiração podem vir de diversos lugares, como internet, livros de arte, museus, obras literárias, fotos antigas, revistas e até histórias familiares. O objetivo é montar um acervo rico de referências que ajudem a compor a estética visual do filme. Toda essa pesquisa é essencial para garantir que a

direção de arte conduza o espectador a interpretar visualmente a obra de forma clara, transmitindo as emoções e sensações de cada cena e conferindo uma identidade visual única ao projeto:

Durante a preparação do filme, então, além das pesquisas de referência imagética que o diretor de arte faz, ele também começa a desenvolver os primeiros esboços para os cenários, às vezes, também para os personagens, de modo a ir clareando o que ele deseja para construir a plasticidade daquele trabalho. Vai definindo uma paleta de cores para a história que representa a sua tônica dominante, suas nuances e viradas, vai pensando em paletas de cores para cada personagem de modo que cada paleta possa sintetizar sensorialmente o caráter de cada um, sem se esquecer de que suas paletas devem pertencer à paleta geral, inicialmente escolhida (MOURA, 2015, p. 50).

No início do cinema os filmes eram produzidos em preto e branco. Foi apenas na década de 1940 que as cores começaram a ser incorporadas de forma gradual. Com a chegada do cinema colorido, houve uma nova complexidade na criação das cenas, já que o uso das cores passou a influenciar diretamente o estilo visual, ajudando a destacar a narrativa e trazendo mais realismo às cenas. As cores se tornaram um elemento importante para conferir autenticidade às imagens. Na direção de arte, a cor exerce diversas funções essenciais. Segundo Hamburger (2014, p. 41), *a gama de cores é um importante elemento narrativo, ajudando a criar a atmosfera do filme e a caracterizar os gêneros e períodos históricos retratados. A cor não é apenas um recurso estético, mas também uma ferramenta simbólica que comunica significados. À medida que o enredo se desenrola, as cores auxiliam a transmitir emoções e intensificar a experiência visual. Além disso, Hamburger destaca que a cor é fundamental para garantir a consistência visual das cenas e para definir os personagens, além de representar o tempo e o espaço em que a história se passa. Dessa forma, as cores desempenham um papel expressivo e central na composição de todos os elementos da direção de arte:*

A cor é uma coisa cheia de mistério. Quando estamos fazendo um filme, as definições de cores somam-se à época em que vivemos, à época em que se passa o filme e à circunstância da história naquele momento. A cor, na verdade, é função da emoção, do que se quer dizer (BUENO, apud. HAMBURGER, 2014, p. 142).

A cor desempenha um papel crucial na composição de filmes e séries, influenciando diretamente a narrativa e a percepção do espectador. Como afirma Hamburger (2014, p. 41) *a composição cromática entre cenário e figurinos cria, a cada momento, contradições ou consonâncias significantes. Isso significa que as cores*

escolhidas ajudam a contar a história de maneira sutil, refletindo os sentimentos e motivações dos personagens.

Cada personagem possui uma paleta de cores que complementa sua personalidade e seu papel na trama. A cor, nesse contexto, não é apenas um elemento visual, mas uma poderosa ferramenta de comunicação, capaz de transmitir informações até mesmo para o espectador mais distraído. Através das cores, o público entende melhor quem são os personagens e o que estão sentindo, mesmo sem que essas informações sejam explicitamente faladas.

A paleta de cores é estabelecida pelo diretor de arte com base no roteiro e seus elementos dramáticos. Esse planejamento é feito com cuidado e é uma das primeiras decisões tomadas no processo de criação visual de um filme. A escolha das cores tem um efeito direto sobre o público, influenciando como cada um percebe e interpreta a narrativa e suas emoções. Por isso, todos os elementos do cenário, incluindo figurinos e objetos de cena, são cuidadosamente escolhidos para combinar com essa paleta, reforçando o impacto visual e expressivo das cenas.

A direção de arte, por sua vez, é uma área criativa que abrange uma vasta gama de referências e aplicações, compondo visualmente o universo do filme. Todos os elementos – personagens, cenários, figurinos, acessórios e locações – trabalham em conjunto para dar significado e profundidade à narrativa. Esses componentes visuais são capazes de transmitir emoções, ideias e até estados de espírito, fornecendo estrutura visual para as imagens que vemos, sejam elas estáticas ou em movimento.

Dessa forma, a direção de arte vai além de apenas organizar a estética de um filme; ela dá vida à narrativa por meio de cores, formas e objetos, conferindo significado e identidade visual à obra cinematográfica:

A direção de arte é tudo o que aparece em cena e que não corresponde aos atores. Esse departamento é o responsável por todo o universo visual, material e cultural do filme. Todos e quaisquer elementos que aparecem na produção são cuidadosamente pesquisados, selecionados e projetados de modo a materializar o roteiro. (CAFFÉ, 2017 p. 25).

No entanto, a direção de arte tem a função muito além de apenas organizar a estética. A direção de arte dá vida à narrativa utilizando cores, formas e objetos para transformar o roteiro em uma experiência visual rica e coesa. Esses elementos não são meramente decorativos, mas conferem significado e identidade visual à obra cinematográfica, sendo fundamentais para criar o ambiente, o contexto histórico e até mesmo reforçar temas e emoções da trama. Ao selecionar e projetar cada detalhe, o

diretor de arte não apenas constrói o mundo físico em que a história ocorre, mas também comunica visualmente o subtexto da narrativa, guiando o público através da simbologia e dos significados embutidos nas escolhas estéticas.

Dessa forma, a direção de arte se torna uma extensão do roteiro, materializando conceitos abstratos e complementando a interpretação da história por meio de uma linguagem visual própria. A harmonia entre cenário, figurino, paleta de cores e iluminação, por exemplo, cria uma atmosfera única que não apenas enriquece a experiência do espectador, mas também reforça o universo narrativo, ajudando a transmitir a essência da história de maneira sutil e envolvente.

2.1. Elementos da Direção de Arte Aplicados na Análise Realizada

A direção de arte no cinema é uma área crucial para a construção da identidade visual e narrativa de um filme ou de uma série. Ao incorporar os elementos de cenário, figurino, paleta de cores e iluminação, a direção de arte atua para criar ambientes que refletem a atmosfera desejada pelo diretor e roteirista, influenciando diretamente a experiência do espectador. Autores como Vera Hamburger, Jacques Aumont e estudiosos como Clóvis Bueno discutem a profundidade e a importância desses elementos, explorando suas funções estéticas e simbólicas no audiovisual:

Quando falamos em direção de arte, estamos referindo-nos à concepção do ambiente plástico de um filme, compreendendo que este é composto tanto pelas características formais do espaço e objetos quanto pela caracterização das figuras em cena. (HAMBURGUER, 2014, p.18).

De acordo com Hamburger (HAMBURGER, 2014) o cenário é muito mais do que um fundo para os personagens, o cenário é um componente narrativo ativo. O cenário revela detalhes sobre a época, o contexto social e o estado emocional dos personagens, complementando a narrativa sem a necessidade de diálogos explícitos. O jeito como o espaço é usado em uma cena, segundo o especialista em cinema Aumont (2012), pode criar certas emoções no público. Por exemplo, se o personagem aparece em um lugar bem apertado, com pouco espaço ao redor, isso pode fazer o espectador sentir uma sensação de sufoco ou de estar preso, como se faltasse ar. Essa escolha ajuda a transmitir emoções e a tornar a cena mais envolvente, sem precisar dizer isso diretamente com palavras, dependendo de como os ambientes são organizados. Um cenário apertado, por exemplo, pode evocar tensão, enquanto espaços abertos podem representar liberdade ou isolamento. Bueno (2015) reforça que o cenário é parte essencial da narrativa visual. Destaca que a escolha dos objetos em cena, bem como a

arquitetura, influencia na construção da verossimilhança e da autenticidade do filme. A ambientação correta é fundamental para que o espectador se insira no universo proposto pela história.

Em relação ao figurino Hamburger (2014) argumenta que o figurino é uma extensão da personalidade dos personagens, refletindo suas histórias de vida, classe social e até mesmo suas transformações psicológicas ao longo do filme. Um figurino bem elaborado auxilia o ator a habitar o personagem de maneira mais autêntica, oferecendo pistas visuais sobre a identidade do indivíduo em cena. Aumont complementa essa ideia, afirmando que o figurino pode também servir como um comentário simbólico sobre o tema do filme ou de uma série. Bueno sugere que o figurino precisa estar alinhado com o tom da narrativa, seja realista ou estilizado, para criar um impacto visual coerente. Filmes históricos, por exemplo, dependem muito da precisão nos trajes para construir sua autenticidade, enquanto produções mais fantasiosas podem usar figurinos exagerados para criar um efeito dramático ou cômico:

A vestimenta é também um importante elemento na percepção da passagem do tempo do filme e em sua continuidade cronológica. A cada troca de roupa, presente, passado e futuro são reconhecidos. Quantas horas, dias, meses se passaram entre uma cena e outra? O que aconteceu ao personagem nesse período em que esteve longe dos olhos do espectador? (HAMBURGUER, 2014, p.48)

Portanto, figurino no cinema não é apenas um elemento estético, desempenha um papel crucial na construção e no desenvolvimento da narrativa, proporcionando ao espectador uma leitura visual imediata sobre os personagens. Segundo Hamburger (2014) o figurino revela o histórico, a personalidade de forma sutil, mas eficaz. A cor, o estilo e os materiais escolhidos para os trajes informam o público sobre a época em que a trama se passa, a classe social dos personagens, e até mesmo seus estados emocionais. No cinema histórico, por exemplo, o figurino precisa ser autêntico para garantir a verossimilhança do contexto narrativo. Em filmes de fantasia ou futuristas, os trajes podem ser mais estilizados e exagerados, buscando transmitir características psicológicas ou valores morais dos personagens.

Para Aumont (2012) a escolha de certas peças de roupa pode refletir temas maiores da obra, como o uso de uniformes para sugerir conformidade, ou trajes despojados para transmitir liberdade. Além disso, Aumont (2012) discute como o figurino pode ser uma ferramenta de transformação da narrativa. À medida que o personagem evolui, seus trajes também podem mudar, refletindo novas fases de sua vida, novas percepções ou mudanças internas. Em muitos filmes e séries, o figurino (as roupas dos

personagens) é usado para mostrar as mudanças internas do protagonista, ou seja, como ele cresce e amadurece ao longo da história. No início, ele pode estar vestido de forma mais simples e descontraída, refletindo um estilo de vida mais jovem ou até mesmo uma fase de inexperiência. À medida que a trama avança e o personagem enfrenta desafios e aprende coisas novas, suas roupas também mudam, tornando-se mais elegantes e sofisticadas. Essa transformação no figurino simboliza o crescimento emocional do personagem, ajudando o público a perceber como ele evoluiu.

Para Bueno (2015) o figurino deve estar completamente integrado ao restante dos elementos visuais do filme. O autor sugere que a paleta de cores do figurino, por exemplo, deve dialogar com a paleta de cores geral do filme para criar uma coesão estética. O figurino também pode ser utilizado para destacar ou camuflar personagens dentro de um ambiente, seja através do contraste de cores ou da harmonia com o cenário.

Segundo Hamburger (2014) o cenário deve ser visto como um personagem silencioso, que comunica intenções e motivações da narrativa de forma visual. A autora define o espaço onde a ação acontece e, assim como o figurino, revela aspectos do contexto histórico e social. O design de um cenário pode dizer muito sobre as relações de poder, sobre a personalidade de quem habita aquele espaço e sobre o próprio enredo. O cenário pode ser dividido em duas categorias principais: cenário realista e cenário estilizado. No cenário realista, busca-se a maior verossimilhança possível com o mundo real. A arquitetura, os objetos e a ambientação são construídos para fazer o espectador acreditar na autenticidade daquele mundo. Filmes históricos ou biográficos geralmente utilizam cenários realistas para ancorar suas narrativas em fatos e épocas. Já o cenário estilizado, de acordo com Aumont (2012), se afasta da realidade para construir um mundo estético próprio, muitas vezes simbólico. Em filmes de ficção científica, fantasia ou animação, os cenários não têm obrigação de representar o mundo tal como o conhecemos, e sim de criar ambientes que sirvam à narrativa de forma mais subjetiva.

A forma como o espaço é organizado também tem um impacto emocional significativo no espectador. Aumont (2012) explica que o uso de espaços confinados pode transmitir uma sensação de claustrofobia, ansiedade ou prisão, enquanto espaços amplos sugerem liberdade, solidão ou poder. Um exemplo disso pode ser observado em filmes de guerra, onde trincheiras apertadas ou cidades devastadas pelo conflito geram sentimentos de angústia e desespero. Bueno (2015) defende que a escolha de objetos dentro do cenário também é parte fundamental do processo de construção

narrativa. Os objetos em cena, conhecidos como props, *properties* (propriedades) desempenham uma função prática, mas também simbólica. Um relógio antigo, por exemplo, pode sugerir o valor do tempo ou a passagem inevitável dos anos. Um cenário minimalista, sem muitos detalhes, pode sugerir solidão ou pobreza, enquanto cenários repletos de detalhes visuais podem transmitir abundância ou até mesmo caos.

Para muitos autores, como Rizzo (2005) e Hamburger (2014), a interação entre cenário e figurino é uma parte essencial da composição visual. A coesão entre esses dois elementos pode intensificar a experiência cinematográfica, criando uma unidade estética que fortalece a narrativa. Aumont (2012) aponta que cenários e figurinos que compartilham de uma mesma paleta de cores e estilo visual criam uma sensação de harmonia, enquanto contrastes visuais entre eles podem gerar tensão ou destacar um personagem em um ambiente. Essa relação direta entre o que os personagens vestem e onde eles se encontram ajuda a construir um diálogo interno na obra, fazendo com que cada cena se torne um reflexo das emoções e temas da trama, em filmes de época, figurinos luxuosos podem contrastar com cenários deteriorados, simbolizando a decadência de uma sociedade ou o conflito entre aparência e realidade. No entanto, em filmes contemporâneos, o uso de trajés mais simples em ambientes minimalistas pode transmitir uma sensação de naturalidade ou realismo. Tanto o figurino quanto o cenário, quando trabalhados com coesão e intencionalidade, são ferramentas fundamentais na construção de significados no cinema. Tais elementos não apenas ilustram a história, mas a contam de maneiras visuais e simbólicas, oferecendo ao espectador uma experiência narrativa mais rica e completa. Hamburger (2014), Aumont (2012) e Bueno (2015) destacam a importância desses elementos na criação de uma estética que não apenas apoie a história, mas que também revele camadas de interpretação, contribuindo para uma imersão profunda no universo fílmico:

O figurino colabora com a construção e a caracterização dos personagens de obras cinematográficas, e para sua análise mais atenta deve-se ter, primeiramente, um olhar panorâmico antes de captar os detalhes. O que define a tônica do figurino, se realista, alegórico, simbólico ou intemporal? Seria a visão ideológica e experimental do cineasta? Esta pode ser a força mais evidente que refletirá no trabalho do(a) figurinista, que delinea a estética de seu trabalho como fio condutor de seu processo criativo na construção de seus personagens (TAKEUCHI apud BUTRUCE e BOUILLET 2017, p. 116).

A iluminação é um dos aspectos mais essenciais da direção de arte e da cinematografia, pois não apenas torna a imagem visível, mas também cria o clima, a atmosfera e enfatiza elementos específicos da narrativa audiovisual. Interage diretamente com a fotografia, influenciando como o público percebe a profundidade

emocional e a textura visual do filme. A iluminação, segundo Aumont (2012), é uma ferramenta essencial para definir o tom emocional e a atmosfera de uma cena. A forma como a luz incide sobre os personagens e o ambiente pode criar uma sensação de mistério, conforto ou tensão. A luz dura, por exemplo, com sombras marcadas, frequentemente sugere suspense ou perigo, enquanto a luz suave pode evocar romantismo ou calma. Bueno (2015) afirma que a iluminação não só cria ambientes, mas também manipula a percepção do espectador, direcionando seu olhar para pontos específicos da cena. Além disso, ela trabalha em conjunto com a paleta de cores, potencializando o impacto visual e emocional do filme. Segundo Aumont (2012), a iluminação é uma ferramenta visual que pode manipular a percepção da realidade, moldando a atmosfera e definindo a estética de uma produção audiovisual. Ele argumenta que a forma como a luz incide sobre os personagens e o cenário pode modificar a interpretação emocional de uma cena. Uma luz dura e direta, com sombras acentuadas, tende a gerar uma sensação de tensão, conflito ou mistério, enquanto uma luz suave e difusa, sem sombras marcadas, sugere calma, romance ou segurança.

Hamburger (2014) reforça que a iluminação também pode ser um elemento narrativo. Ao iluminar determinadas áreas da cena, a direção de arte e a fotografia guiam o olhar do espectador para focar em objetos ou personagens específicos, criando uma hierarquia visual dentro da imagem. A iluminação dramática em contraluz, é muito utilizada para criar silhuetas ou efeitos de suspense, escondendo detalhes da face ou do corpo do personagem, sugerindo mistério ou ambiguidade.

Bueno (2015), por sua vez, ressalta que a iluminação é fundamental na criação de ambientes e na construção de climas emocionais. O autor destaca a importância da utilização da luz natural em produções que buscam realismo e autenticidade, contrastando com o uso da luz artificial em filmes mais estilizados ou surrealistas. A temperatura da cor da luz, que pode variar entre tons quentes (amarelados) e frios (azulados), também é um fator crucial que influencia as emoções associadas a uma cena. Luzes quentes são frequentemente utilizadas em cenas familiares, acolhedoras ou nostálgicas, enquanto luzes frias são mais comuns em cenas de tensão, solidão ou perigo.

Os cineastas e diretores de arte utilizam diferentes tipos de iluminação para atingir propósitos específicos dentro de uma narrativa audiovisual. A iluminação de três pontos é uma das técnicas mais básicas de iluminação cinematográfica, composta por três fontes principais: luz principal (key light), luz de preenchimento (fill light) e luz de fundo (back light). De acordo com Jacques Aumont (2012), essa técnica ajuda a modelar

os personagens e objetos, proporcionando profundidade e separando os elementos do fundo. Luz dura gera sombras acentuadas e contrastes fortes, enquanto a luz suave é mais difusa e atenua as sombras. Hamburger (2012) aponta que, em filmes de terror ou suspense, a luz dura frequentemente é utilizada para criar uma atmosfera opressiva, enquanto a luz suave pode suavizar traços faciais e criar uma atmosfera mais sonhadora ou íntima.

Em relação à iluminação natural versus artificial pode-se afirmar que o uso de luz natural, muitas vezes associada a movimentos como o neorealismo italiano, é explorado para aumentar a verossimilhança e a autenticidade de uma cena. Bueno (2015) afirma que a luz natural pode ser imprevisível, mas, quando utilizada de maneira adequada, transmite realismo. Já a luz artificial oferece controle total sobre a cena, permitindo ao diretor manipular a iluminação de acordo com as necessidades da narrativa.

O uso de alto contraste (alto *chiaroscuro*) é típico de filmes *noir*, onde os extremos de luz e sombra são usados para criar suspense ou um visual expressionista. Aumont (2012) enfatiza que esse tipo de iluminação é usado para representar universos emocionais mais sombrios e dualistas.

Em contrapartida, a iluminação de baixo contraste cria uma atmosfera mais homogênea e é usada em comédias ou dramas leves para proporcionar uma sensação de equilíbrio visual. A fotografia no cinema refere-se à composição visual da imagem em movimento, englobando aspectos como composição, cor, textura, movimento de câmera e, claro, a iluminação.

Segundo Aumont (2012) a fotografia cinematográfica e a direção de fotografia são responsáveis por moldar a estética visual do filme e transformar a visão do diretor em imagens que traduzem a narrativa e as emoções. A cinematografia atua como o elo entre a narrativa e a experiência sensorial do público, guiando os espectadores através da luz, da sombra e do enquadramento.

Hamburger (2014) afirma que a fotografia cria *pinturas em movimento*, onde cada enquadramento pode ser analisado como uma composição visual única. Cada escolha fotográfica contribui para o desenvolvimento da história, e a iluminação desempenha um papel crucial em como essas *pinturas* são vistas. O cuidado com a luz, a textura e a cor em cada cena ajuda a direcionar a percepção do público e a reforçar o impacto emocional. A forma como os elementos visuais são organizados dentro do quadro é essencial para transmitir a mensagem do filme. O uso da regra dos terços, o equilíbrio entre positivo e negativo, e o uso de simetria ou assimetria são formas de criar

dinamismo ou estabilidade dentro de uma cena. Além da iluminação, as escolhas de cor na fotografia cinematográfica influenciam o tom emocional.

A paleta de cores é um dos elementos mais volumoso da direção de arte, de acordo com Aumont (2012) e Rizzo (2005). A cor influencia diretamente o humor do filme, criando associações emocionais ou simbólicas. A cor vermelha pode sugerir paixão ou perigo, enquanto o azul pode transmitir tranquilidade ou frieza. A combinação de cores na paleta também pode indicar contrastes internos dos personagens ou mudanças na trama. Hamburger (2014) acrescenta que a escolha das cores deve ser intencional e estratégica, funcionando como um elo entre os diferentes elementos visuais do filme. A coesão da paleta entre cenário, figurino e iluminação pode intensificar a narrativa e aumentar a imersão do espectador.

Segundo Bueno (2015), a cor pode ser usada para simbolizar sentimentos ou contrastar com os elementos narrativos da história. Portanto o exemplo, o uso de tons saturados pode transmitir alegria ou exuberância, enquanto tons desaturados (cinzentos ou monocromáticos) sugerem tristeza ou melancolia. O controle sobre o que está em foco e o que está desfocado em uma cena (profundidade de campo) é uma das formas mais interessantes de criar significado.

De acordo com Aumont (2012) a iluminação e a fotografia estão intrinsecamente conectadas, sendo que a qualidade da luz define a textura da imagem e o tom emocional da cena. A iluminação modela os objetos e os personagens, destacando ou suavizando suas características, enquanto a fotografia capta e registra esses efeitos em uma composição visual coesa. Juntas, elas criam a atmosfera, sugerem o gênero do filme e podem até servir como uma forma de subtexto narrativo, sugerindo ideias e emoções além do diálogo e da ação.

Hamburger (2014) observa que a fotografia e a iluminação são os principais meios pelos quais o cinema se diferencia de outras formas de arte, como o teatro. No cinema, o controle meticuloso da luz e da câmera permite criar realidades e fantasias que desafiam as leis do espaço-tempo, enquanto manipulam a percepção emocional do espectador. A iluminação e a fotografia no cinema são elementos interdependentes que colaboram para criar uma narrativa visual rica e complexa. A iluminação estabelece o tom emocional e visual de cada cena, enquanto a fotografia a molda em uma composição artística que complementa a narrativa e envolve o espectador.

Autores como Aumont (2012), Hamburger (2014) e Bueno (2015) e Rizzo (2005) destacam a importância desses elementos na criação de uma estética cinematográfica

que não apenas complementa, mas também potencializa a narrativa, garantindo que a imagem e a luz contem histórias poderosas de maneira sutil e evocativa.

De acordo com Bellantoni (2005) o estudo da psicologia das cores no âmbito cinematográfico tornou-se uma ferramenta indispensável para a construção estética e narrativa de um filme. As cores não são meramente um elemento visual, mas desempenham um papel ativo na criação de significados e na evocação de sensações no público.

Através das cores, também é possível estabelecer o estado emocional dos personagens, representando sentimentos como alegria, tristeza, angústia ou esperança de maneira visual. A escolha cromática, nesse sentido, torna-se uma extensão da psicologia dos personagens, comunicando ao público informações que vão além dos diálogos ou das expressões faciais.

Portanto, a psicologia das cores no cinema não apenas embeleza a obra, mas atua como um componente narrativo e emocional poderoso, que influencia diretamente a forma como o público interpreta e reage aos elementos visuais e emocionais da trama.

Segundo Bellantoni (2005) é um indicativo de sucesso quando a cor pas despercebida pelo espectador, ou seja, quando sua presença é tão natural e integrada à narrativa que não chama a atenção de maneira isolada. Essa sutileza no uso das cores revela que a escolha cromática foi eficaz, pois conseguiu se fundir harmoniosamente com o enredo e as emoções transmitidas pela cena.

O objetivo é que as cores sirvam como uma extensão da narrativa, influenciando inconscientemente a percepção do público sem se destacarem como um elemento separado. Quando isso ocorre, todo o estudo teórico por trás da escolha e aplicação das cores alcança seu propósito. A cor, nesse sentido, atua como um veículo invisível de comunicação, carregando significados profundos e complexos que ajudam a moldar o entendimento da cena. Quando bem aplicada, pode simplificar ou destacar as questões mais densas e abstratas de uma narrativa, guiando o público a interpretar as cenas da forma desejada pelo diretor.

A sutileza no uso das cores permite que as emoções, o clima e os temas da história sejam transmitidos de maneira quase imperceptível, fazendo com que o espectador se conecte emocionalmente com a trama sem se dar conta de que está sendo influenciado pela paleta cromática. Além disso, o uso adequado das cores vai além de simplesmente embalar o cenário visual. Pode transformar completamente o tom e o impacto de uma cena, dando ênfase a aspectos específicos do enredo.

Portanto, uma cena carregada de tensão pode ter suas cores suavizadas para criar uma sensação de calma aparente, apenas para realçar ainda mais a reviravolta emocional que se segue. Da mesma forma, uma paleta mais vibrante e saturada pode ser usada para intensificar a sensação de euforia, energia ou conflito. A cor, então, não apenas enriquece o visual da obra, mas também age como um instrumento de manipulação emocional e narrativa. Na prática, isso significa que, quando a cor é imperceptível, está operando de forma subliminar, moldando as respostas emocionais do público sem ser notada explicitamente. Isso pode ser visto, em filmes e séries em que o espectador é levado a sentir tristeza ou melancolia em cenários frios e azulados, ou onde cores quentes, como tons de laranja e vermelho, provocam sensações de perigo ou paixão. Assim, a cor se transforma em um componente invisível, mas essencial, que reforça as camadas simbólicas e psicológicas da obra. A capacidade de usar a cor dessa maneira requer uma compreensão profunda de sua psicologia e de seu impacto emocional.

O laranja tem uma qualidade de dois gumes. Como nos sentimos ao pôr do sol não é apenas um clichê romantizado. Algo realmente acontece para nós fisicamente quando observamos o brilho intenso do quase branco, o sol se transforma em um laranja brilhante no céu. Laranja brilhante a luz (e suas associações com o sol) pode nos levar a um passeio visceral que aquece e expande nosso campo emocional (BELLANTONI, 2005, p. 146).

A teoria das cores no cinema não é apenas uma questão estética, mas um estudo estratégico que envolve a criação de ambientes emocionais e simbólicos. Ao transformar questões complexas de uma narrativa, como os conflitos internos dos personagens ou a evolução de temas mais amplos, o uso inteligente das cores permite que o filme se comunique de maneira mais completa com seu público, muitas vezes sem a necessidade de diálogos ou explicações diretas. A cor, assim, funciona como uma linguagem visual por si só, que, quando bem executada, faz com que toda a teoria e o planejamento que a antecederam tenham o impacto desejado. Esse efeito se potencializa em diferentes gêneros e estilos de filmes, demonstrando a versatilidade das cores na criação de mundos visuais.

Em séries e filmes de fantasia, por exemplo, a paleta de cores pode ajudar a definir universos completamente novos, enquanto em dramas mais realistas, pode evocar sentimentos específicos que conectam o público às vivências dos personagens. Quando a cor é utilizada de forma discreta e eficiente, não só enriquece a narrativa, mas também aprimora a experiência do espectador, fazendo com que se sinta imerso no

mundo do filme, respondendo emocionalmente às cenas sem perceber a influência direta das cores.

A escolha de uma paleta de cores específica para uma cena cinematográfica pode ter um impacto profundo na comunicação visual e emocional da narrativa. A seleção cuidadosa de tons vai muito além de um simples fator estético, pois se fundamenta em teorias psicológicas que atribuem significados emocionais a cada tonalidade. Esse uso das cores, quando bem aplicado, é capaz de evocar sensações de calor, acolhimento, expectativa e transformação, adicionando camadas de significado que enriquecem a experiência do espectador.

Por exemplo, em uma cena onde os personagens estão prestes a enfrentar um momento decisivo, a escolha de cores que transmitam uma sensação de conforto pode sugerir que, apesar da tensão iminente, há segurança e apoio ao redor.

Em outro contexto, tons que remetam à aventura e descoberta, como em *Avatar*⁶, ajudam a destacar a transformação do personagem ao explorar um novo mundo. Esses detalhes visuais influenciam a resposta emocional do público, criando uma conexão mais profunda e preparando-o para reviravoltas ou desenvolvimentos importantes na trama. Essa abordagem na escolha das cores reflete a importância da psicologia das cores no cinema e na televisão, onde cada tonalidade adiciona uma camada narrativa e emocional. O uso consciente da paleta de cores não só complementa o visual, mas se transforma em uma ferramenta sutil e poderosa para comunicar temas, intenções e emoções, enriquecendo a história e guiando a percepção do espectador ao longo da jornada.

De acordo com Heller (2012) certos elementos visuais estão associados a sentimentos como entusiasmo, transformação e até mesmo espiritualidade. Esses atributos tornam esses recursos escolhas apropriadas para cenas que buscam transmitir energia positiva, mudança iminente ou temas profundos, como fé e resiliência.

Em *A Paixão de Cristo*⁷ (2004) a composição visual é cuidadosamente usada para enfatizar o sofrimento e a força interior de Jesus Cristo. Os elementos visuais reforçam o peso emocional das cenas, transmitindo uma sensação de sacrifício, expectativa e intensidade espiritual. Essa escolha ajuda o público a sentir a profundidade e a transformação espiritual nos momentos mais importantes, criando uma atmosfera de introspecção e reverência.

⁶ James Cameron, Estados Unidos, 2009.

⁷ Mel Gibson, Estados Unidos, 2004.

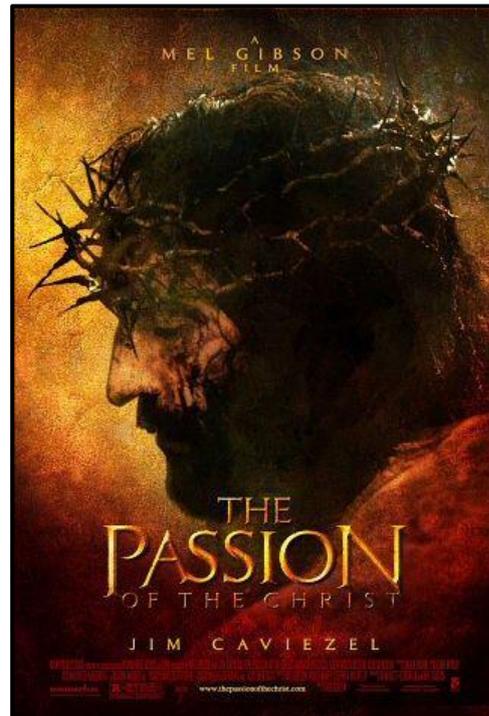


Figura 4 - Cartas Filme paixão de Cristo

Em *Avatar* o planeta Pandora é representado com cores intensas e vibrantes que ressaltam o tema de conexão com a natureza e de transformação pessoal. As cenas que mostram Jake Sully explorando e se integrando à cultura dos Na'vi são visualmente ricas e detalhadas, reforçando o crescimento do personagem e a renovação de sua visão de mundo. Esse visual não só encanta, mas também desperta no espectador um sentimento de descoberta e inspiração.



Figura 5 - Jack Sully, aprendendo a montar no cavalo Pa'l

Fonte: Disney Plus. Acesso em: 28 Out. 2024

Todos esses elementos, cenário, figurino, paleta de cores e iluminação, não operam de forma isolada, mas sim em harmonia para compor a experiência cinematográfica. Segundo Hamburger (2014) a verdadeira força da direção de arte reside na capacidade de integrar esses aspectos de forma coesa, criando uma narrativa visual rica e profunda. Aumont (2012) vai além, afirmando que é na combinação desses elementos que o cinema atinge seu potencial máximo de expressão estética e simbólica.

Assim, a direção de arte vai além da simples estética; é uma ferramenta narrativa resistente, capaz de intensificar emoções, sugerir subtextos e transportar o espectador para universos únicos. O domínio desses elementos permite que o filme transcenda o roteiro e se torne uma experiência sensorial completa.

PODER	REBELDIA	LUXÚRIA
ROMANTISMO	ANSIEDADE	VIOLENCIA
EXUBERANTE	ALERTA	INOCENTE
OBSESSÃO	OUSADIA	IDÍLICO
CALOROSO	FRIEZA	IMPOTÊNCIA
RACIONALIDADE	MELANCOLIA	
CONFORTO	EXCÊNTRICO	
ROMANTISMO	TÓXICO	
VIDA	AMBIGUIDADE	CORRUPÇÃO
NATUREZA	SUBSTÂNCIA VENENOSA	
METAFÍSICA	MÍSTICO	
FANTÁSTICO	MORTE	

Figura 6 - Resumo das cores e significados

Fonte: <https://primefilmes.com.br/blog/cinema-manipula-psicologia-das-cores>. Acesso em: 28 out. 2024.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE ELEMENTOS DE DIREÇÃO DE ARTE EM *THE CHOSEN*

A direção de arte de *The Chosen* tem sido amplamente elogiada por sua capacidade de transportar o público diretamente para a Palestina do primeiro século, criando uma atmosfera visual que é, ao mesmo tempo, autêntica e envolvente. Cada detalhe da produção visual é cuidadosamente pensado para oferecer uma representação fiel da época de Jesus Cristo, o que não apenas enriquece a narrativa, mas também aprofunda a conexão emocional do espectador com a história.

Um dos principais elementos que se destaca é o cuidado na construção dos cenários. A equipe de direção de arte se dedica a recriar ambientes que refletem com precisão a geografia, a arquitetura e o cotidiano da Palestina antiga. Vilarejos inteiros são projetados com base em pesquisas históricas detalhadas, utilizando materiais e técnicas de construção que existiam naquela época como pedra, madeira e argila. As paisagens, que variam entre desérticos terrenos montanhosos, campos rurais e pequenas cidades, não são apenas um pano de fundo, mas parte integral da narrativa. Esses cenários, em sua autenticidade, ajudam o público a visualizar como era a vida diária no tempo de Jesus Cristo, criando um senso de lugar de história palpável.

O figurino também é um componente vital para a fidelidade histórica da série. As vestimentas dos personagens são meticulosamente pesquisadas e confeccionadas, refletindo as cores, os tecidos e os estilos que eram predominantes no primeiro século. As roupas são simples e feitas de materiais naturais, como lã e linho, o que contribui para uma sensação de realismo e humildade. Cada personagem veste trajes que estão de acordo com sua posição social, econômica e cultural, ajudando o público a compreender melhor seu papel dentro da sociedade daquela época. Desde as túnicas e mantos de camponeses até os trajes mais elaborados de líderes religiosos, o figurino comunica visualmente quem são os personagens antes mesmo que eles falem.

Outro aspecto que merece destaque é o uso detalhado dos objetos de cena, que enriquecem ainda mais a ambientação. A equipe de direção de arte não poupa esforços para garantir que cada utensílio, ferramenta ou objeto decorativo esteja de acordo com o período retratado. São vistos itens como jarros de barro, cestas de palha, ferramentas agrícolas e objetos religiosos que não apenas refletem a vida cotidiana da época, mas também oferecem pistas importantes sobre os personagens e seus costumes. Esses objetos ajudam a construir um cenário crível e funcional, permitindo que os personagens interajam de maneira natural com o ambiente, como se estivessem realmente vivendo naquela época.

Além dos elementos visuais principais, a paleta de cores utilizada na série é sutil e estrategicamente planejada para refletir a época e os temas da narrativa. Tons terrosos predominam, evocando o ambiente árido da Palestina e a simplicidade da vida rural. As cores suaves e naturais contrastam com o brilho do sol e a textura da terra, criando uma harmonia visual que se alinha à temática de humildade e espiritualidade da série. A cor aqui não é apenas estética, mas uma forma de intensificar o significado emocional de cada cena.

A iluminação que desempenha um papel fundamental na construção da atmosfera de *The Chosen*. A luz natural é amplamente utilizada para dar à série um toque de autenticidade e realismo. Em muitas cenas, a iluminação suave de velas e lâmpões reforça a simplicidade e a crueza da época, enquanto a luz do sol, seja no amanhecer ou no entardecer, é usada para criar momentos de introspecção, revelando as emoções e reflexões dos personagens de forma sutil, mas vigorosas.

A direção de arte em *The Chosen* vai muito além de uma mera recriação estética. É um elemento narrativo crucial, capaz de transportar o espectador no tempo e no espaço, oferecendo uma janela vívida para o mundo em que Jesus Cristo viveu. Com cenários detalhados, figurinos autênticos, objetos de cena historicamente precisos, uma paleta de cores simbólica e iluminação cuidadosa, a série não apenas reconstrói a Palestina do primeiro século, mas também aprofunda a compreensão do público sobre a história e a mensagem que busca transmitir. Isso tudo contribui para o impacto emocional e espiritual que *The Chosen* tem sobre sua audiência, tornando cada episódio uma experiência verdadeiramente imersiva e significativa.

A série *The Chosen* se destaca por trazer uma representação inovadora e humanizada da vida de Jesus Cristo e seus discípulos. Através de uma cuidadosa direção de arte, a série consegue criar um ambiente imersivo, que não apenas contextualiza historicamente os eventos, mas também os carrega de profundo significado emocional e espiritual. Esta análise tem como objetivo realizar uma análise dos principais elementos da direção de arte em *The Chosen*, cenografia, figurino, iluminação e paleta de cores, utilizando uma abordagem metodológica qualitativa. Com base nas teorias de Clóvis Bueno e Jacques Moura, Vera Hamburger, são exploradas como esses elementos contribuem para a construção narrativa e estética da série.

A metodologia utilizada neste trabalho é a análise qualitativa com base em observações detalhadas dos episódios de *The Chosen*. Através de uma investigação dos aspectos visuais e simbólicos presentes na direção de arte, analisa-se como cada componente técnico contribui para a narrativa. A cenografia, é abordada a partir das

teorias de Bueno, Moura, Patti Bellantoni, Hamburger que enfatizam a importância da construção espacial na narrativa audiovisual. O figurino é examinado com base nos conceitos desses autores, que exploram como o traje comunica aspectos da personalidade e evolução dos personagens. A iluminação e a paleta de cores são observadas como elementos que servem tanto à estética quanto à função narrativa, reforçando temáticas e emoções centrais na série.

3.1. Aspectos Gerais dos Elementos da Direção de Arte

Em *The Chosen* a cenografia é um dos elementos que mais contribui para o realismo histórico e emocional da série. Segundo Hamburger (2014) a cenografia não apenas recria um espaço, mas constrói uma atmosfera que auxilia na compreensão da narrativa. Ao analisar as cenas que retratam a vida cotidiana dos discípulos, como moradias simples e vilarejos modestos, percebe-se que o uso de materiais rústicos e uma paleta de cores terrosas transporta o espectador ao ambiente de humildade da época. A construção desses espaços comunica a luta diária desses personagens e os contextos socioeconômicos em que se inseriam, trazendo à tona o contraste entre suas vidas comuns e os eventos extraordinários que os cercavam.

O figurino em *The Chosen* desempenha um papel essencial na construção da identidade de cada personagem. Bueno (2015) e Moura (2012) destacam que o figurino é uma extensão do personagem, refletindo suas características individuais, origem social e trajetória. Na série, os trajes dos discípulos são marcados por tecidos de texturas simples e cores suaves como tons de marrom, bege e cinza, que não apenas indicam a simplicidade de suas vidas, mas também revelam seu papel como homens comuns que foram transformados ao longo da jornada com Jesus Cristo. Os figurinos de personagens como os líderes religiosos e romanos trazem mais ornamentos e cores marcantes, como o vermelho, o que reforça status social e poder, criando um contraste visual com a modéstia dos discípulos.

A iluminação em *The Chosen* é utilizada de forma estratégica para intensificar momentos chave da narrativa e criar a atmosfera desejada. Em cenas que retratam interações íntimas entre Jesus Cristo e seus discípulos, como nos momentos de oração ou ensino, a iluminação é suave e difusa, reforçando a proximidade e a sensibilidade do momento. Ao mesmo tempo, em cenas de tensão ou conflito, como as interações com as autoridades romanas, a iluminação torna-se mais contrastante, utilizando sombras profundas para aumentar a dramaticidade da situação. Essa escolha deliberada de iluminação dialoga diretamente com a mensagem central da série.

A paleta de cores de *The Chosen* é outro elemento significativo na construção visual da série. A predominância de cores neutras e terrosas reflete não apenas a simplicidade dos personagens e de suas vidas, mas também a aridez espiritual que permeava o contexto da época. À medida que a narrativa avança, são observadas mudanças sutis na paleta com cores mais saturadas aparecendo em momentos de maior carga emocional ou quando há transformações espirituais significativas. O uso de tons de azul durante as curas e milagres realizados por Jesus Cristo cria uma conexão com o divino, sugerindo pureza e serenidade. Essas escolhas cromáticas não são meramente estéticas, mas ajudam a reforçar a mensagem visual e simbólica que a série pretende transmitir.

A análise dos elementos da direção de arte em *The Chosen* revela como cada aspecto visual cenografia, figurino, iluminação e paleta de cores desempenha um papel crucial na construção da narrativa e na criação de uma atmosfera autêntica e emocionalmente envolvente. Através de uma abordagem metodológica baseada na observação detalhada e no suporte teórico de estudiosos da área, é possível compreender como esses componentes colaboram para a imersão do espectador no contexto histórico e espiritual da série. A direção de arte em *The Chosen* vai além da simples recriação de uma época; participa ativamente da narrativa, ajudando a contar uma história visualmente rica e repleta de significado.

A direção de arte é um dos pilares fundamentais para a construção do universo visual em obras audiovisuais. Na série *The Chosen*, que narra a vida de Jesus Cristo e seus discípulos, essa função é ainda mais essencial, pois transporta o espectador para o contexto histórico da Palestina do século I. São explorados os principais elementos da direção de arte presentes na série com destaque para a cenografia, o figurino, a iluminação e a paleta de cores. A importância da direção de arte, portanto, transcende a simples construção de cenários e escolha de figurinos. A direção de arte estabelece uma ponte entre o imaginário do espectador e o universo diegético (o mundo ficcional da obra), ampliando a experiência emocional e intelectual do público.

Segundo Hamburger (2014) a direção de arte é responsável por projetar e controlar o espaço cênico e a atmosfera do filme, criando uma linguagem visual que contribui para a narrativa e para o desenvolvimento dos personagens. Esse conceito é particularmente aplicável a *The Chosen*, na medida em que cada detalhe estético é utilizado para reforçar a jornada espiritual de Jesus Cristo e de seus seguidores. Nesse sentido é fundamental analisar a direção de arte com um olhar técnico e teórico.

De acordo com Bueno (2008) a direção de arte envolve três dimensões principais: a espacial, que inclui cenografia e locações; a temporal, que se refere à escolha de elementos históricos; e a estética, que conecta todos os elementos visuais em torno de uma coerência estilística.

Em *The Chosen* essas três dimensões estão intimamente entrelaçadas, criando uma representação rica da Palestina antiga e dos eventos bíblicos. A série não se limita a criar um ambiente histórico fiel; também usa a estética visual para promover uma reflexão sobre a espiritualidade e a simplicidade das lições de Jesus Cristo. A cenografia, o figurino, a iluminação e a paleta de cores são desenhados de modo a aproximar o espectador das emoções e conflitos internos dos personagens.

A preocupação com a imersão vai ao encontro dos ensinamentos de Moura (2016) que afirma que a direção de arte não pode ser apenas um complemento estético, mas sim um componente ativo da narrativa, capaz de transformar a percepção do público sobre o que é visto na tela. A série também utiliza a direção de arte para construir um realismo poético que, segundo Aumont (2012), representa a combinação de elementos realistas com a expressão poética do diretor de arte. Em *The Chosen* o realismo poético está presente tanto na forma como os cenários são tratados quanto na escolha das cores, luzes e sombras. Não se trata apenas de replicar o passado, mas de imbuir de significado, gerando uma camada adicional de interpretação visual. A direção de arte, ao estabelecer a ambientação histórica, considera diversos fatores que ultrapassam o conceito tradicional de reprodução do passado.

Em *The Chosen* a estética visual está em constante diálogo com a temática espiritual da obra. Por exemplo, a luz natural é frequentemente utilizada para evocar uma conexão divina. Além disso, há uma preocupação com a criação de uma experiência sensorial completa para o espectador. Isso está alinhado ao conceito de "imersão", muito discutido em estudos contemporâneos sobre audiovisual, como o de Hamburger (2012), que observa que o espectador precisa ser levado a viver a experiência junto dos personagens e não apenas observá-la. Dessa forma, a direção de arte em *The Chosen* constrói uma narrativa visual em camadas, que envolve não só o que está na tela, mas também a forma como o público é convidado a interagir emocionalmente com a obra. O uso de cores, texturas e luzes ao longo da série ajuda a marcar momentos importantes da narrativa e diferencia as fases da história. A progressão visual acompanha a evolução dos personagens e de seus estados de espírito, demonstrando que a direção de arte não é apenas um aspecto técnico, mas também emocional e simbólico.

A cenografia de *The Chosen* desempenha um papel crucial na imersão do público. Cada cenário foi meticulosamente elaborado para refletir a simplicidade e rusticidade do ambiente da época como vilarejos, desertos e as margens do Mar da Galileia. A construção dos cenários respeita aspectos históricos e culturais com moradias de pedra, mercados ao ar livre e utensílios que remetem à vida cotidiana da era antiga. A escolha das locações também é feita com cuidado, levando em conta as paisagens que recriam a geografia da Terra Santa como montanhas, vales e riachos. O cenário rural em torno de Cafarnaum, por exemplo, é construído de forma a fazer o espectador sentir-se parte da vida cotidiana da época com atenção aos detalhes, como a disposição das ferramentas de trabalho, os materiais utilizados na construção de casas e os objetos de uso pessoal.

Seguindo as orientações de Hamburger (2014), que destaca o poder da cenografia em criar universos que comunicam tanto visualmente quanto simbolicamente, a série recria aldeias, casas e ambientes que remetem ao primeiro século da Palestina. A cenografia é realista, mas também trabalha com uma estética cuidadosa para transmitir um sentido de espiritualidade e simplicidade, Hamburger (2014) sugere que o espaço cênico é capaz de expressar camadas de significado além do texto.

Em *The Chosen* isso é evidente nas escolhas arquitetônicas e nos detalhes dos ambientes que refletem a cultura e a religiosidade da época. A cenografia não é apenas um pano de fundo, mas uma extensão da narrativa, que reforça a tensão entre o divino e o humano. A série utiliza esses cenários para ancorar a narrativa em um espaço palpável, onde a vida cotidiana, as relações humanas e a espiritualidade se entrelaçam. As moradias de pedra, os mercados ao ar livre e as bonecas retratadas são mais do que elementos decorativos, elementos que transportam o espectador para dentro de um mundo que não apenas representa o passado, mas também o faz sentir vivo e significativo. Há um detalhamento minucioso nos elementos visuais, que vai além da histórica para conferir à série uma profundidade simbólica, ressaltando o contraste entre o mundano e o divino.

Segundo Hamburger (2014), que destaca o poder da cenografia em criar universos que comunicam visual e simbolicamente, *The Chosen* se destaca pela habilidade de criar uma ambientação que não apenas retrata a realidade física da época, mas também expressa o contexto emocional e espiritual dos personagens. Para Hamburger (2014) o espaço cênico é capaz de transmitir significados além do texto, comunicando-se diretamente com o público através de suas características visuais. Em

The Chosen isso é evidente nas escolhas arquitetônicas e na disposição dos elementos de cena, que remetem ao primeiro século da Palestina, mas também ao modo como os personagens interagem com esses espaços, revelando aspectos de suas jornadas espirituais. Um exemplo claro dessa interação simbólica está nas representações dos vilarejos e ambientes ao redor das cidades. As ruas estreitas e as moradias simples refletem a humildade dos personagens e a vida comum que eles levam antes de serem chamados por Jesus Cristo.

Ao mesmo tempo, esses espaços também revelam a dureza das condições de vida da época, contribuindo para a construção de uma narrativa que se aprofunda na dualidade entre o sagrado e o profano. O contraste entre as construções de pedra, que evocam a solidez e a permanência da vida cotidiana, e os amplos espaços abertos das barreiras e montanhas, que sugerem a transcendência espiritual e a vastidão do chamado divino, cria uma tensão visual que amplifica o impacto da história.

A cenografia de *The Chosen* também utiliza o conceito de "realismo poético", recomendado por Aumont (2012), em que a recriação da realidade é permeada por um sentido de poesia visual. Os espaços não são apenas réplicas históricas, mas são cuidadosamente construídos esteticamente para evocar sensações e reflexões. O uso de paisagens naturais, como desertos e montanhas, por exemplo, remete à vastidão e ao isolamento espiritual, que são temas recorrentes na série. Esses cenários naturais ajudam a expressar o desafio interior dos personagens à medida que lidam com suas dúvidas, medos e esperanças, tornando o ambiente não apenas um pano de fundo, mas um reflexo de suas experiências emocionais e espirituais.

Outro aspecto importante da cenografia é a forma como aborda as distinções sociais e culturais dentro da narrativa. A série apresenta uma diversidade de espaços que refletem as diferentes classes sociais da época, desde as casas humildes dos pescadores e agricultores até as residências mais elaboradas dos romanos e fariseus. Essas diferenças são sutilmente comunicadas através dos materiais utilizados na construção dos cenários e na organização dos espaços. As casas dos personagens mais pobres, por exemplo, são marcadas pela simplicidade e pela escassez de recursos, enquanto os espaços ocupados pelos romanos apresentam uma arquitetura mais sofisticada, com elementos que indicam poder e status.

A cenografia em *The Chosen* não se limita a recriar ambientes, mas sim a contribuir para a construção simbólica da narrativa. Faz uso de uma estética cuidadosa para transmitir um sentido de espiritualidade e simplicidade, compatível com a proposta da série de foco na humanidade de Jesus Cristo e de seus seguidores. Essa abordagem

vai ao encontro das ideias de Hamburger (2014), que sugere que o espaço cênico deve ser capaz de expressar camadas de significado que vão além do que é dito nos diálogos.

Em *The Chosen* tal aspecto se manifesta nas escolhas arquitetônicas e nos detalhes dos ambientes, que não apenas refletem a cultura e a religiosidade da época, mas também servem para destacar a tensão entre o divino e o humano, presente em toda a série. Além disso, a forma como os personagens interagem com os espaços contribui para a narrativa visual. A cena de Jesus Cristo ensinando nas margens do Mar da Galileia, por exemplo, utiliza o ambiente natural para intensificar o simbolismo de suas palavras. O mar, com sua vastidão, serve como metáfora para a amplitude do chamado de Jesus Cristo e para a profundidade de sua mensagem. Da mesma forma, os vilarejos modestos onde os milagres acontecem reforçam a ideia de que o divino se manifesta nas situações mais simples e cotidianas, criando um paralelo entre o espaço físico e o espiritual. Portanto, a cenografia em *The Chosen* vai além de um papel decorativo, sendo uma extensão da narrativa. A cenografia reforça temas centrais como a humildade, a espiritualidade e o contraste entre o mundano e o sagrado. Cada cenário é pensado para não apenas situar os personagens no tempo e no espaço, mas também para intensificar os significados profundos da história que está sendo contada:

Cada peça que compõe um cenário é cuidadosamente escolhida ou especialmente desenhada e construída. Sua expressividade conta com significados utilitários, formais, simbólicos e, mais uma vez, subjetivos. Sua estrutura construtiva comunica ainda pensamentos e interpretações sobre o equilíbrio e o conforto, jogando com o peso e o volume em sua presença no espaço (HAMBURGER, 2014, p. 44).

No processo de criação de um cenário, cada detalhe é essencial para dar vida à narrativa, e o trabalho do diretor de arte exige uma coordenação cuidadosa e colaborativa. Jeff Staebler, diretor de arte do *The Chosen* experiente, explica que suas responsabilidades incluem a criação dos desenhos dos cenários, a coordenação de locais de filmagem e a supervisão de toda a equipe de arte. Este profissional destaca que, para que a visão artística funcione, a colaboração entre os profissionais envolvidos é indispensável.

De acordo com Jeff Staebler (2024), as responsabilidades incluem a criação de desenhos de cenários, a coordenação de locais de filmagem e a supervisão da equipe de arte. A colaboração é fundamental. O diretor de arte sempre busca facilitar o trabalho do designer de produção. Jeff Staebler também menciona a importância de planejar com antecedência. *“Eu e James realizavam uma pesquisa detalhada sobre cada cena, analisando os roteiros para garantir que todos os detalhes estivessem corretos, desde*

*os figurinos até os locais de filmagem. A pesquisa desempenha um papel crucial na criação de cenários autênticos.”*⁸

Outro elemento essencial da direção de arte em *The Chosen* é o figurino. As vestimentas dos personagens são inspiradas nos tecidos e trajes típicos do período bíblico. O figurino busca transmitir não apenas o contexto histórico, mas também a personalidade e a jornada espiritual de cada personagem. Por exemplo, as roupas de Jesus Cristo são simples e desprovidas de ornamentos, o que reflete sua humildade e proximidade com o povo. O figurino dos discípulos, embora também simples, apresenta variações que ajudam a distingui-los visualmente e mostram a evolução dos personagens. Através das roupas é possível ver a transformação de Pedro, por exemplo, de um pescador para um seguidor dedicado de Jesus Cristo. Além disso, os contrastes de figurino ajudam a diferenciar classes sociais e culturas dentro da série, como as roupas dos fariseus, que são mais elaboradas, ou as dos romanos, que destacam a autoridade com suas armaduras e uniformes de combate.

O figurino, segundo Hamburger (2014) e Moura (2015), não se restringe apenas à reprodução de roupas de época, mas deve comunicar elementos simbólicos e psicológicos dos personagens. Em *The Chosen* os figurinos são usados para destacar as diferenças sociais, culturais e religiosas dos personagens, além de refletir suas transformações ao longo da série. O figurino de Jesus Cristo, por exemplo, em tons neutros e tecidos simples, sugere humanidade e proximidade com as pessoas comuns, enquanto os trajes dos fariseus refletem maior formalidade e distanciamento. A escolha dos figurinos de cada personagem segue a proposta de Moura (2015) de que o figurino é uma ferramenta para definir a identidade visual e a trajetória dos personagens. As cores, texturas e formas escolhidas são pensadas para transmitir a essência de cada um, como a humildade dos apóstolos em contraste com a riqueza dos romanos e líderes religiosos.

Butruce (2017) defende que a iluminação é um elemento essencial para criar atmosferas e emoções em uma obra audiovisual. Em *The Chosen* a iluminação é utilizada de maneira sutil e simbólica, muitas vezes com luzes suaves e quentes, que evocam um sentimento de acolhimento e espiritualidade. Nos momentos em que Jesus Cristo realiza milagres ou interage com seus discípulos, a luz se torna um símbolo da presença divina, destacando esses eventos e proporcionando uma conexão emocional

⁸ Informação fornecida por: Jeff Staebler em entrevista concedida para a autora Larissy Viera da Costa em Cachoeira Paulista na data de 15 de outubro de 2024.

com o espectador. Além disso, a iluminação é usada para separar o natural do sobrenatural, um princípio essencial na teoria de Bueno (2017). Em cenas que envolvem cura ou ensinamentos, a luz parece "tocar" os personagens de maneira que reforça a ideia da graça divina. Essa abordagem reforça o aspecto espiritual da narrativa e aproxima a linguagem visual da proposta temática. A iluminação em *The Chosen* é uma ferramenta visual magnífica que complementa a narrativa emocional e espiritual da série. Em cenas que retratam momentos de milagres ou encontros divinos, a iluminação suave e quente destaca a presença divina. As sombras são usadas para criar um ambiente de mistério e expectativa, como nas cenas de diálogos profundos entre Jesus Cristo e seus discípulos. Durante os momentos de dor e incerteza, a iluminação é mais fria e contida, contribuindo para o clima dramático da situação. Há também um uso inteligente da luz natural, especialmente em cenas externas, que ajudam a conectar a série à ideia de divindade manifestada na simplicidade do cotidiano.

A paleta de cores de *The Chosen* é sóbria e terrosa, predominando tons de marrom, bege e verde oliva, o que reforça o ambiente desértico e a simplicidade das aldeias e povoados onde a história se desenrola. O uso de cores neutras destaca a espiritualidade e a austeridade da vida dos personagens, remetendo à ideia de que o foco está na mensagem de Jesus Cristo e não nos excessos materiais. No entanto a série também utiliza cores para simbolizar transformação e conflito.

Em momentos de tensão ou incerteza tons mais escuros e saturados surgem, enquanto cenas que retratam paz e conexão espiritual trazem cores mais suaves e acolhedoras. A variação sutil de tons ajuda a construir uma narrativa visual rica, que comunica emoções de forma quase imperceptível, mas profundamente impactante. Esses elementos, quando integrados, tornam-se um veículo importante para transmitir a essência da história e das emoções dos personagens, oferecendo ao público uma experiência visual e emocional rica e profundamente conectada com o conteúdo.

Segundo Bellantoni (2005) cores como o marrom e o verde estão associadas à estabilidade, conexão com a terra e à sensação de segurança. Isso contribui para destacar a simplicidade espiritual dos personagens e o ambiente humilde em que vivem, remetendo à ideia de que suas preocupações estão voltadas para o divino e não para o material. No entanto, a série também utiliza mudanças na paleta para simbolizar transformações emocionais e conflitos internos.

De acordo com Bellantoni (2005) cores mais escuras e saturadas, como os tons de azul profundo ou vermelho escuro, costumam evocar sentimentos de tensão, perigo ou introspecção. Esses tons aparecem em momentos de incerteza ou conflito, como nas

cenar em que os personagens enfrentam dilemas morais ou desafios espirituais, refletindo visualmente emoções internas. O uso de cores mais vibrantes e densas nesses momentos contrasta fortemente com a predominância de tons neutros, intensificando o impacto emocional. Por outro lado, Bellantoni (2005) sugere que cores suaves, como os tons pastéis e o azul claro, transmitem tranquilidade e espiritualidade.

Em *The Chosen* essas cores aparecem em momentos de paz e conexão espiritual, como nas interações entre Jesus Cristo e os discípulos ou nas cenas que retratam a cura e o perdão. A suavidade dessas cores cria um ambiente visual acolhedor, que reflete a harmonia e a serenidade dessas situações, ajudando o público a sentir essa conexão emocional de forma mais profunda. Além disso, a variação sutil nos tons não apenas marca as emoções, mas também guia o espectador através da jornada espiritual dos personagens.

Conforme Bellantoni (2005) aponta, as cores têm o poder de influenciar o humor do público de maneira subconsciente. A transição de cores mais escuras para mais claras ao longo da narrativa pode simbolizar o crescimento espiritual, com momentos de dor ou dúvida seguidos por aqueles de iluminação e clareza. Dessa forma, a paleta de cores em *The Chosen* atua como um elemento narrativo crucial, integrando a psicologia das cores para comunicar emoções e temas de maneira quase imperceptível, mas altamente impactante. As escolhas cromáticas não apenas refletem o ambiente e o contexto histórico, mas também funcionam como uma ferramenta magnífica para aprofundar a experiência emocional e espiritual do público.

3.2. Análise das Cenas com Foco na Direção de Arte

A análise da direção de arte na série *The Chosen* apresenta uma oportunidade para entender como os elementos visuais contribuem para a construção narrativa e para a ambientação histórica da série. Este estudo explora as cenas-chave das duas primeiras temporadas, especificamente o episódio *A Rocha Sobre a Qual é Construída*, primeira temporada, e o episódio *A Oportunidade Perfeita*, segunda temporada, duas últimas temporadas, *Limpo, parte II*, da terceira temporada, e o episódio *Humilde* da quarta temporada, abordando detalhadamente como a cenografia, o figurino, a paleta de cores e a iluminação trabalham em conjunto para intensificar a atmosfera e transmitir as emoções e intenções dos personagens. Durante o processo de análise as imagens utilizadas foram capturadas diretamente pela autora, extraídas de takes cuidadosamente selecionados para ilustrar os pontos observados em cada cena. Essa captura de autoria da própria pesquisadora permite uma análise detalhada e direcionada, com foco em aspectos específicos que reforçam o contexto histórico e os

sentimentos expressos pelos personagens, além de evidenciar as escolhas criativas dos responsáveis pela direção de arte. Essa metodologia possibilita uma observação minuciosa dos detalhes técnicos, que embora possam passar despercebidos pelo espectador comum, desempenham um papel fundamental na imersão visual e emocional oferecida pela série. A análise dos episódios selecionados visa destacar o impacto que a direção de arte exerce sobre a narrativa, explorando como cada elemento visual é cuidadosamente planejado para se alinhar à época de Jesus Cristo e para enriquecer a experiência do espectador. Este estudo contribui para o entendimento dos elementos visuais que definem a estética de *The Chosen* e enfatiza a importância da direção de arte no processo criativo do produto audiovisual, especialmente em produções que recriam períodos históricos com rigor e sensibilidade.

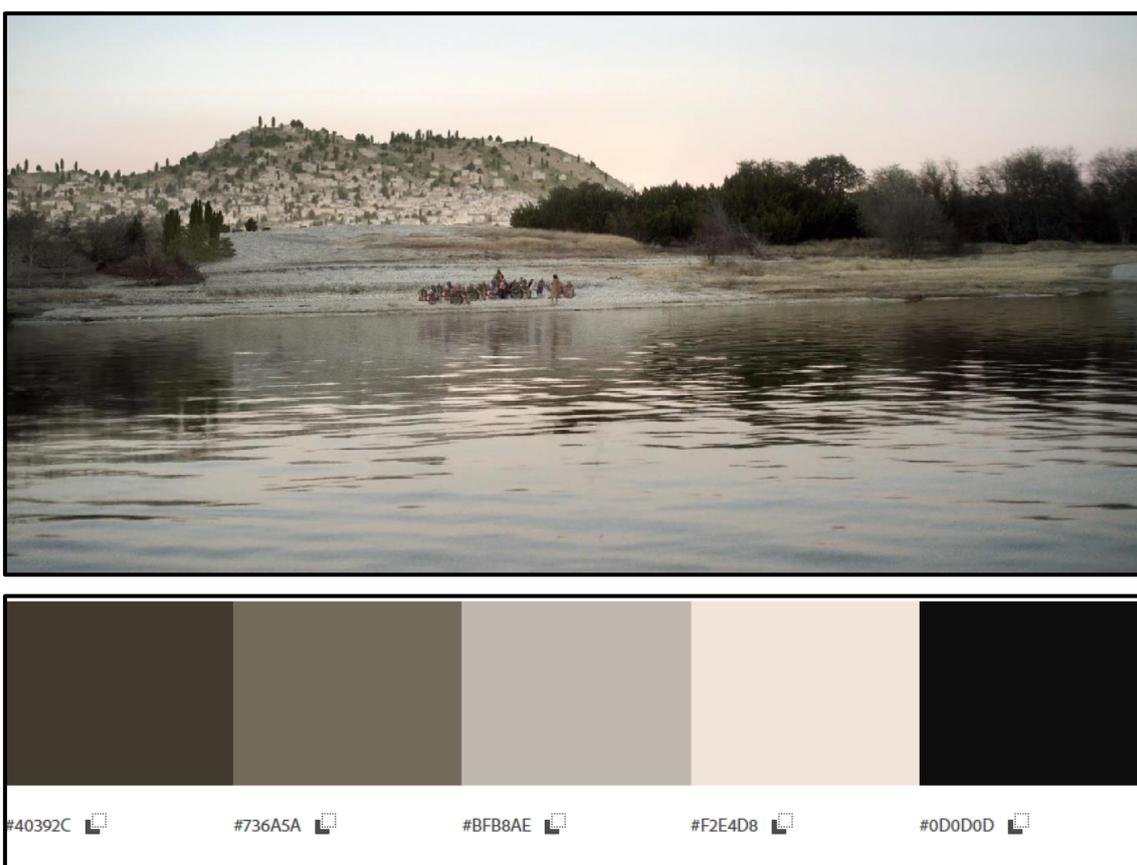


Figura 7 - A Rocha Sobre a Qual é Construída I
Temporada: 1^a
Episódio: A Rocha Sobre a Qual é Construída – 48'51”

A cena apresentada oferece uma vasta oportunidade para uma análise detalhada da direção de arte da série *The Chosen*, considerando a contribuição de autores como Aumont (2012), Bellantoni (2005) Hamburger (2014) e outros. Cada

elemento visual, desde o cenário até a paleta de cores e a fotografia, contribui significativamente para a construção narrativa e emocional da cena.

O cenário retrata uma margem de rio desolada, cercada por montanhas e vegetação seca. De acordo com Hamburger (2014) a cenografia tem a função de reforçar o espaço narrativo, oferecendo ao espectador uma ambientação que dialoga diretamente com o tempo e o espaço da narrativa. Neste caso, a escolha de um ambiente árido e natural remete ao contexto histórico e cultural da época de Jesus Cristo, sugerindo uma simplicidade que destaca a natureza divina e humana das personagens, alinhando-se com o tema espiritual da série. O cenário da figura 7 mostra um terreno desértico, com arbustos esparsos e uma colina ao fundo. Esse tipo de ambiente remete imediatamente às paisagens do Oriente Médio, onde a história bíblica acontece. Segundo Hamburger (2014) o cenário é fundamental para criar um universo crível ou seja, fazer o público acreditar que a história realmente se passa naquele local e período. Nesta figura, o cenário transporta o público um lugar distante, simples e desprovido de grandes construções ou elementos modernos, o que ajuda a construir a autenticidade da época de Jesus Cristo.

Além disso, o uso desse espaço amplo e desértico reflete o isolamento e a simplicidade da vida dos personagens, muitos dos quais são pessoas humildes que viviam em comunhão com a natureza. A escolha de um cenário com essas características faz com que o público sinta a força e a espiritualidade desse lugar, criando uma conexão emocional com a história. Portanto, a vegetação é esparsa e discreta, composta por arbustos e algumas poucas árvores pequenas, típicas de uma região semiárida. Esse tipo de vegetação reforça a sensação de um ambiente hostil, onde a vida vegetal é limitada e cresce apenas de forma modesta, em locais específicos. Para o espectador, essa escolha visual comunica a ideia de um lugar simples, que depende da natureza e da terra para sobreviver. Como observa Hamburger (2014), a ambientação ajuda a construir o "cenário emocional" da narrativa, e aqui a vegetação escassa e resiliente se conecta com a vida humilde e resistente dos personagens.

A superfície do solo na figura 7 é coberta por pedras e areia, em tons de bege e cinza. Esse chão rochoso e seco reforça a ideia de um terreno difícil, que exige esforço para ser habitado e cultivado, o que se alinha ao estilo de vida dos personagens bíblicos, que muitas vezes enfrentaram adversidades na natureza. Além disso, o solo pedregoso contrasta com a água tranquila o mar que parece um lago à frente, simbolizando o equilíbrio entre a dureza da vida e a calma espiritual que a narrativa propõe. Segundo

Aumont (2012) a composição visual deve comunicar as dualidades da história, e aqui o contraste entre o solo árido e a água representa essas oposições.

No horizonte da cena a figura 7 revela uma colina coberta por pedras e vegetação baixa. As montanhas ao fundo ajudam a criar profundidade na imagem e ampliam a sensação de imersão. As elevações montanhosas têm um papel simbólico na narrativa visual, representando a conexão entre o céu e a terra, um tema importante nas histórias bíblicas. As montanhas também contribuem para uma sensação de proteção e isolamento, como se os personagens estivessem resguardados pela paisagem natural, longe da civilização. Essa ideia se conecta à teoria da Hamburger (2014) que vê o cenário como um "refúgio" para os personagens, onde eles podem se conectar com o espiritual longe das distrações do mundo exterior. A presença da água no primeiro plano da figura 7 oferece uma dimensão de serenidade e reflexão. A superfície do lago, que reflete o céu e parte da paisagem, contribui para uma atmosfera pacífica, como se a natureza estivesse em harmonia com o momento. Além disso, a água tem um forte simbolismo espiritual é frequentemente associada à purificação e renovação, temas centrais nas histórias de Jesus Cristo e no simbolismo cristão. Segundo Hamburger (2014) a água também pode servir como um espelho da alma, refletindo o estado emocional dos personagens e do próprio espectador. O reflexo suave no lago traz um aspecto de introspecção e serenidade, que intensifica a espiritualidade da cena.

As cores da vegetação, pedras e montanhas criam uma unidade visual que reforça o realismo e a autenticidade do ambiente. As cores na figura 7 são principalmente neutras e terrosas, como tons de marrom, bege e verde escuro. De acordo com Heller (2013) as cores têm um impacto psicológico importante, e cada tom pode evocar sentimentos específicos. No caso dos tons terrosos, estes podem conectar com a terra e a simplicidade, evocando estabilidade, tradição e familiaridade. Essas cores também reforçam a ideia de um ambiente rústico e natural, sem ostentação, o que é apropriado para representar uma época de simplicidade. Usar uma paleta terrosa também ajuda a criar uma sensação de continuidade com o ambiente ao redor dos personagens. Os espectadores percebem que as cores das roupas e da paisagem se harmonizam, o que torna a cena mais coesa e autêntica. Isso é importante porque, segundo Hamburger (2014), quando a paleta de cores de uma cena está alinhada ao cenário e figurino, contribui para uma experiência visual que parece "natural" e imersiva.

Embora o figurino dos personagens não seja o foco principal da figura 7 já que os personagens estão distantes, é possível notar que as roupas têm um aspecto simples

e rústico. As vestimentas são feitas de tecidos sem brilhos, em tons neutros, que combinam com o ambiente natural ao redor. Esse tipo de figurino é ideal para reforçar a humildade e a autenticidade da vida das pessoas naquele período. Hamburger (2014) afirma que o figurino deve "dialogar com o cenário" ou seja, precisa se ajustar ao ambiente e à cultura representada, oferecendo uma visão intuitiva da época e dos costumes dos personagens. Além disso, o figurino em tons neutros permite que o espectador foque mais na mensagem e na interação dos personagens, sem distrações visuais. Em uma série histórica, como *The Chosen*, o figurino desempenha um papel crucial em transportar o espectador para o passado, especialmente quando os trajes refletem estilos que parecem "intemporais" e verdadeiros. A iluminação é natural, provavelmente gravada ao final da tarde, o que cria uma luz suave e agradável. Na figura 7, a cena traz uma luz do entardecer não é muito intensa, proporcionando uma sensação de serenidade e tranquilidade. Segundo Aumont (2012) a iluminação é uma ferramenta incrível para criar atmosferas, e a luz natural nesta cena ajuda a comunicar a simplicidade e a beleza da vida ao ar livre. O uso de luz natural também reforça a ideia de autenticidade e nos aproxima da experiência dos personagens, que viviam sem acesso a iluminação artificial. Esse detalhe, mesmo que sutil, adiciona uma camada de realismo, pois o espectador sente que está observando um momento real, como se estivesse acontecendo diante dos seus olhos. A luz suave também colabora para um tom introspectivo, fazendo o público sentir que este é um momento importante, de reflexão e de uma conexão espiritual.

Em relação a fotografia, conforme a figura 7, a forma como a cena é filmada e enquadrada também desempenha um papel fundamental. A imagem foi gravada de uma distância considerável, mostrando não só os personagens, mas também o vasto ambiente ao redor. Esse tipo de enquadramento, que coloca os personagens como pequenos pontos em meio à natureza, reforça a grandiosidade do cenário e a insignificância do homem diante da criação divina, algo que é tematicamente relevante para a narrativa.

Segundo Aumont (2012) o enquadramento e a composição ajudam o público a interpretar uma cena e direcionam a forma como a mensagem é recebida. Aqui, ao posicionar os personagens no centro de uma paisagem vasta e tranquila, a fotografia comunica uma sensação de paz e introspecção. A água em primeiro plano reflete o céu, criando uma simetria natural e uma harmonia visual, o que atrai o espectador e o convida a mergulhar na cena. É provável o uso de uma lente grande angular, uma lente que capta uma visão mais ampla, ajuda a ampliar a sensação de espaço e de isolamento.

Esse tipo de lente é eficaz para transmitir o sentimento de que os personagens estão em um momento de contemplação, longe do mundo urbano e moderno, o que ressoa com a ideia de busca espiritual e simplicidade.

A direção de arte, ao se concentrar em detalhes como a vegetação seca, o solo pedregoso, as montanhas ao fundo e a água tranquila, constrói um cenário que não apenas representa uma paisagem antiga, mas também comunica simbolicamente temas de resiliência, simplicidade e conexão com o divino. O uso de tons terrosos e de uma iluminação natural ajuda a criar uma paleta visual que é fácil de aceitar e entender, mesmo para quem não conhece a história por trás da imagem. Esses elementos visuais tornam o ambiente acessível e familiar, o que facilita a imersão do público na narrativa.

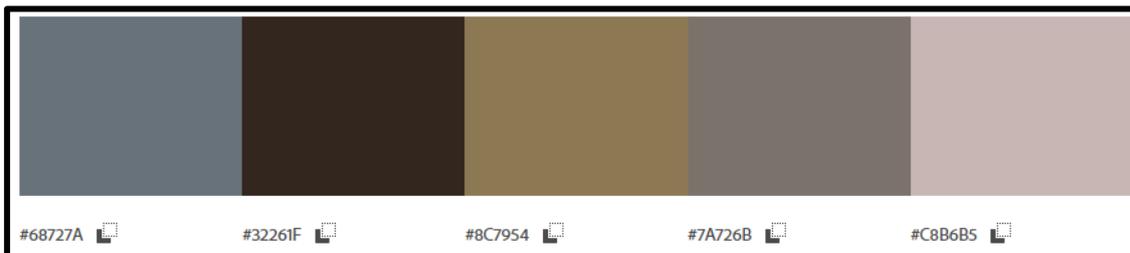


Figura 8 - A Rocha Sobre a Qual é Construída II
1° Temporada

Episódio: A Rocha Sobre a Qual É Construída – 48'51"



**Figura 9 - A Rocha Sobre a Qual é Construída III
1º Temporada**

Episódio: A Rocha Sobre a Qual É Construída – 48’51”

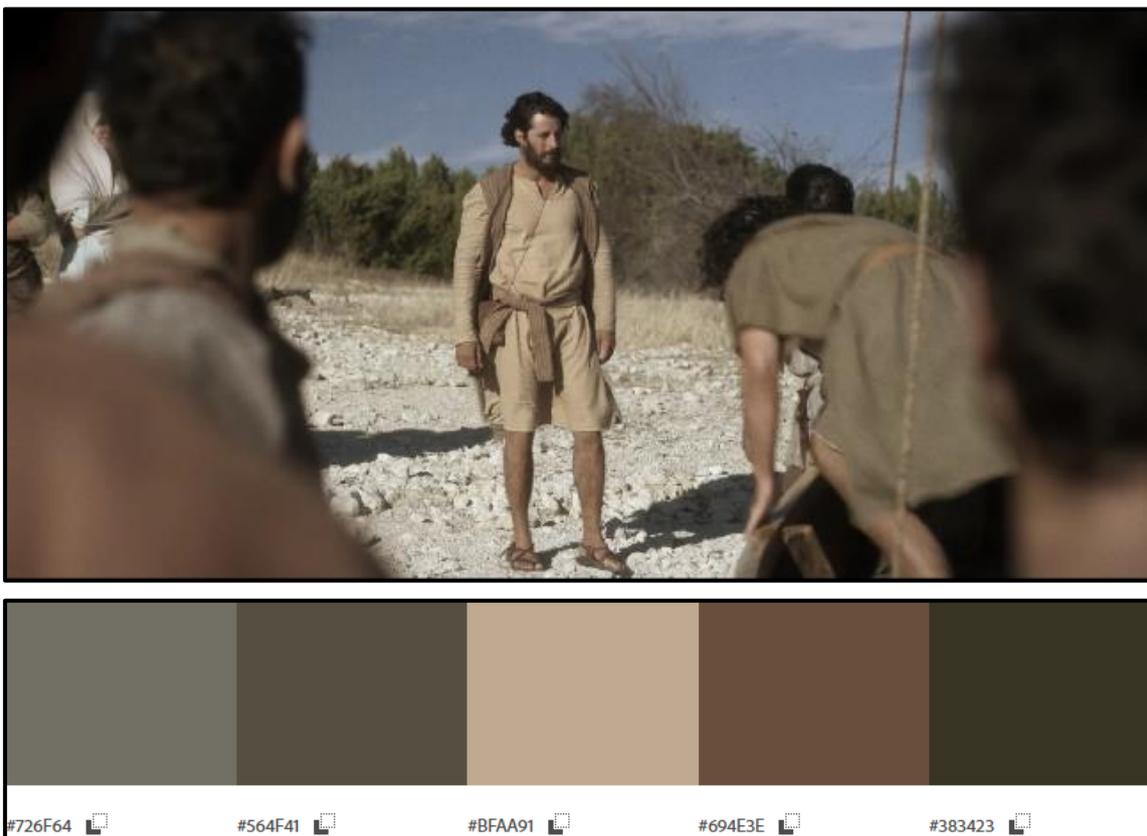
Nas figuras 8 e 9 vemos uma ambientação que representa pescadores em barcos simples, navegando no mar da Galileia. A extensão de água, cercada por colinas baixas e uma vegetação modesta ao fundo, cria uma atmosfera tranquila e realista de um ambiente natural e deserto. Esse cenário é essencial para transmitir o contexto histórico e geográfico dos personagens, remetendo a uma época onde a pesca era uma atividade de subsistência fundamental. A paisagem ao fundo, composta por leves elevações e vegetação rasteira, sugere um local isolado, propício para a vida simples que esses pescadores levavam. A paleta de cores escolhida é dominada por tons naturais e terrosos como o marrom, o bege e o verde desbotado. No barco, as cores neutras da madeira e os trajes simples dos personagens harmonizam com o tom esverdeado da água e o céu pálido ao fundo. Essa escolha cromática reforça o aspecto de humildade e simplicidade dos pescadores, criando uma sensação de autenticidade histórica. Como Hamburger (2014) aponta, o uso de tons terrosos e apagados em uma paleta de cores pode ajudar a evocar um passado mais distante e uma realidade mais

dura e rústica. Isso reforça a ideia de que a vida dos personagens não é glamourosa, mas ligada à natureza e ao trabalho manual.

O figurino dos personagens, conforme a figura 9, é composto por vestimentas simples, com tecidos grosseiros e cores discretas, que variam entre o marrom, o bege e o cinza. As roupas têm um aspecto desgastado, reforçando a ideia de uso constante e trabalho árduo. Não há adornos ou acessórios que desviem a atenção. Os elementos do figurino indicam funcionalidade e praticidade, características essenciais para pescadores da época. Nos barcos são observados alguns elementos que complementam o cenário e ajudam a construir a identidade dos personagens como pescadores. Cordas, redes de pesca e cestos estão espalhados pelo barco, todos em materiais naturais e em estado bruto, sem refinamento ou luxo. Esses objetos contribuem para criar uma cena de trabalho, de rotina diária, quando os personagens estão imersos em suas atividades comuns. A presença desses objetos reforça o contexto de subsistência, pois o telespectador percebe que cada item é essencial para a atividade de pesca. Os objetos em cena, quando bem integrados, reforçam a narrativa e ajudam o público a entender a ocupação e a cultura dos personagens de maneira visual.

A iluminação, conforme as cenas de cada figura 8 e 9 é natural, provavelmente gravadas ao amanhecer ou entardecer, quando a luz é suave e dourada. Esse tipo de iluminação cria sombras leves e destaca os personagens e os objetos de maneira sutil. A luz suave também ajuda a suavizar as cores, mantendo a paleta neutra e naturalista. A fotografia, com enquadramentos que captam tanto o barco quanto a água ao redor, cria uma sensação de isolamento e vastidão. Segundo Aumont (2012) a fotografia que explora o ambiente natural sem artifícios transmite realismo e aproxima o espectador do cenário, permitindo uma compreensão visual mais profunda do contexto. Esses elementos juntos cenário, paleta de cores, figurino, objetos e iluminação compõem uma cena que comunica simplicidade e autenticidade.

A direção de arte foi cuidadosa em manter todos os aspectos visuais em harmonia para criar uma representação fiel de pescadores de uma época antiga. Os espectadores, mesmo sem grande conhecimento histórico, podem facilmente entender o estilo de vida dos personagens e sentir empatia por suas condições de vida modestas. Ao construir uma cena conforme esta análise se trata, a série consegue não só transportar o público para uma era passada, mas também tornar esses personagens próximo ao público fazendo com que o público possa se entender e se identificar.

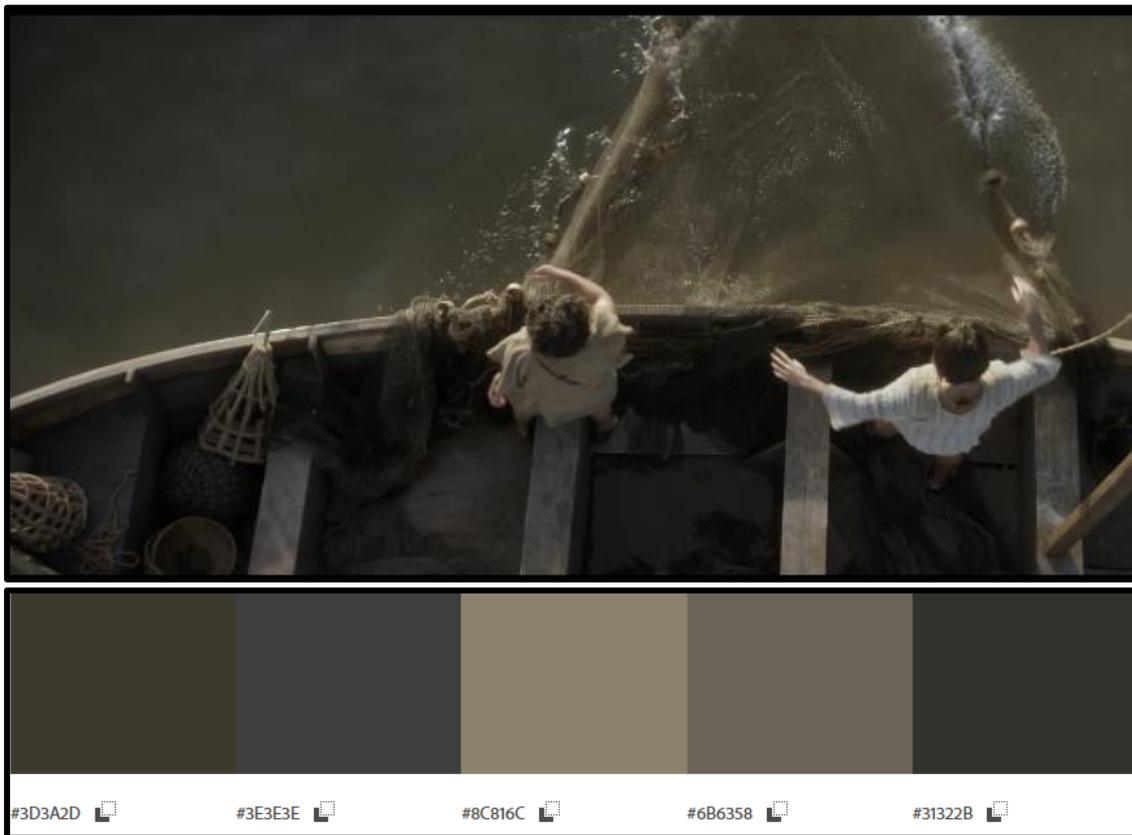


**Figura 10 - A Rocha Sobre a Qual É Construída IV
1º Temporada**

Episódio: A Rocha Sobre a Qual É Construída – 48’51”

O cenário nas figuras 10 e 11 evoca a paisagem árida e seca da Terra Santa, uma característica marcante da região na qual os eventos bíblicos se desenrolaram. A vegetação esparsa, composta por árvores distantes e terrenos pedregosos, reflete a geografia desértica do antigo Israel, quando os relatos históricos bíblicos acontecem. O uso de pedras no solo e a ausência de construções modernas reforçam o ambiente rural e remoto, criando uma conexão visual imediata com a antiguidade. A escolha de um cenário natural, sem elementos visíveis de modernidade, remete à simplicidade da vida naquele tempo. Este tipo de ambiente torna a narrativa mais crível e ajuda a transportar o espectador para um período histórico distante, quando a subsistência dependia da terra, da pesca e de práticas agrícolas rudimentares.

O figurino desempenha um papel crucial na autenticidade e na imersão da cena. Os personagens usam roupas simples e rústicas, feitas de tecidos naturais como linho ou algodão, que eram comuns na época.



**Figura 11 - A Rocha Sobre a Qual É Construída V
1º Temporada**

Episódio: A Rocha Sobre a Qual É Construída – 48’51”

As túnicas longas, os mantos e as sandálias revelam uma fidelidade histórica, além de trazerem significados culturais e religiosos importantes. As vestimentas amarradas com faixas na cintura sugerem uma classe trabalhadora, como pescadores. A cor neutra e a ausência de adornos revelam a simplicidade e a humildade desses personagens, o que também está alinhado com a representação de discípulos seguidores de uma figura religiosa importante. Esse estilo de vestuário sugere a necessidade de roupas práticas para o trabalho manual, como a pesca, que é o foco da segunda figura 11.

A paleta de cores da cena é composta por tons terrosos e neutros, como bege, marrom, areia e verde oliva, que criam uma conexão com o ambiente natural e reforçam a sensação de austeridade e simplicidade. Esses tons remetem à terra, à poeira e à vida modesta dos personagens retratados. A cor predominante de suas vestes, um bege ou marrom claro, reflete a proximidade com a terra, a modéstia e a falta de sofisticação

material. Do ponto de vista da *teoria das cores*⁹, tons neutros e terrosos como esses evocam uma sensação de calma, estabilidade e realismo. Ajudam a estabelecer uma atmosfera de humildade e introspecção, afastando o foco do espectador de elementos extravagantes para concentrar-se na mensagem espiritual da cena. O uso desses tons também cria uma harmonia com o ambiente natural, sugerindo que os personagens estão em sintonia com a natureza e suas condições.

A iluminação é suave e natural, sugerindo o uso de luz solar direta para iluminar a cena. A ausência de sombras duras e a difusão suave da luz indicam que a cena foi filmada em uma hora do dia em que a luz do sol está mais baixa, como no início da manhã ou no final da tarde. Isso ajuda a criar um clima sereno e contemplativo, que está de acordo com o tom narrativo de uma história bíblica ou espiritual. A fotografia valoriza os elementos naturais, com o enquadramento da primeira imagem focando o personagem ao centro, reforçando sua importância no contexto da narrativa. A escolha de um ângulo baixo, como mostrado na primeira imagem, confere ao personagem central uma posição de destaque e autoridade, sugerindo que pode ser uma figura de liderança ou de importância espiritual. Na figura 11 o ângulo elevado mostra a atividade de pesca, conectando os personagens com o ato simbólico de pescadores de homens, que tem forte conotação bíblica.

A cor neutra das roupas e a iluminação suave criam uma sensação de paz e introspecção. Conforme o apontamento anterior na psicologia das cores, tons neutros tendem a não provocar emoções intensas, mas sim trazer uma calma meditativa. Isso é ideal para histórias religiosas ou espirituais, onde a contemplação e a conexão interna são temas centrais. A combinação de uma paleta terrosa, iluminação suave e figurinos históricos autênticos cria uma estética realista e emocionalmente rica, alinhada com o propósito de transmitir narrativas de humildade, fé e transformação espiritual.

As escolhas de direção de arte não apenas reforçam o contexto histórico, mas também ajudam a evocar uma resposta emocional profunda no espectador, baseada em sua conexão visual e simbólica com o cenário e os personagens.

⁹ COSTA, Maria Helena B. V. da. **Cores e filmes**. Um estudo da cor no cinema. Curitiba: Editora CRV, 2009.

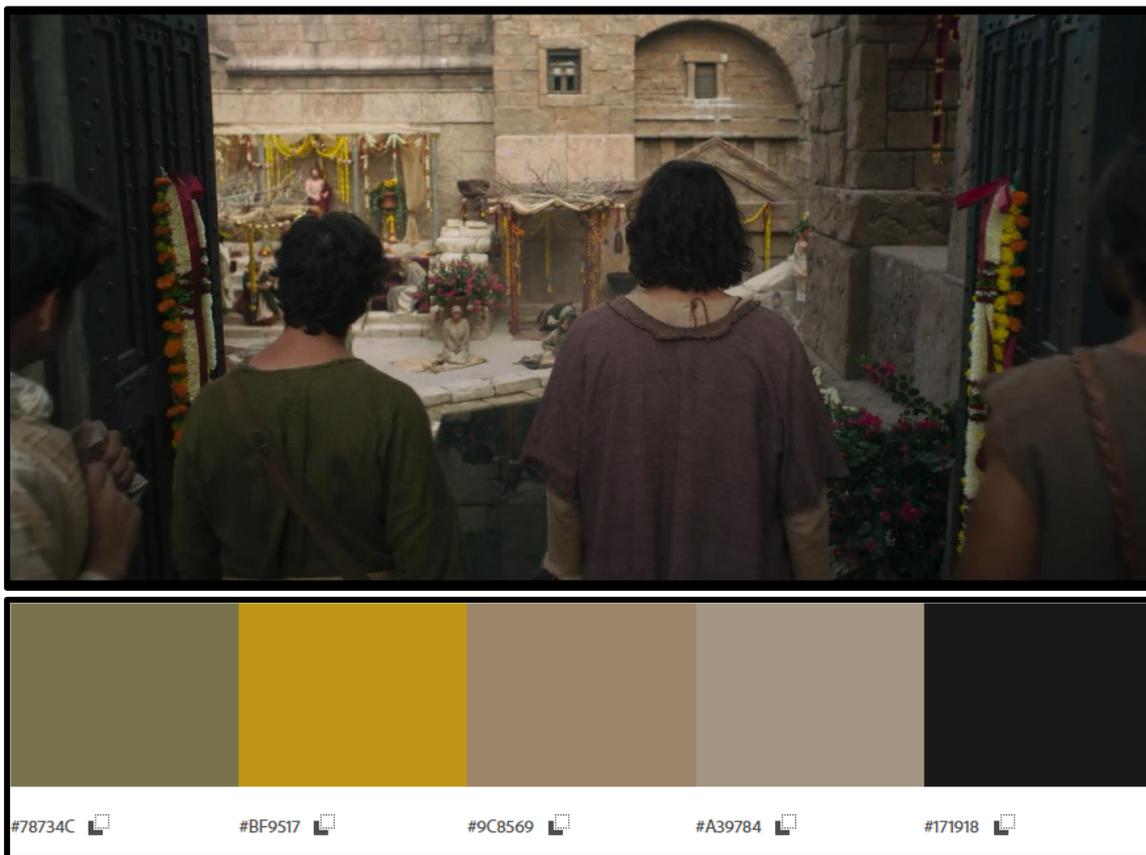


Figura 11 - A Oportunidade Perfeita I

2° Temporada

Episódio: A Oportunidade Perfeita – 58:43





Figura 12 - A Oportunidade Perfeita II
2º Temporada
Episódio: A Oportunidade Perfeita – 58'43"



Figura 13 - A Oportunidade Perfeita III
2º Temporada
Episódio: A Oportunidade Perfeita – 58'43"

A série *The Chosen* retrata episódios bíblicos de forma cuidadosa, com uma direção de arte que se esforça para captar a atmosfera espiritual e histórica dos locais. As cenas das figuras 12, 13, 14 selecionadas pela autora ilustram a Piscina de Betesda onde, segundo a narrativa a Cristã, Jesus Cristo realizou milagres de cura. A direção de arte é fundamental para recriar uma atmosfera verossímil que remeta à Jerusalém Antiga. O cenário transmite uma sensação de autenticidade e familiaridade histórica. A cenografia é composta por paredes de pedra rústica e escadarias largas, que evocam

a arquitetura da época e dão ao cenário uma aparência robusta e ancestral. Esse estilo arquitetônico reflete a estrutura de um local público de importância, como uma piscina onde pessoas da comunidade se reuniram para buscar cura e orientação. A presença de elementos decorativos no cenário, como guirlandas de flores e fitas coloridas penduradas, adiciona uma camada de simbolismo. Esses adornos sugerem a reverência e a esperança das pessoas que frequentam a piscina. As flores e fitas não são apenas decorativas, representam o otimismo e a espiritualidade, sendo associadas a orações e desejos de cura. Isso cria uma dicotomia interessante entre o cenário em si – antigo e desgastado – e a decoração vibrante e cheia de vida, que sugere a fé contínua das pessoas mesmo em meio ao sofrimento. Além disso, a disposição dos personagens e figurantes no espaço é significativa. Os personagens estão posicionados de forma que a piscina se pareça com um ponto de convergência, onde as pessoas se reúnem, para descansar, refletir ou procurar alívio.

Esse layout mostra como a direção de arte utilizou o cenário para enfatizar o aspecto social e espiritual da Piscina de Betesda. Embora o cenário possa não ser uma reprodução exata da Piscina de Betesda na Terra Santa, transmite um senso de autenticidade histórica. As escadarias largas e os bancos de pedra criam um espaço comunitário realista, onde peregrinos e doentes se acomodam, reforçando a ideia de que Betesda era um local de encontro e esperança para aqueles em busca de milagres, um cenário parece estilizado para evocar uma ideia de espiritualidade e sofrimento coletivo.

De acordo com Fuiirst e Geiger (2018) a topografia e a geografia são fundamentais para contextualizar uma narrativa em seu local histórico. No entanto, essa recriação visual funciona mais para transmitir um sentimento da época do que para refletir com exatidão a disposição geográfica da Jerusalém do primeiro século. Assim, pode - se dizer que a série recria um "lugar simbólico" que representa Betesda sem um compromisso rigoroso com sua geografia real.

A textura das paredes e o desgaste dos degraus indicam a passagem do tempo, sugerindo que esse local foi frequentado por gerações. O cenário remete a uma Jerusalém antiga e austera, sem excessos de ornamentos, em consonância com a época e o contexto social. Isso ajuda o espectador a se conectar emocionalmente com o cenário, criando uma ponte entre a história e a imaginação, transportando-o para um lugar de significados espirituais e culturais profundos.

A paleta de cores nas cenas é dominada por tons terrosos e neutros, como marrons, beges e cinzas, o que é característico de uma sociedade da época, quando

recursos coloridos e tecidos tingidos eram raros. Esses tons terrosos transmitem uma sensação de simplicidade e humildade, refletindo a condição econômica e espiritual das pessoas que frequentam o local. Essa paleta cria um contraste com os adornos coloridos das flores e fitas, que adicionam pontos de cor e chamam a atenção.

Evocam estabilidade e tradição, além de dar ao ambiente uma aparência natural e orgânica. São cores associadas à terra que pode simbolizar a conexão das pessoas com suas raízes, meio ambiente e a espiritualidade intrínseca ao local. Vermelho e amarelo (nos adornos), pequenos pontos de vermelho simbolizam a devoção e o sofrimento dos personagens, enquanto o amarelo representa esperança, cura e iluminação espiritual. Essas cores não apenas decoram o cenário, mas funcionam como elementos simbólicos que refletem a busca por um milagre ou por uma resposta divina. Segundo autores como Heller, Hamburger e Bellantoni, a escolha de cores e materiais tem como objetivo reforçar a narrativa emocional e psicológica, permitindo que o público se conecte com a situação de vulnerabilidade e espera por cura dos personagens.

O figurino dos personagens é simplificado, composto por túnicas, mantos e tecidos rústicos em tons neutros e terrosos. Essa escolha é apropriada para a época e para a classe social dos personagens, que são pessoas comuns, em sua maioria de baixa renda e em situações de vulnerabilidade. O uso de cores apagadas e tecidos com aparência desgastada reforça a autenticidade histórica, ajudando a criar um retrato fiel da população que provavelmente frequentaria um local como a Piscina de Betesda. O figurino com tecidos grosseiros e cortes amplos permite que os personagens se misturem com o cenário, como se fossem parte dele. Isso cria uma sensação de coesão visual, onde os personagens se fundem ao ambiente de forma natural. O figurino simples também simboliza a humildade e a vulnerabilidade dos personagens. Essas pessoas não estão ali para exibir status ou riqueza, mas para buscar conforto e ajuda. Assim, a escolha do figurino realça a seriedade do contexto e a espiritualidade do local.

A iluminação nessas cenas é suave e difusa, o que sugere a luz natural do dia, provavelmente de uma manhã ou tarde nublada. Essa iluminação cria um tom introspectivo e solene, que combina com a seriedade e a esperança presentes nas ações dos personagens. A luz suave evita sombras duras, permitindo que a expressão e os detalhes do cenário sejam bem visíveis, sem que haja distrações. A iluminação cria uma atmosfera de tranquilidade, quase como se o tempo estivesse suspenso. Essa sensação é reforçada pela cor uniforme das pedras e pela textura do cenário, que parece envolto em uma luz gentil e acolhedora, enfatizando o caráter sagrado do lugar.

A fotografia utiliza ângulos que revelam a profundidade do cenário, com planos que mostram tanto os personagens no primeiro plano quanto os elementos de fundo. Na figura 12 o primeiro enquadramento, os personagens estão de costas, observando a piscina e o cenário ao fundo, o que cria uma sensação de descoberta. Na figura 13 no segundo enquadramento, uma visão mais aberta da escadaria permite ao espectador observar todos os detalhes, incluindo outros figurantes que complementam a composição visual e reforçam a função comunitária do espaço. Essas cenas de *The Chosen* ilustram como a direção de arte, figurino, iluminação e fotografia trabalham em conjunto para criar um ambiente visualmente coerente e emocionalmente impactante.

A direção de arte recria uma versão convincente da Piscina de Betesda, mantendo um senso de autenticidade sem perder de vista o simbolismo e a espiritualidade do espaço. A paleta de cores e o figurino reforçam a humildade e a vulnerabilidade dos personagens, enquanto a iluminação e a fotografia acrescentam um tom introspectivo e solene à cena. Esse conjunto de elementos visuais faz com que o espectador se sinta imerso no local e na época retratada, ajudando-o a compreender a profundidade espiritual e emocional que esse ambiente possui para os personagens. Mais do que um simples cenário, a Piscina de Betesda se torna um personagem próprio, repleto de significados e capaz de transmitir a atmosfera de busca por fé e esperança que define a narrativa dessa série.

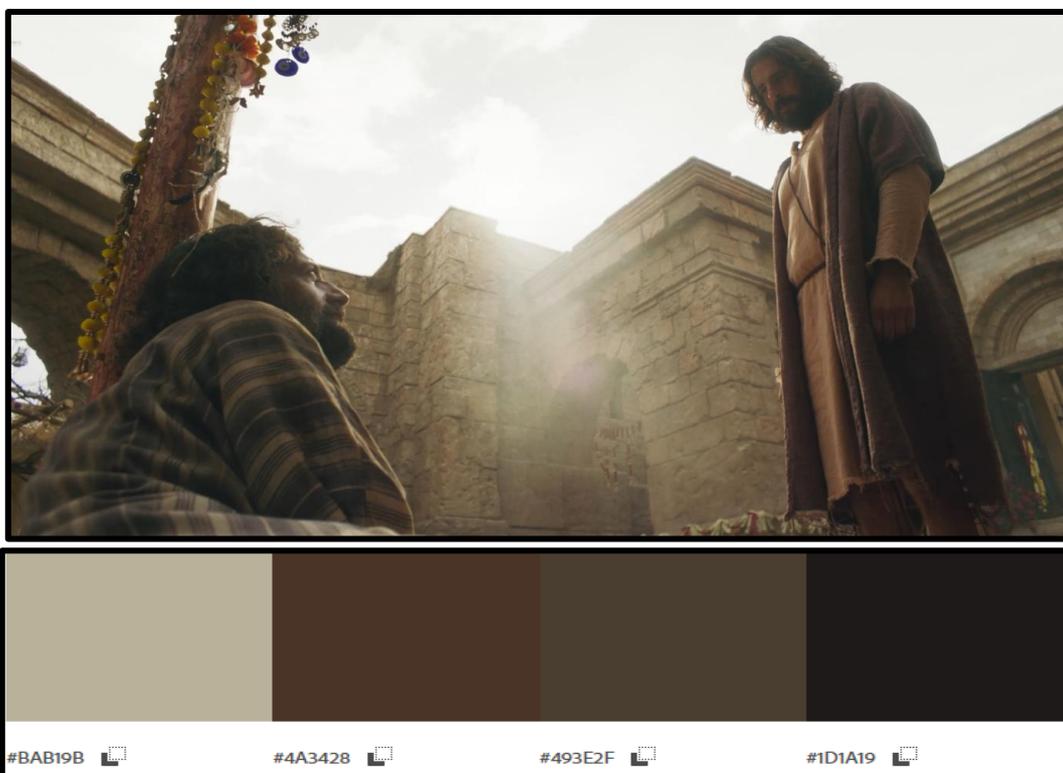


Figura 14 - A Oportunidade Perfeita IV
2º Temporada
Episódio: A Oportunidade Perfeita – 58’43”



Figura 15 - A Oportunidade Perfeita V
2º Temporada
Episódio: A Oportunidade Perfeita – 58’43

O cenário de *The Chosen*, conforme as figuras 15 e 16 com respectivas cenas apresentadas é cuidadosamente elaborado para recriar com fidelidade o ambiente do período histórico de Jesus Cristo, representando a arquitetura e os espaços de Jerusalém e arredores. Cada detalhe do cenário foi pensado para transmitir uma sensação de autenticidade, espiritualidade e simplicidade, refletindo o contexto cultural e social da época. A arquitetura do local é dominada por construções de pedra, com blocos grandes e irregulares que formam as paredes e os arcos. Essa escolha é essencial para recriar o aspecto rústico e funcional dos edifícios da época. As pedras aparentes, sem acabamento refinado, remetem à construção simples e robusta das cidades antigas, principalmente para espaços públicos, como mercados e locais de encontro comunitário. Além disso, a presença de arcos e colunas é historicamente precisa, já que eram elementos arquitetônicos comuns em construções do período

romano e hebraico. Essa característica sugere a solidez e durabilidade desses espaços, que eram construídos para resistir ao tempo e ao uso intenso. A escolha por uma estrutura de pedra também reforça a ideia de permanência e resistência cultural, simbolizando a solidez da tradição judaica e a espiritualidade que permeia o espaço. Ao colocar Jesus Cristo e os doentes em um ambiente com essas características, a série evoca a ideia de que esses valores espirituais e culturais transcendem gerações. Apesar da simplicidade, o cenário é enriquecido por detalhes ornamentais que refletem as práticas e tradições locais.

Nas cenas é possível notar colunas decoradas com fitas e pequenos objetos pendurados, que se assemelham a amuletos e talismãs. Esses elementos sugerem um ambiente de cura de ritual, provavelmente próximo a Piscina de Betesda, um local associado à cura milagrosa na narrativa bíblica. Esses detalhes decorativos também indicam a influência de várias tradições espirituais e culturais da época. O uso de amuletos e fitas coloridas poderia representar crenças populares em proteção espiritual e bênçãos, refletindo a diversidade de práticas de fé entre o povo. Esse simbolismo reforça a sensação de que o local é um ponto de encontro entre o divino e o humano, onde a esperança e a fé se manifestam fisicamente no espaço. O cenário também é construído para representar um espaço de convivência onde pessoas marginalizadas e doentes se reúnem em busca de cura e conforto. Os tapetes e mantas dispostos no chão, próximos ao tanque, sugerem uma área improvisada onde os necessitados se instalavam. Esses elementos são essenciais para transmitir a precariedade e vulnerabilidade das pessoas naquele espaço, contrastando com a presença de Jesus Cristo, que representa a esperança e o alívio para suas dores.

A aglomeração de pessoas em torno de Jesus Cristo e dos espaços sagrados cria uma sensação de dinâmica social, onde diferentes camadas da sociedade se encontram e interagem. Essa representação do espaço como um ponto de encontro e interação social é importante para a narrativa, pois revela a relevância social e espiritual do ambiente. O cenário, assim, vai além de uma função meramente estética e torna-se um componente fundamental para representar a vida comunitária e a busca coletiva por salvação e cura. Na figura 16 Jesus Cristo aparece em pé, elevado em relação aos outros personagens, simbolizando sua posição espiritual superior e sua função de guia e curador. Esse simbolismo é reforçado pela estrutura vertical das colunas e arcos, que direcionam o olhar do espectador para cima, criando uma sensação de transcendência e conexão com o céu. Ao usar o cenário para contrastar a simplicidade e modéstia dos personagens com a grandeza espiritual representada por Jesus Cristo, *The Chosen*

transmite uma verdade profunda sobre o período. A espiritualidade dos personagens é refletida no ambiente que os cerca, com o cenário atuando como uma extensão de suas crenças e aspirações.

Os materiais utilizados no cenário, como a pedra e as madeiras brutas, acrescentam uma dimensão tátil à ambientação. A textura áspera e envelhecida das pedras e madeiras cria uma sensação de autenticidade e antiguidade, aproximando o espectador da realidade do período retratado. A escolha de materiais naturais e desgastados também reforça a humildade e simplicidade do ambiente, comunicando visualmente a austeridade da vida naquele contexto histórico. O uso dessas texturas, visivelmente marcadas pelo tempo e pelo uso, permite que o espectador perceba o cenário quase como uma personagem viva, que carrega as marcas de sua história. Isso se torna ainda mais relevante na narrativa de *The Chosen*, pois Jesus Cristo interage com esse ambiente de maneira que parece revitalizá-lo, sugerindo um renascimento espiritual.

A fotografia utiliza ângulos baixos e altos para transmitir diferentes sensações e hierarquias. Na primeira imagem o ângulo baixo direcionado ao personagem em pé cria uma sensação de reverência e destaca a importância da figura em foco. Na figura 16, o enquadramento mostra Jesus Cristo cercado por diversas figuras, reforçando a conexão com os marginalizados e doentes, visualmente representando seu ministério. A paleta de cores nas cenas é composta por tons terrosos, como marrom, bege e cinza. Esses tons criam uma sensação de simplicidade e humildade, refletindo a vida modesta dos personagens e o ambiente austero da época. As cores também ajudam a transmitir uma espiritualidade inerente, conectada à terra e à realidade do povo. A predominância de tons terrosos reforça a autenticidade do ambiente e contribui para uma estética histórica e espiritual. O figurino dos personagens é simples, feito de tecidos rústicos, com tons neutros e naturais. Essas escolhas reforçam a pobreza e a humildade da época, além de destacarem a distinção entre os diferentes grupos sociais. As vestes de Jesus Cristo, mais simples e em tons neutros, reforçam sua identificação com o povo comum e sua mensagem de empatia e proximidade com os marginalizados.

A iluminação é suave, com pontos de luz natural que atravessam o espaço e iluminam o personagem central. Na figura 15 a cena mostra uma luz suave ao redor de Jesus Cristo sugere uma aura divina, enfatizando seu papel espiritual. Esse uso de luz reforça a sensação de sacralidade e chama a atenção para sua presença e necessidade de elementos visuais exagerados.

A luz também ajuda a definir o clima de tranquilidade e respeito que envolve a cena. O *The Chosen* utiliza esses elementos de direção de arte para transmitir uma verdade histórica e espiritual. O cenário, o figurino, a paleta de cores e a iluminação colaboram para criar um ambiente autêntico ao tempo de Jesus Cristo, ajudando o espectador a se imergir na narrativa e a entender o contexto humilde e espiritual da vida e obra de Jesus Cristo. As escolhas artísticas são fundamentadas em um estudo cuidadoso da época e das tradições, o que permite que a série passe uma mensagem fiel tanto histórica quanto espiritualmente.

Essa abordagem na direção de arte destaca a simplicidade da vida, as dificuldades dos marginalizados e a compaixão de Jesus Cristo. A autenticidade dos elementos visuais conecta o espectador com a realidade daquele período e reforça a mensagem de fé e espiritualidade da série.



Figura 16 - Limpo, parte II / I
3º Temporada
Episódio 5 – Limpo, parte II – 37'13

A imagem retrata uma rua movimentada de uma cidade antiga, que se assemelha ao ambiente de Cafarnaum, uma cidade situada na antiga Terra Santa, próxima ao Mar da Galileia.

A cenografia inclui construções de pedra e madeira com acabamento rústico, remetendo às técnicas de construção e materiais da época. As texturas ásperas das paredes e os detalhes como cestos e vegetação seca adicionam profundidade, contribuindo para a imersão do espectador. Esses elementos reforçam a sensação de um mercado, a rua de comércio da antiga Cafarnaum, representando um cenário plausível para a narrativa bíblica. O uso de objetos de cena específicos, como cestos pendurados e recipientes de palha, ajuda a recriar o cotidiano de uma cidade simples, mas ativa. As vestimentas dos personagens estão em sintonia com o estilo e os materiais que teriam sido usados naquela época. Tecidos como linho e lã, em tons terrosos e desbotados, sugerem um contexto humilde e próximo ao ambiente da Terra Santa. O figurino parece autêntico e contribui para a identificação do público com a cultura e o estilo de vida da época, ressaltando as diferenças de classes e funções, como se observa pelos diferentes estilos e tipos de roupas entre a multidão. A iluminação é suave e parece natural, imitando a luz do sol filtrada entre as construções. Essa escolha remete ao clima e à atmosfera da região, trazendo uma sensação quente e árida, típica do ambiente desértico da Palestina. A paleta de cores é dominada por tons terrosos, marrons e neutros, o que não apenas reforça a autenticidade histórica, mas também cria uma harmonia visual que evoca a simplicidade e espiritualidade do cenário bíblico.

A composição da cena concentra-se ao redor de uma figura central que é Jesus Cristo, cercado por uma multidão, reforçando a ideia de uma narrativa que se volta para um líder uma figura de destaque. A escolha da posição da câmera, levemente abaixo da linha dos olhos da multidão, cria uma perspectiva envolvente, quase como se o espectador estivesse dentro da cena, ao lado das pessoas. Essa proximidade ajuda o público a sentir a atmosfera de Cafarnaum e a tensão, expectativa da multidão. Cada um desses elementos contribui para a narrativa, que exige uma representação visual autêntica e envolvente dos eventos bíblicos. O cenário e o figurino contextualizam a história, permitindo que o público se transporte para a época. A iluminação e a paleta de cores são fundamentais para evocar uma sensação de realismo e espiritualidade, enquanto a composição fotográfica cria uma conexão emocional com o público.

A direção de arte e a fotografia da série parecem bem-sucedidas em transmitir a autenticidade do local e da época. A junção desses elementos permite que o espectador sinta o ambiente de Cafarnaum, visualizando um local de simplicidade, mas com uma atmosfera sagrada e histórica. O uso de materiais e objetos de cena históricos,

aliado à escolha cuidadosa de cores e luzes, contribui para que a cena não apenas pareça autêntica, mas também reverbere a cultura e a espiritualidade do período bíblico.

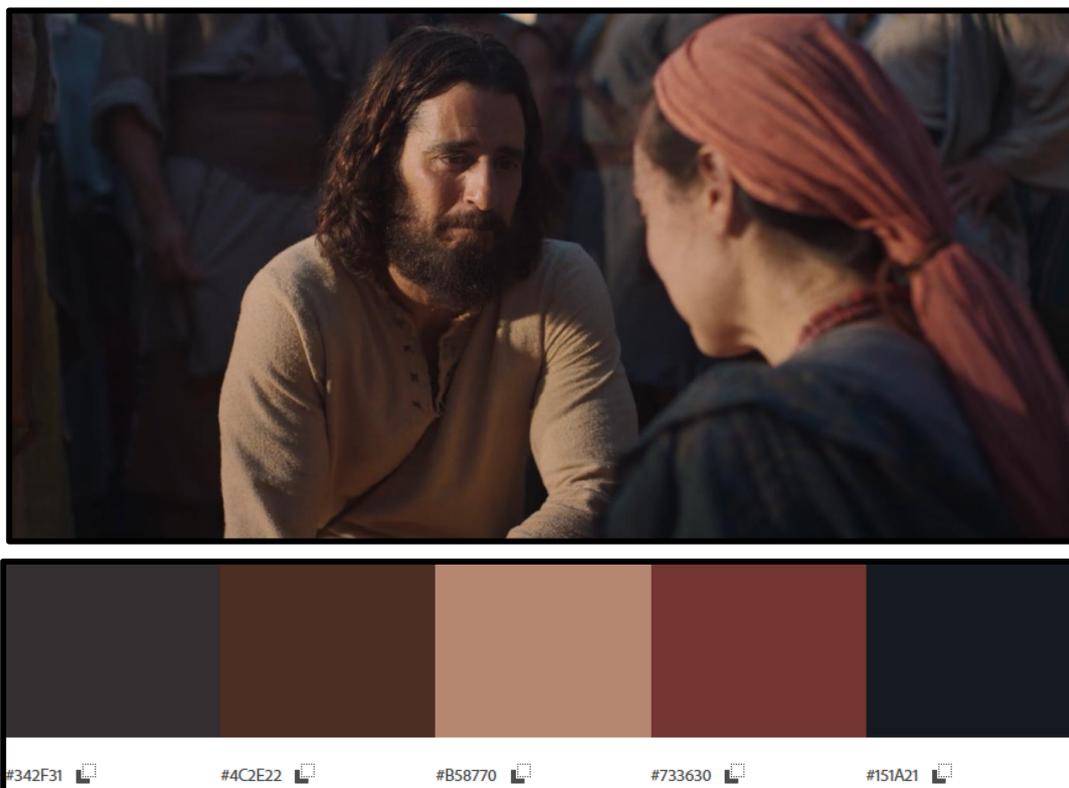


Figura 18 - Limpo II
3º Temporada
Episódio 5 – Limpo, parte II – 37'13

A direção de arte em *The Chosen* busca uma autenticidade histórica que transporta o espectador para o contexto do Novo Testamento. O figurino dos personagens é composto por tecidos simples e rústicos, cores terrosas e vestimentas que lembram o estilo da época, sem adereços extravagantes. O visual de Jesus Cristo, à esquerda da figura cabelo comprido, transmite humildade e simplicidade, representando uma figura central e reverenciada, cuja aparência transmite serenidade e empatia. A iluminação é suave e difusa, criando um efeito de luz natural que valoriza o tom intimista da cena. A luz incide de maneira sutil no rosto de Jesus Cristo, realçando suas expressões faciais e dando uma sensação de compaixão e proximidade. De acordo com a psicologia das cores, a paleta de cores na figura 18 utiliza tons terrosos e neutros, marrons, beges, ocre, que reforçam a ambientação histórica e a simplicidade do cenário e dos personagens. Essa escolha de cores transmite uma atmosfera calma e espiritual, reforçando o contexto sagrado da narrativa. É possível verificar a posição da câmera, é bem próxima dos personagens, em um ângulo ligeiramente inclinado para

cima, transmitindo uma sensação de respeito e empatia pelo que está sendo dito ou sentido pelos personagens.

A câmera próxima enfatiza o relacionamento e a comunicação visual entre os personagens. A escolha de não incluir muita profundidade de campo mantém o foco nos personagens e evita distrações no fundo, permitindo que o espectador se concentre na interação emocional. Nessa cena o cenário ao fundo é desfocado, dando a entender que os personagens estão em um ambiente público, em meio a uma multidão em uma vila. Esse efeito ajuda a destacar a intimidade do momento entre os personagens, mesmo em meio a um ambiente potencialmente tumultuado.

The Chosen trouxe uma nova visão ao gênero de drama histórico-religioso. A série usa técnicas cinematográficas modernas e uma estética cuidadosamente planejada para tornar a história bíblica acessível e envolvente para o público contemporâneo. A combinação de direção de arte meticulosa, iluminação cuidadosa e paleta de cores específica permite que a série se destaque visualmente, oferecendo uma experiência imersiva e autêntica. Esses elementos visuais de *The Chosen* são essenciais para criar uma conexão emocional com o público e transmitir a espiritualidade e a humanidade dos personagens bíblicos, elevando o padrão de produções religiosas no audiovisual.

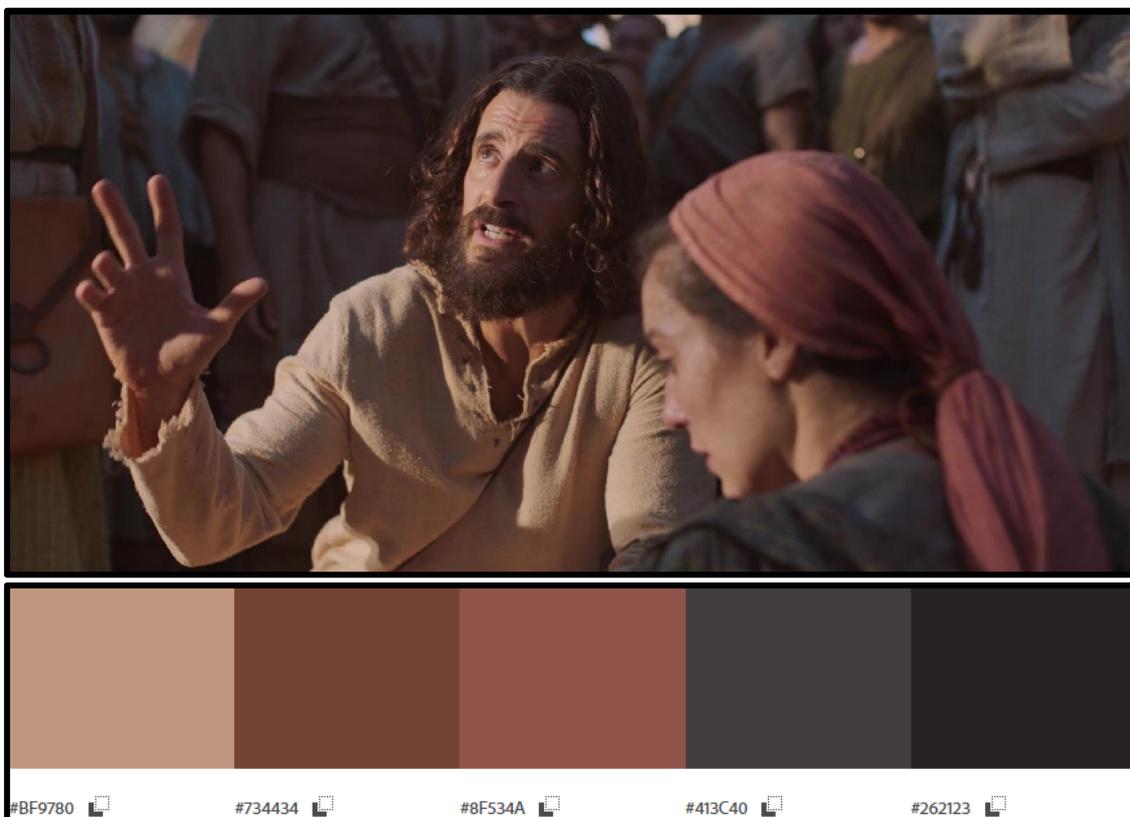


Figura 19 - Limpo, parte II | III

3° Temporada

Episódio 5 – Limpo, parte II – 37'13

O cenário é um dos primeiros aspectos a serem observados nesta cena. É apresentado como uma vila simples e desgastada, sugerindo um ambiente público, uma rua de Cafarnaum, cidade frequentemente mencionada nos Evangelhos como um local de ensino e curas realizadas por Jesus Cristo.

A direção de arte cria um fundo de figuras indistintas, desfocadas, que representam o povo ao redor, reforçando a ideia de que Jesus Cristo está inserido no cotidiano da sociedade daquela época. A escolha de um ambiente público, mas com um foco particular na interação pessoal, é significativa. Ao desenhar essa configuração, os diretores de arte criam uma atmosfera intimista em meio ao público, reforçando a proximidade de Jesus Cristo com o povo. Esse cenário reproduz a cultura e a vida simples de Cafarnaum e, ao mesmo tempo, permite ao espectador visualizar uma situação verossímil, a ideia de que qualquer pessoa poderia encontrar-se com Jesus Cristo em meio à multidão, mas ainda assim ter um momento de conexão pessoal e intensa com ele.

O figurino é cuidadosamente projetado para ser simples e historicamente coerente. Jesus veste uma túnica bege clara, sem adornos ou bordados, reforçando a ideia de sua humildade e vida de serviço. Essa simplicidade no figurino de Jesus Cristo contrasta com as vestimentas de líderes religiosos ou figuras de autoridade, o que é coerente com a narrativa evangélica que enfatiza a acessibilidade de Jesus Cristo e sua rejeição às riquezas materiais. A mulher com quem ele interage usa um lenço avermelhado na cabeça, típico das vestimentas da época para mulheres, especialmente em culturas do Oriente Médio. O lenço representa a modéstia e o respeito às normas culturais da época, e a cor avermelhada traz uma leve distinção ao seu traje, possivelmente indicando sua posição social ou função dentro daquela comunidade. Esse contraste de cor também atrai ligeiramente a atenção para ela, embora o foco principal continue sendo a interação com Jesus Cristo.

A direção de arte, ao optar por figurinos simples e autênticos, não apenas respeita a ambientação histórica, mas também reforça a ideia de que Jesus Cristo estava próximo do povo comum, representando uma figura acessível e compassiva.

A paleta de cores dessa cena é dominada por tons terrosos, neutros e suaves, como bege, marrom, cinza e toques de vermelho. Esses tons são cuidadosamente escolhidos para remeter à terra e ao ambiente do deserto, onde se situam muitas das narrativas bíblicas. A escolha dos tons terrosos remete ao conceito de uma “terra

sagrada” e conecta visualmente o espectador com o local onde a cena se desenrola, intensificando a sensação de que ele está imerso naquele mundo. Segundo a psicologia das cores¹⁰, os tons terrosos evocam sensações de segurança, estabilidade e proximidade com a natureza. Eles criam um clima de calma e reverência, perfeito para o tema espiritual e a narrativa bíblica, onde a espiritualidade se entrelaça com a simplicidade da vida cotidiana. A direção de arte, ao optar por essas cores, busca um equilíbrio entre a autenticidade histórica e a criação de uma atmosfera espiritual, onde o foco é a mensagem e o impacto emocional da cena.

Portanto, na figura 19 a iluminação na cena é naturalista e discreta, provavelmente simula a luz do dia em um ambiente externo. Essa escolha é relevante para uma série com pretensões de autenticidade histórica, pois evita o uso de luzes dramáticas que poderiam distrair ou artificializar a cena. A luz suave, sem sombras intensas, destaca o rosto de Jesus Cristo, permitindo que suas expressões sejam vistas claramente e transmitam empatia, calma e compaixão. Esse estilo de iluminação suave e uniforme contribui para a sensação de proximidade divina e compaixão que emana de Jesus Cristo. Em contextos religiosos, a iluminação pode frequentemente simbolizar a presença divina, neste caso, sua simplicidade reforça a ideia de que a espiritualidade está acessível e presente na vida diária, sem necessidade de artifícios. Essa escolha traz um efeito emocional sutil, onde a luz que envolve Jesus cria uma aura de paz, sem torná-lo distante, inatingível.

A fotografia da cena utiliza um plano médio focado nos rostos de Jesus Cristo e da mulher, permitindo uma proximidade que intensifica a conexão emocional. A composição direciona o olhar do espectador ao colocar Jesus no centro da atenção, enquanto a mulher está de costas, levemente fora de foco. Esse enquadramento mantém Jesus Cristo como o foco principal, mas ao mesmo tempo destaca o momento de interação entre os dois. O uso do plano médio é crucial para criar intimidade. Aproxima o espectador da cena, quase como se ele fosse um observador presente naquele espaço, testemunhando a conversa. Essa escolha evita o distanciamento que um plano mais aberto poderia provocar e permite uma imersão maior, onde o espectador pode perceber a expressão e a emoção de Jesus Cristo em detalhe. Além disso, o leve desfoque no fundo ajuda a isolar a interação dos dois personagens do restante da

¹⁰ FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

multidão, reforçando a ideia de que, para Jesus Cristo, cada pessoa é importante e única, mesmo em meio a uma multidão.

A direção de arte e a produção de *The Chosen* demonstram um compromisso claro com a autenticidade histórica, buscando capturar o ambiente, os trajes e o clima da Terra Santa do primeiro século. O cenário, o figurino e a paleta de cores trabalham juntos para transportar o espectador para o mundo de Cafarnaum e criar uma experiência que remete ao que poderia ter sido um encontro com Jesus Cristo na época. Esse compromisso com a autenticidade não é apenas uma questão estética, mas também narrativa e espiritual. Ao recriar o ambiente e as interações de forma verossímil, a série comunica, de forma tangível, a experiência de estar na presença de Jesus Cristo o impacto que esse encontro poderia ter sobre as pessoas. Essa construção visual autêntica é uma ponte que permite ao público imaginar, mesmo que por um breve momento, o que seria viver na época e caminhar ao lado de Jesus Cristo e de figuras bíblicas.

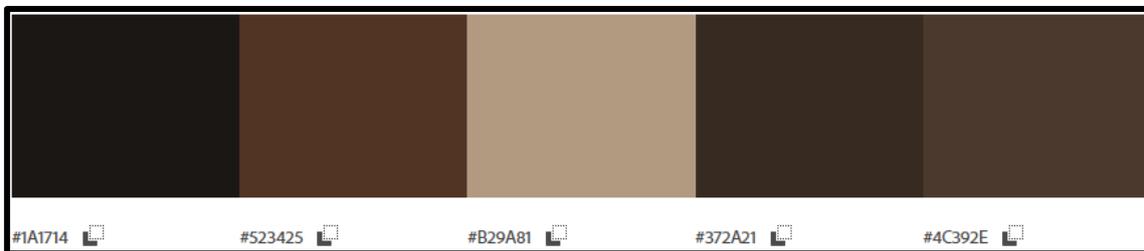


Figura 20 - Limpo, parte II | IV
3º Temporada
Episódio 5 – Limpo, parte II – 37'13

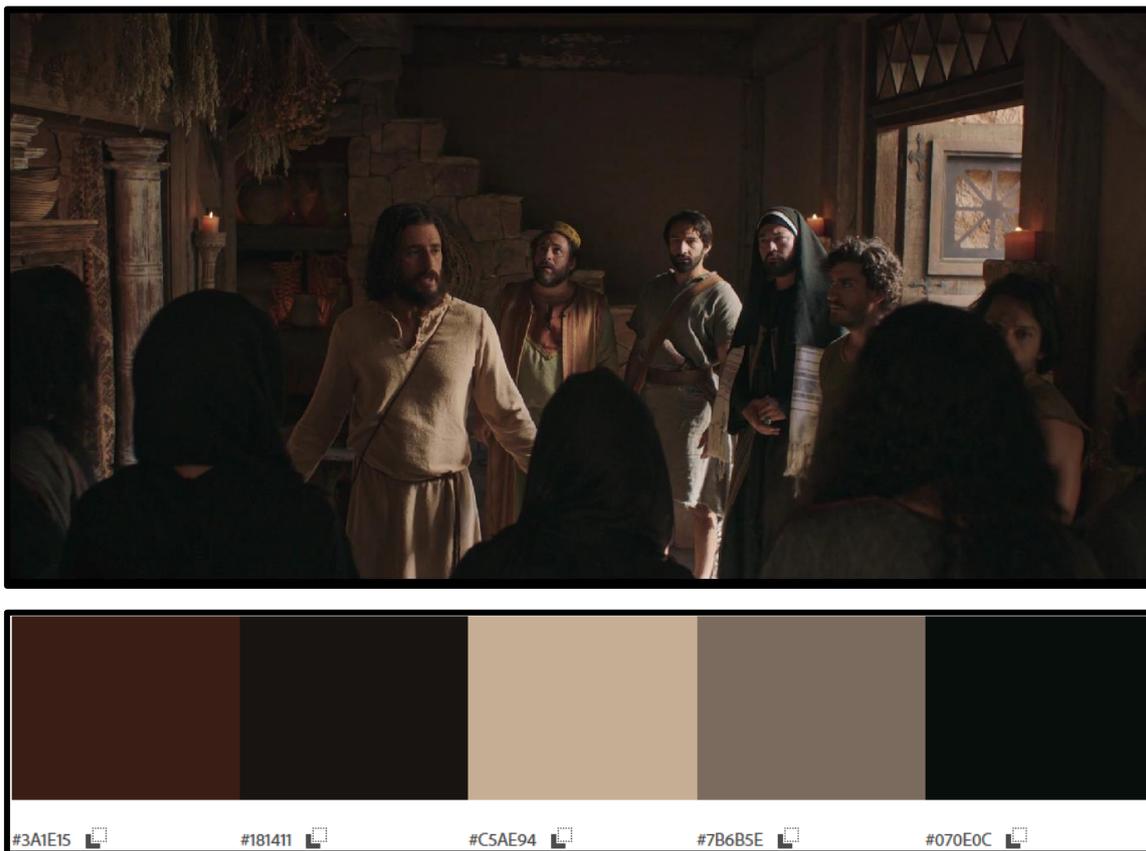


Figura 21 - Limpo, parte II V
3º Temporada
Episódio 5 – Limpo, parte II – 37’13

Na figura 20, retrata cena com Jesus Cristo de costas em uma casa rústica cercado por músicos. A direção de arte cria uma atmosfera de simplicidade, elementos fundamentais para reforçar a verossimilhança histórica e o contexto cultural do período retratado. A ambientação é composta por elementos naturais, como madeira e cerâmica, que remetem à época de Jesus Cristo. O espaço é pequeno, mas cheio de detalhes, como cestas, ervas penduradas, e objetos cotidianos da época, que ajudam a transportar o espectador para aquele período histórico. As vestimentas dos personagens são simples e confeccionadas com tecidos rústicos e tons neutros, refletindo a realidade econômica dos personagens e a humildade das figuras retratadas. A escolha de figurinos escuros para os músicos cria contraste com a figura central, Jesus Cristo, destacando-o visualmente. Predominam tons terrosos e neutros, que criam uma atmosfera sóbria e conectam a cena ao ambiente da época, reforçando o contexto de simplicidade. Essas cores também contribuem para um sentimento de acolhimento e introspecção.

A cena é iluminada de forma suave e natural, com a luz entrando de uma janela e alguns pontos de luz de velas. Essa iluminação cria sombras suaves, enfatizando a profundidade e textura dos objetos ao redor. Os pontos de luz ajudam a guiar o olhar do espectador para a figura de Jesus Cristo e para os músicos, criando uma composição equilibrada. Na figura 21, há uma visão mais ampla da sala onde Jesus Cristo interage com outros personagens. A disposição dos elementos continua criando um ambiente de simplicidade e aconchego. A presença de pedras e vigas de madeira reforça a estética rústica e autêntica. Além disso, os objetos e ervas penduradas são mostrados com mais clareza, sugerindo a cultura e os hábitos da época. Os figurinos continuam em tons neutros e terrosos, alinhados ao contexto de simplicidade e austeridade da narrativa. A escolha de diferentes vestimentas para cada personagem ajuda a distinguir suas personalidades e status, mas sem desviar do padrão de humildade. A paleta segue o padrão da figura 20, com tons terrosos e neutros dominando o ambiente, o que cria continuidade na narrativa visual e um senso de unidade. Esses tons reforçam a sensação de calma e espiritualidade. A iluminação é suave e difusa, com uma combinação de luz natural e luz de velas. Isso cria uma atmosfera calorosa e acolhedora, onde os personagens podem se conectar de maneira tranquila. Os pontos de luz são estratégicos, posicionados nas laterais da cena para enfatizar os rostos dos personagens e o espaço ao redor, sem criar contrastes excessivos.

A direção de arte nestas cenas é essencial para criar um ambiente que reforça a narrativa da simplicidade e espiritualidade. A cenografia, com seus detalhes rústicos, juntamente com a paleta de cores e o figurino, constrói um cenário que transporta o espectador para o tempo de Jesus. A iluminação desempenha um papel crucial ao destacar os personagens principais de forma sutil, usando luz natural e velas para criar uma atmosfera serena e autêntica. Estes elementos colaboram para envolver o espectador na experiência visual e emocional, facilitando a imersão na história.

A paleta de cores predominante nas imagens é composta por tons terrosos e neutros, como marrom, bege e cinza. Segundo a psicologia das cores¹¹, esses tons são geralmente associados à calma, simplicidade e estabilidade. Essas cores impactam a cena e a percepção do público. Os tons terrosos, como o marrom e o bege, estão associados à natureza e à terra. Essas cores transmitem segurança, estabilidade e conexão com o ambiente natural. No contexto da narrativa bíblica, esses tons reforçam

¹¹ BELLANTONI, Patti. **If It's Purple Someone Gonna Die: The Power of color in visual storytelling**, vol. 1, 2005.

a ideia de humildade e simplicidade, características que refletem a vida das pessoas na época de Jesus Cristo. Ajudam o espectador a sentir que aquele ambiente é puro, sem exageros, um lugar onde a espiritualidade e as relações humanas têm mais valor do que as posses materiais. O cinza e outros tons neutros são cores que, em geral, trazem neutralidade e serenidade à cena. As cores não “gritam” visualmente, permitindo que o foco esteja nos personagens e nas ações. Em vez de distrair, essas cores guiam o espectador para uma observação mais contemplativa, incentivando uma reflexão tranquila sobre a cena. No contexto espiritual e histórico da narrativa, esses tons reforçam a ideia de que a mensagem é mais importante do que o cenário, uma escolha que direciona o olhar do público para as emoções e para os ensinamentos dos personagens.

Portanto, a iluminação amarelada das velas traz um toque de calor à cena, o amarelo está associado à alegria, acolhimento e esperança. Essa luz suave e amarelada é essencial para criar uma atmosfera de proximidade e intimidade, como se o ambiente estivesse preparado para uma conversa acolhedora cheia de esperança. Esse detalhe ajuda a humanizar a cena, permitindo que o público se sinta confortável e emocionalmente conectado ao momento, quase como se fosse parte da história.

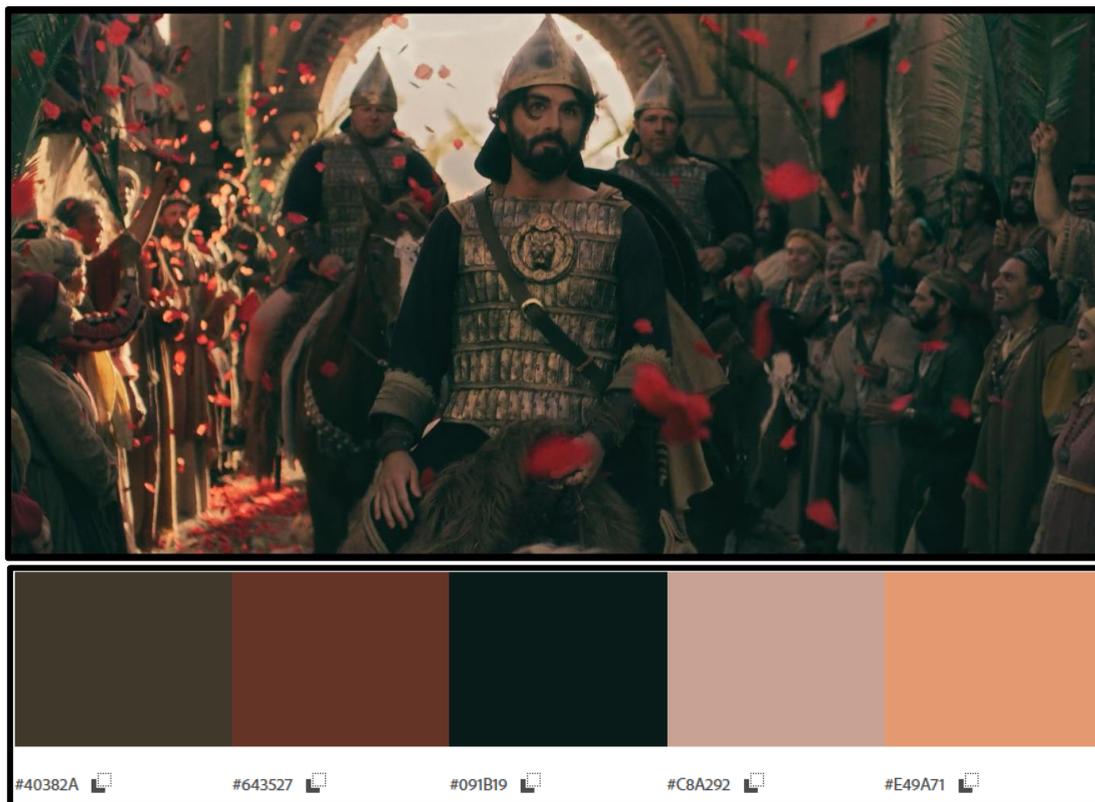


Figura 22 - Humilde I
4ª Temporada
Episódio 8 – Humilde – 24'17

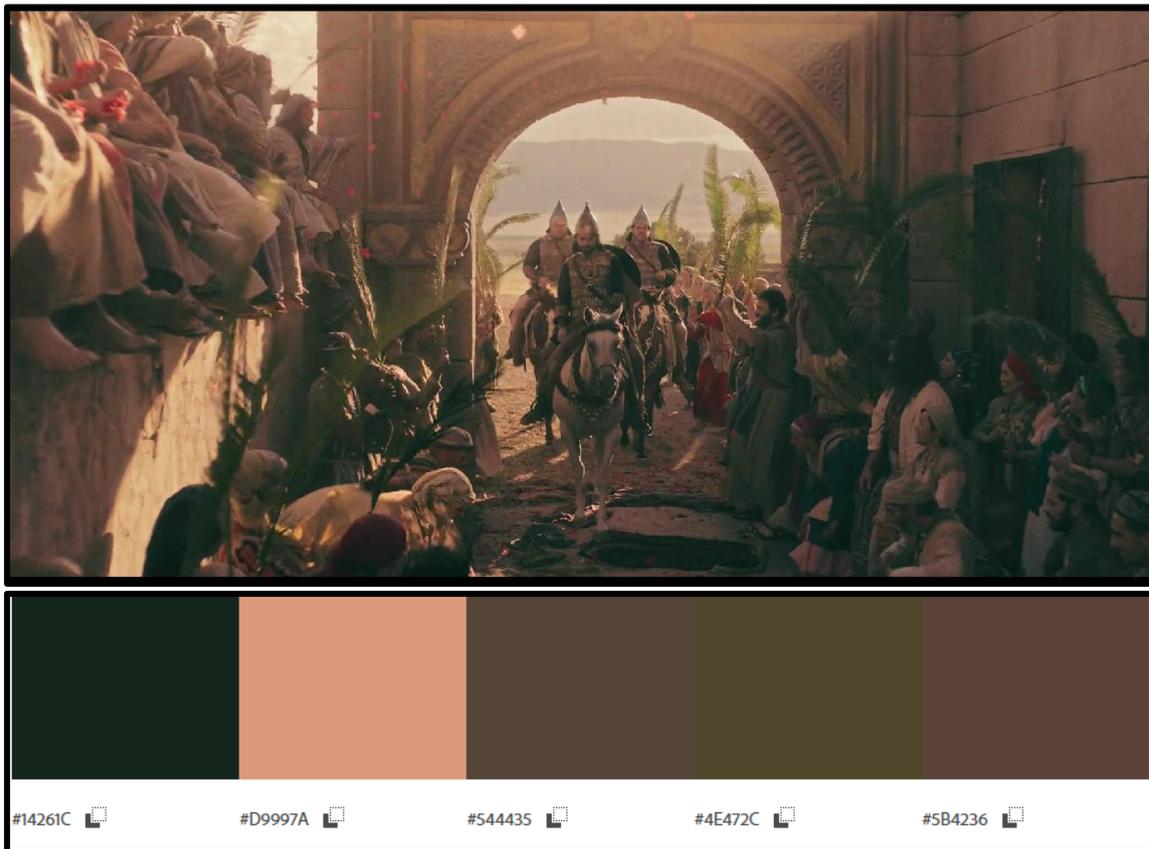


Figura 23 - Humilde II
4ª Temporada
Episódio 8 – Humilde – 24'17

As cenas na figura 22 e 23 mostram uma entrada triunfal em uma cidade, onde o protagonista, o Rei do povo de Israel, está sendo recebido pela população em uma passagem sob um arco arquitetônico. A cenografia é rica em detalhes que remetem a um ambiente histórico, sugerindo um espaço público de grande importância simbólica, uma cidade em uma era passada. Os elementos arquitetônicos são trabalhados com um tom arenoso e desgastado, o que confere uma sensação de realismo, sugerindo uma ambientação em regiões desérticas, áridas. O arco decorado e as construções de pedra remetem a um estilo arquitetônico antigo, inspirados em civilizações do Oriente Médio. A multidão em volta do Rei, que segura ramos de palmeira e joga pétalas, reforça o clima de celebração e reverência. O figurino é detalhado e histórico, alinhado com o cenário ao redor. O Rei está vestindo uma armadura ornamentada com placas metálicas e adornos dourados, o que pode indicar uma posição de liderança, realeza. Sua armadura parece pesada e bem detalhada, com o uso de couro e metal, elementos típicos de um período antigo. Os soldados ao fundo vestem capacetes de ferro e armaduras menos ornamentadas, o que evidencia uma hierarquia visual. As

vestimentas da população são de tons terrosos e cortes simples, consistentes com roupas de camponeses e cidadãos comuns da época retratada. Esses trajes, combinados com o desgaste e as cores neutras, trazem um senso de autenticidade e verossimilhança histórica.

A paleta de cores nas figuras 22 e 21 é predominantemente terrosa, composta de tons ocres, marrons, dourados e bege, o que reforça o ambiente árido e uma estética de antiguidade. Esses tons neutros e suaves, contrastados pelas pétalas vermelhas jogadas pela multidão, criam um ponto de destaque vibrante nas cenas. O vermelho das pétalas não apenas chama a atenção para o protagonista, mas também simboliza celebração e até uma referência ao sacrifício e de uma conquista. A paleta limitada contribui para a sensação de unidade e autenticidade, evitando cores chamativas que poderiam romper a imersão histórica. A iluminação é suave e natural, provavelmente simulando luz do dia ao entardecer, o que realça a tonalidade quente da cena e a harmoniza com os tons terrosos. A luz destaca as texturas das roupas, armaduras e do cenário, permitindo que esses elementos ganhem mais presença na imagem. Sombras suaves criam profundidade e volume, destacando o Rei e criando uma moldura visual que enfatiza sua figura central na narrativa. Essa escolha de iluminação também evoca uma sensação de calor e aridez, características que correspondem bem ao ambiente desértico sugerido pelo cenário. A composição fotográfica é cuidadosamente planejada para dar centralidade ao protagonista. Na figura 22, o foco central é a angulação levemente inferior sugere seu status elevado e seu heroísmo, uma técnica comum para dar imponência ao personagem principal. A multidão ao redor, em uma disposição radial e desfocada, direciona o olhar do espectador para ele, aumentando seu destaque. Na figura 23 o arco de pedra emoldura a entrada do protagonista, o que não só enfatiza a grandiosidade da cena como também simboliza uma passagem uma conquista, a recepção. O uso de profundidade de campo ajuda a focar no Rei enquanto cria um ambiente dinâmico ao seu redor.

Cada um desses elementos é crucial para construir a narrativa visual e criar um ambiente imersivo. A direção de arte busca transportar o espectador para um contexto histórico específico, onde o figurino, o cenário e a iluminação trabalham em conjunto para dar autenticidade à cena. A escolha de paleta de cores e iluminação reforça o clima de calor, reverência e tradição, enquanto a composição fotográfica direciona o foco para o protagonista e estabelece seu papel central na narrativa. A utilização de pétalas vermelhas adiciona um toque poético e simbólico, representando o êxito, a celebração e, o sangue derramado em batalhas, realçando o contexto histórico e dramático da cena.

Em resumo, os elementos de direção de arte são utilizados de maneira a criar uma experiência visual que não apenas contextualiza historicamente, mas também evoca sentimentos de imponência, triunfo e respeito. Cada detalhe contribui para o enriquecimento da narrativa, demonstrando uma preocupação em criar uma atmosfera autêntica e visualmente impactante.

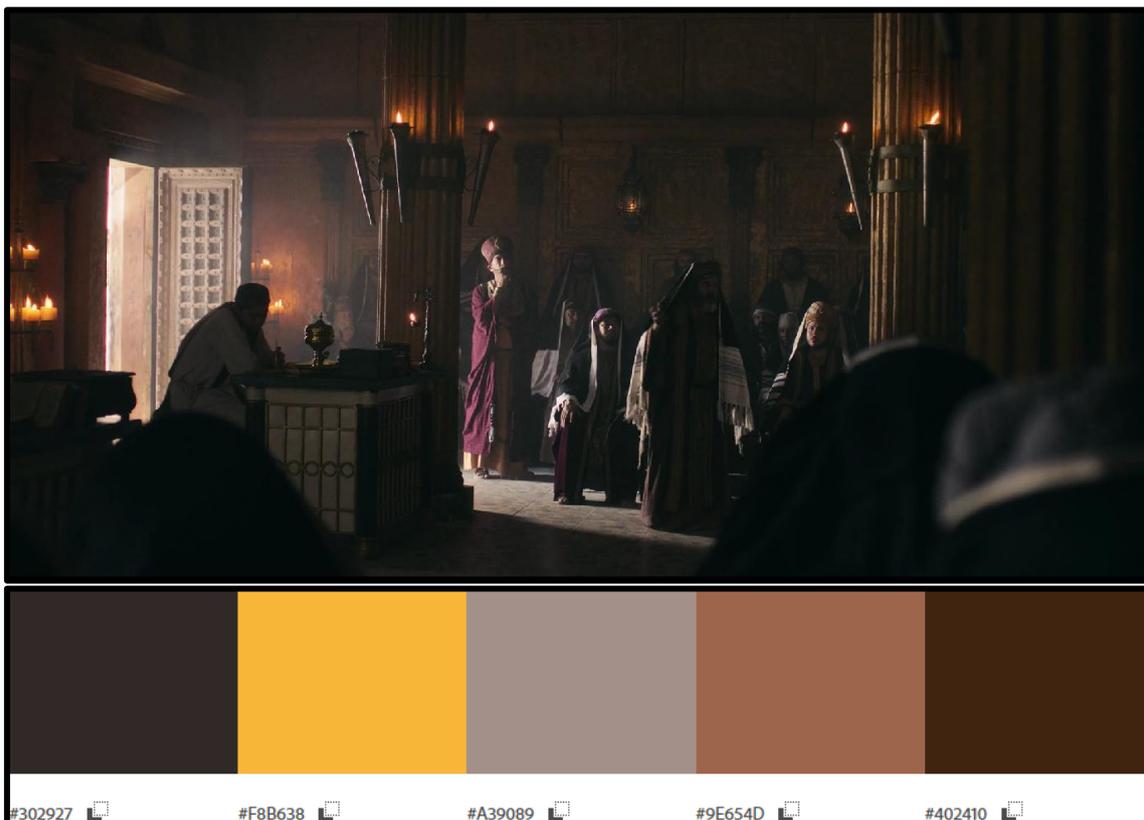


Figura 24 - Humilde III
4º Temporada
Episódio 8 – Humilde – 24'17

O cenário reflete um ambiente de um templo dos judeus, um lugar de ensinamentos, porém na figura 24 e 25 o templo se transforma em lugar de julgamento, com elementos arquitetônicos inspirados no período romano e nas tradições judaicas. As colunas robustas e as tochas nas paredes indicam um espaço importante e solene, remetendo ao Sinédrio, local de decisões religiosas e jurídicas entre os líderes judaicos da época. A utilização de madeira escura e pedras contribui para a autenticidade, transmitindo a seriedade do ambiente e evocando a sensação de um espaço antigo e tradicional.

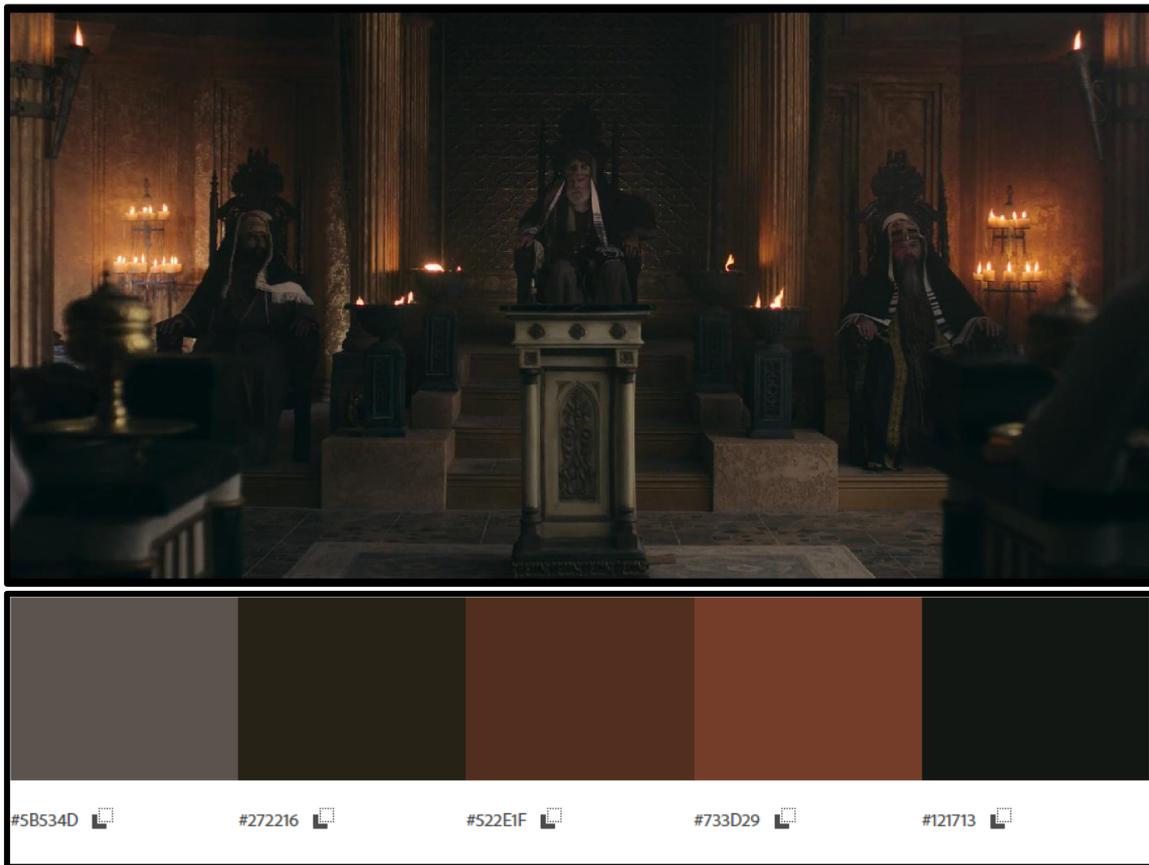


Figura 25 - Humilde IV
4º Temporada
Episódio 8 – Humilde – 24'17

O figurino é outro aspecto essencial, cuidadosamente elaborado para representar as hierarquias e papéis dos personagens. Observamos trajes tradicionais da época, com túnicas longas, mantos e acessórios de cabeça característicos. As roupas são predominantemente escuras, com tons de marrom, preto e detalhes dourados ou brancos, o que ajuda a diferenciar as figuras de autoridade religiosa. Esse tipo de figurino contribui para o entendimento visual imediato dos personagens como figuras de poder, e ao mesmo tempo, é fiel ao período histórico em que a narrativa está ambientada. A paleta de cores utilizada é propositalmente restrita, predominando os tons terrosos, marrons e dourados, que criam uma atmosfera de sobriedade e gravidade. Essa escolha reflete a seriedade das cenas, evitando cores vibrantes que poderiam distrair o espectador ou quebrar a imersão no contexto histórico. As cores reforçam o peso emocional e a atmosfera densa, convidando o espectador a perceber o drama e a tensão presentes. A iluminação é outro elemento crítico. Nestas cenas, a luz é escassa e difusa, com um foco maior nas tochas e nas velas que iluminam o ambiente. A iluminação baixa contribui para a atmosfera opressiva e misteriosa,

remetendo a uma época sem luz elétrica e criando sombras que acentuam as expressões e os contornos dos personagens. Esse efeito ajuda a reforçar a solenidade e a importância dos acontecimentos em tela, evocando ao espectador a sensação de estar presenciando algo importante e intimidador. A composição fotográfica das cenas é meticulosamente organizada para destacar as figuras centrais, possivelmente líderes religiosos, em um plano que os coloca em uma posição de poder e autoridade. Na figura 25 Caifás está sentado em um trono, no centro, com figuras em cadeiras de ambos os lados, o que evidencia uma hierarquia bem definida. A câmera é posicionada em um ângulo que enfatiza a centralidade e importância do personagem, criando um efeito de reverência. Esse tipo de enquadramento transmite ao espectador a sensação de estar observando um tribunal, conselho sagrado, essencial para a narrativa de julgamento e autoridade religiosa.

A direção de arte de *The Chosen* nessas cenas é cuidadosamente pensada para construir um ambiente autêntico e historicamente convincente. Cada elemento, do figurino ao cenário, passando pela iluminação e fotografia, contribui para uma narrativa visual que transmite a tensão, a seriedade e o drama do contexto religioso e jurídico em que os personagens estão inseridos. A série, até o momento, tem mostrado um compromisso com a autenticidade histórica, mas também utiliza esses elementos para intensificar o peso narrativo, fazendo com que o espectador compreenda as camadas emocionais e políticas envolvidas.

Esse equilíbrio entre precisão histórica e construção dramática é fundamental para o sucesso de *The Chosen*, que não apenas pretende ser fiel ao tempo em que se passa, mas também busca engajar o público de maneira significativa, criando uma conexão entre a audiência contemporânea e a realidade complexa das figuras religiosas da época de Jesus.

A Figura 26 é uma cena de Jesus Cristo fazendo uma refeição com seus seguidores na casa de Lázaro. Em *The Chosen* apresenta uma direção de arte rica e detalhada, que contribui significativamente para a construção da narrativa e a imersão histórica.

O cenário é montado para representar a casa de Lázaro, transmitindo um ambiente doméstico, acolhedor e ao mesmo tempo simples, porém adornado de forma condizente com uma família que possui certa estabilidade econômica. As paredes têm um padrão decorativo geométrico e colorido, que reflete influências culturais do Oriente Médio da época e adiciona profundidade e riqueza visual ao ambiente.



Figura 26 - Humilde V
4° Temporada
Episódio 8 – Humilde – 24'17

As cortinas e os arabescos nas janelas reforçam a atmosfera da época e da região, sugerindo um toque de conforto e hospitalidade. Esse ambiente não é excessivamente luxuoso, mas transmite a ideia de uma casa respeitável e acolhedora, ideal para uma refeição íntima e significativa entre amigos. O figurino é cuidadosamente projetado para refletir a simplicidade dos seguidores de Jesus Cristo e sua diversidade cultural. Os personagens usam roupas modestas, em tecidos leves e rústicos, que variam em tons terrosos e neutros, condizentes com a paleta da época e a modéstia associada ao grupo de discípulos. Jesus Cristo veste uma túnica simples e clara, reforçando sua figura como um mestre humilde e acessível. A ausência de adornos excessivos nos trajes reflete o status social dos personagens e o contexto histórico de uma Palestina ocupada pelo Império Romano, quando roupas eram caras e muitos viviam com o mínimo. Assim, o figurino contribui para criar uma imagem autêntica e espiritual dos personagens. A paleta de cores da cena é predominantemente neutra, com tons quentes de terra, bege e verde, o que proporciona uma sensação de tranquilidade e conforto. Essa escolha de cores contribui para a criação de uma

atmosfera intimista, convidando o espectador a se sentir parte da refeição e da comunhão entre os personagens. A inclusão de detalhes coloridos nas decorações e nos utensílios adiciona vivacidade à cena sem quebrar o tom rústico, enriquecendo a ambientação de maneira sutil e autêntica. Essa paleta é condizente com as práticas de pintura e decoração do período, oferecendo uma imersão histórica que transporta o espectador à época de Jesus Cristo.

A iluminação nesta cena é suave e predominantemente natural, com um foco em luzes de velas na mesa e a claridade suave que entra pelas janelas, criando um efeito de iluminação que parece vir diretamente de fontes naturais. Essa luz quente e difusa enfatiza o caráter acolhedor do ambiente e o valor simbólico do momento de união entre Jesus Cristo e seus seguidores. A iluminação também é propositalmente baixa, o que reforça o clima íntimo e sagrado da refeição, ao mesmo tempo que realça as expressões faciais e interações dos personagens, permitindo uma maior conexão emocional do público com o que está acontecendo. A fotografia desta cena é meticulosamente pensada para capturar a atmosfera de camaradagem e espiritualidade entre Jesus Cristo e seus discípulos. O enquadramento é ligeiramente rebaixado, de modo que o espectador se sinta no mesmo nível dos personagens, como se estivesse presente à mesa. Esse estilo de enquadramento cria uma proximidade com os personagens e ajuda a transmitir a intimidade e a informalidade do momento. A distribuição dos personagens ao redor da mesa é equilibrada, e a câmera captura as interações entre eles de maneira natural, reforçando a ideia de união e amizade.

Portanto, a direção de arte de *The Chosen* nessa cena da refeição na casa de Lázaro é fundamental para construir uma narrativa visual rica, imersiva e autêntica. Cada elemento, desde o cenário e figurino até a paleta de cores, iluminação e fotografia, contribui para reforçar a temática de comunhão, humildade e espiritualidade. A série, ao empregar esses elementos com tanta precisão e cuidado, consegue não apenas transmitir uma representação historicamente precisa do contexto de Jesus Cristo e seus discípulos, mas também evocar emoções e valores atemporais, como amizade, acolhimento e fé. Com essa atenção aos detalhes visuais, *The Chosen* alcança um efeito narrativo, proporcionando uma experiência imersiva que permite ao espectador vivenciar de perto a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo, além de compreender melhor a humanidade e o convívio do grupo que o seguia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

The Chosen é uma série revolucionária que narra a vida de Jesus Cristo de uma maneira única, humana e profundamente emocional. Criada e dirigida por a série não apenas reconta histórias bíblicas, mas também busca explorar o cotidiano, as lutas e as transformações pessoais das pessoas que cruzaram o caminho de Jesus Cristo. Desde o lançamento *The Chosen* tem impactado milhões de espectadores ao redor do mundo, conquistando um lugar especial na história do audiovisual. *The Chosen* nasceu do desejo de Dallas Jenkins de produzir uma série que apresentasse um retrato mais íntimo e realista de Jesus Cristo, diferente das tradicionais produções bíblicas. A iniciativa começou com o curta-metragem *The Shepherd*, produzido como um especial de Natal. Esse projeto chamou a atenção e, em 2017, deu origem a uma campanha de financiamento coletivo que arrecadou mais de 10 milhões de dólares, tornando *The Chosen* a maior série financiada por crowdfunding da história.

A série conta com uma equipe técnica de diretores de arte dedicados que garantem a fidelidade histórica e cultural dos cenários e figurinos. Os elementos da direção de arte, como as roupas simples, as locações áridas e as paletas de cores dominadas por tons terrosos, ajudam a transportar o público para a Judeia do século I. A equipe de direção de arte, incluindo nomes como James W. Brown e Jeff Staebler, desempenha um papel crucial na construção de um universo visual autêntico que conecta o público à narrativa. *The Chosen* também inovou na maneira como é distribuída. A série está disponível gratuitamente por meio de um aplicativo oficial, permitindo que espectadores assistam aos episódios a qualquer momento. Além disso, com recursos como o espelhamento para TV, *The Chosen* saiu das telas dos *smartphones* e ganhou espaço nas TVs e nos cinemas ampliando o alcance. Essa abordagem acessível e tecnológica tem sido um diferencial importante, garantindo que pessoas de diversas culturas e classes sociais possam consumir o conteúdo.

The Chosen foi traduzida para diversos idiomas e alcançou espectadores em mais de 180 países.¹² O sucesso da série em nações com diferentes tradições culturais e religiosas demonstra seu apelo universal. Ao focar nas histórias pessoais e nos desafios cotidianos dos personagens bíblicos, *The Chosen* oferece uma perspectiva que

¹² Fonte: <https://www.thechosen.tv/en-us/explore/how-to-watch-the-chosen-season-4-app>
Acesso em: 15 set. 2024.

transcende barreiras culturais e toca o coração das pessoas. O que torna *The Chosen* tão cativante é a abordagem profundamente humana. Os personagens não são apresentados como figuras distantes ou perfeitas, mas como pessoas reais, com falhas, dúvidas e medos. Essa humanidade aproxima o público, que se identifica com as lutas e transformações dos personagens. Além disso, a narrativa é construída de forma envolvente, com diálogos emocionantes, atuações autênticas e uma trilha sonora que intensifica o impacto emocional.

Uma das maiores qualidades em *The Chosen* é a capacidade de traduzir histórias antigas para um público moderno. A série evita o tom didático ou distante em vez disso, apresenta personagens complexos que enfrentam dilemas universais, como o medo, a rejeição e a busca por propósito. Essa abordagem cria uma ponte entre o mundo bíblico e a realidade contemporânea, permitindo que o público enxergue paralelos entre as histórias dos personagens e suas próprias vidas. Essa conexão emocional não só prende a atenção do público como também inspira reflexões profundas sobre fé, amor e redenção. Ao se sentir representado nas histórias, o espectador cria um vínculo emocional com a série, o que contribui para o seu sucesso global.

Foram analisadas cenas específicas que evidenciam o uso da direção de arte como elemento narrativo. Entre os elementos observados, cenografia, destaca-se a reconstrução detalhada dos ambientes, que reflete a arquitetura, os costumes e o cotidiano da época de Jesus Cristo, criando uma sensação de autenticidade histórica. Figurino, o uso de roupas simples, com tecidos e cores condizentes com o período, ajudando a caracterizar os personagens e sua posição social e cultural. A Paleta de cores, a predominância de tons terrosos e neutros, que remetem à aridez e simplicidade do ambiente histórico, ao mesmo tempo em que comunicam emoções e espiritualidade. Iluminação, utilização de luz natural e recriação de efeitos luminosos que refletem a simplicidade da vida na época, enquanto destacam momentos dramáticos e espirituais. Composição fotográfica, o uso da regra dos terços e da interação entre personagens e cenários para criar quadros que evocam profundidade emocional e simbolismo narrativo. Essas escolhas artísticas foram observadas como fundamentais para a imersão do público, criando uma experiência que vai além da narrativa textual e visual.

A direção de arte de *The Chosen* alia autenticidade histórica com uma linguagem estética acessível e emocionalmente impactante havendo aproximação com o público contemporâneo, diferentemente de produções épicas mais tradicionais, a série utiliza

uma abordagem visual que facilita a identificação do público com os personagens e suas histórias.

A humanização do contexto bíblico, ao optar por uma estética que valoriza a simplicidade e a proximidade com a realidade da época, *The Chosen* humaniza os relatos bíblicos, aproximando o espectador da narrativa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso evidenciou que a direção de arte em *The Chosen* transcende a função tradicional de recriar ambientes históricos, consolidando -se como um componente essencial na narrativa audiovisual. Longe de se limitar a um papel meramente decorativo, a direção de arte emerge como uma ponte entre passado e presente, transportando os espectadores para a Terra Santa de dois mil anos atrás.

Esse feito é alcançado por meio de escolhas artísticas fundamentadas em uma pesquisa histórica detalhada e no uso intencional de elementos visuais que convergem para uma experiência imersiva e emocional. A paleta de cores, dominada por tons terrosos e neutros, não apenas reforça a verossimilhança da ambientação, mas também estabelece um elo simbólico com os temas espirituais e emocionais da série. Da mesma forma a cenografia e o figurino não apenas retratam a cultura, os costumes e a arquitetura da época de Jesus Cristo, mas também ajudam a construir a personalidade e a trajetória dos personagens, facilitando a identificação do público com suas histórias. A iluminação contribui para a atmosfera da narrativa, destacando momentos de introspecção, tensão e espiritualidade. As composições fotográficas, cuidadosamente planejadas, trabalham em harmonia com o cenário para reforçar o impacto dramático e visual das cenas. Esses elementos, combinados, formam uma linguagem visual coesa que torna *The Chosen* não apenas uma recriação histórica, mas também uma narrativa universal e atemporal.

Além disso, a pesquisa destaca que a direção de arte, com sua abordagem não se limita apenas à criação de uma estética visual: torna-se um elemento narrativo essencial, capaz de transmitir valores, despertar emoções e comunicar mensagens espirituais de forma impactante. A direção de arte desempenha um papel fundamental ao equilibrar autenticidade histórica com um apelo contemporâneo, ampliando tanto o alcance quanto a profundidade da obra. A análise da direção de arte oferece um modelo de como utilizar criatividade e planejamento estratégico para superar desafios orçamentários, algo relevante para novos cineastas e produtores. Direção de arte não é apenas estética, é uma ferramenta para criar experiências imersivas. Analisar a série permite explorar como uma abordagem detalhada e bem planejada que levar o espectador a sentir a época e os dilemas dos personagens, ultrapassando barreiras de

tempo e cultura. Estudar a direção de arte oferece ferramentas práticas e teóricas para profissionais do audiovisual desenvolverem narrativas visuais em outros contextos, desde produções históricas até contemporâneas, usando elementos simbólicos e psicológicos para enriquecer a história.

A equipe de direção de arte, liderada por profissionais competentes, fez uma pesquisa aprofundada para recriar os ambientes e costumes da época. Isso garantiu que cada elemento visual servisse à narrativa, cada escolha, desde os materiais usados nos figurinos até a textura dos cenários, foi pensada para evocar significados simbólicos, a roupa de Jesus, sempre mais simples e clara, simboliza sua pureza e papel central na história.

Portanto *The Chosen* não apenas reafirma o papel transformador da direção de arte no audiovisual, mas comprova como um exemplo inspirador de como a pesquisa e a criatividade podem trabalhar juntas para enriquecer a narrativa e cativar um público global. Este trabalho reforça a importância de se explorar o potencial da direção de arte em obras futuras, especialmente em produções que buscam contar histórias de relevância universal.

<https://churchleaders.com/news/474691-the-chosen-viewership-200-million-streaming-international.html#:~:text=%E2%80%98The%20Chosen%E2%80%99%20Viewership%20Soars%20to%20200%20Million%2C%20Thanks,to%20Streaming%20and%20International%20Distribution%20March%2028%2C%202024> / Acesso: 18 de Abril. 2024.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

GERBASE, Carlos. **Cinema: Primeiro Filme: Descobrimo, fazendo, pensando**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

GOETHE, J. W. **A doutrina das cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

HAMBURGER, Vera. **Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro**. São Paulo: Editora Senac São Paulo; Edições Sesc São Paulo, 2014.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1. ed. São Paulo, 2013.

LÍDIA, M.; BIGNOTTO, M. **As repercussões da chegada do som no cinema / The repercussions of the arrival of sound in the cinema**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqPics/1911340089P969.pdf> . Acesso em: 15 de agosto 2024.

MASCARELLO, Fernando. **História do Cinema Mundial**. São Paulo: Papyrus editora. 7ª edição, 2006.

MARTINS, I. M. . **A direção de arte e a criação de atmosferas no cinema contemporâneo brasileiro**. In: Débora Butruce e Rodrigo Bouillet (orgs.). (Org.). **A direção de arte no cinema brasileiro**. 01ed.Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2017, v. 01, p. 82-94.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2001.

MCKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Curitiba: Arte & Letra, 2006

MOURA, Mônica ; MARTINS, I. M.; PINNA, Daniel. **Projetando o espaço no cinema: novas possibilidades criativas da cenografia virtual**. In: 5o. Congresso Internacional de Design da Informação, 2011, Florianópolis. Anais Congresso Internacional de Design da Informação. Florianópolis: SBDI, 2011. v. 01.

MOURA, Carolina Bassi de. **A Direção e a direção de arte: construções poéticas da imagem em Luiz Fernando Carvalho**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas - Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo. 2015.

RIZZO, Michael. **The Art Direction Handbook for Film & Television**. United Kindom: Focal Press. 2005.

SESCTV. Sala de Cinema: Vera Hamburger. 24 abr. 2020. Disponível em: . Acesso em: 11de outubro. 2024.

SOUZA, J. C. A. de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2015.

SANTOS NETO, Benedito Ferreira dos. **Três reflexões sobre a direção de arte no cinema brasileiro**. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9930>. Acesso em: 15 outubro. 2024